

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

FERNANDO PEIXOTO

EM CENA ABERTA

MARILIA BALBI

imprensa oficial

**Fernando Peixoto**

**Em Cena Aberta**



**Fernando Peixoto**

**Em Cena Aberta**

Marilia Balbi

**| imprensaoficial**

São Paulo, 2009



Governador José Serra

**imprensaoficial** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Diretor-presidente Hubert Alquéres

**Coleção Aplauso**

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

## Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

**José Serra**

Governador do Estado de São Paulo

## Coleção Aplauso

*O que lembro, tenho.*  
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

**Hubert Alquéres**

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



## Introdução

Fernando Amaral dos Guimarães Peixoto é diretor, ator, ensaísta, crítico de teatro, jornalista, tradutor, escritor. Nasceu em 19 de maio de 1937, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Gaúcho, conquistou São Paulo, o Brasil e o mundo. Participou de momentos históricos e decisivos da cultura brasileira. Foi ator na companhia de Maria Della Costa, na de Tônia-Autran-Celi; da primeira turma do Teatro Oficina e diretor de peças antológicas escritas por Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, como *Murro em Ponta de Faca* e *Ponto de Partida*, que lhe deu o Prêmio Molière da Air France em 1973. Tempos de censura aos artistas e jornalistas, quando a polícia torturava amigos, rebeldes, comunistas. Era da ditadura, quando nossos brilhantes artistas arrumavam brechas para driblar a censura e passar sua mensagem de reflexão, por meio do teatro.

Fernando Peixoto também dirigiu shows que marcaram época, como no histórico *1º de Maio do Riocentro*, quando o *feitico* *voltou-se contra o feiticheiro* e as bombas armadas para impedir a realização do show explodiram no colo dos militares que queriam sabotar o espetáculo. Shows que reuniam a nata da nossa música popular brasileira. Ele fez parte dessa frente

com Chico Buarque de Hollanda, Gil, Caetano, Ruy Guerra, Zé Celso, Guarnieri, Othon Bastos, Martha Overbeck e muitos outros na luta pela abertura democrática.

Organizado, tem tudo registrado no seu arquivo abarrotado de pastas com recortes de jornais, *folders* de peças, libreto de óperas que ele encenou. Seu apartamento no Brooklin, em São Paulo, respira teatro, com a memória dependurada nas paredes, cartazes das peças famosas que dirigiu, fotos de momentos históricos da sua carreira como ator, encenador e jornalista, como a que entrevista Marlene Dietrich, no auge de sua carreira, para o jornal *Correio do Povo*, em Porto Alegre. Nas pastas, a lista de artigos para jornais da resistência como *Opinião e Movimento*, etc. São centenas de artigos publicados no exterior, participações em festivais de teatro e cinema, membro de júri em festivais ou concursos, tradutor de artigos e livros, verbetes de enciclopédia, prefácios de livros, responsável pela edição de diversos livros. São mais de 500 livros que citam seu trabalho, mais de 100 teses sobre ele, ou de artigos e estudos sobre teatro brasileiro e o teatro de Brecht.

Na estante de livros, tudo sobre o teatro brasileiro, muitos de sua autoria, como: *Um Teatro Fora do Eixo, Teatro em Questão, Teatro em Mo-*

*vimento, Teatro em Pedacos, Teatro em Aberto, Brecht – Vida e Obra, Maiakovski – Vida e Obra, Sade – Vida e Obra, Ópera e Encenação, Brecht: uma Introdução ao Teatro Dialético, Hollywood: Episódios da Histeria Anticomunista, Büchner, Teatro Oficina: Trajetória de uma Rebelia Cultural e O que é Teatro?*

Apesar de todo saber, Fernando Peixoto é um homem simples e elegante, em suas impecáveis *Guayaberas* (camisas cubanas), fala da luta pela liberdade de expressão, de um tempo de criatividade e da emoção por tudo que passou nestes 50 anos de teatro brasileiro.

Foi um desafio, no auge da ditadura era secundarista, e acompanhei depois como jornalista a trajetória desta frente que lutou pela democracia em nosso país. Admiração pela resistência em um tempo difícil, mas de esperança no futuro!

Foram várias tardes de sábado, domingo, que renderam muitas horas de gravação. Valeu a pena! Claro que sua vida daria vários livros da coleção. Mas não poderia faltar Fernando Peixoto, nem muitos aplausos!

Fernando Peixoto foi coordenador do festival da Universidade de Blumenau, participa da Comissão de Seleção do Prêmio Gerd Bornheim, da

Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, que escolhe os melhores trabalhos do teatro brasileiro; do Conselho Artístico do Grupo Folias d'Arte e membro fundador e da direção da Eitalc – Escola Internacional de Teatro da América Latina e do Caribe. Trabalha no setor de Artes Cênicas da Funarte – Ministério da Cultura. Foi o organizador do livro de Yan Michalski, crítico de teatro do *Jornal do Brasil*.

**Marilia Balbi**

## Capítulo I

### Primeiro o Cinema, depois o Fascínio pelo Teatro

Não tinha interesse nenhum por teatro, meu negócio era cinema. Toda a minha formação intelectual e mesmo social e política foi por meio do cinema: o cinema mudo, as exibições de filmes norte-americanos, o cinema soviético.

Iniciei como ator com 16 anos em 1953 e como jornalista e *crítico* aos 19 anos. Minha geração estava conscientemente empenhada na luta por um determinado tipo de teatro e pela defesa de certos valores cênicos que então julgávamos os únicos corretos para o processo cultural nacional. A princípio o modelo era o Teatro Brasileiro de Comédia, depois o ideal passou a ser o trabalho desenvolvido em São Paulo pelo Teatro de Arena. Comecei a fazer teatro porque queria fazer cinema. Em Porto Alegre não havia outra opção como ponto de partida para chegar ao cinema. Acabei mergulhando no teatro até o pescoço. Quando garoto detestava o teatro. Mas meus pais insistiam para que fosse assistir aos espetáculos, mas eu resistia. Para mim o teatro era velho e definitivamente superado. Eu passava tardes e noites mergulhado, hipnotizado, naquilo que para mim resumia o sentido de tudo: o cinema.

Lembro de alguns espetáculos que vi, quase forçado, no cenário apenas um sofá no meio de paredes pintadas, gente se mexendo num espaço ridículo: uma afetação irritante, falando coisas que não me diziam respeito. O cinema, ao contrário, me estimulava. Assim como os livros. Os romances de Érico Veríssimo me fascinavam, antes mesmo de nos tornarmos amigos. A literatura norte-americana também, como Steinbeck, Hemingway, John dos Passos, Faulkner. Mas bem cedo descobri que o filme era mais que um depósito generoso de emoções fortes. A minha vontade de conhecer o cinema por dentro me levou às páginas da *Cena Muda*, onde as críticas de Alex Vianny me abriram os olhos. Depois descobri dois livros que se transformaram numa bíblia sagrada: *O Cinema – sua Arte, sua Técnica, sua Economia*, de Georges Sadoul, e o *Tratado da Realização Cinematográfica*, de Kulechov.

Finalmente, um dia, uma notícia de jornal me levou à minha universidade: ao Clube de Cinema de Porto Alegre. E uma retrospectiva do cinema clássico me apresentou os clássicos: Eisenstein, Pudovkine, Griffith, Buster Keaton, Dziga Vertov, Sjöstrom, entre outros. Nasceu a decisão definitiva: chegar ao cinema. E a necessidade do caminho: fazer teatro.

## Fiquei Fascinado pelo Espetáculo

Um dia uma tia chegou lá em casa e disse que estava com entradas para assistir a uma peça e eu disse *não vou, vou ao cinema*. Acho que tinha 16 ou 17 anos. Não queria ir, ela disse que era de uma associação beneficente. Fui obrigado a acompanhar a tia. A peça se chamava *A Verdade de Cada Um*, de Pirandello. Acho que descobri ali a minha verdade. Fiquei fascinado pelo espetáculo. Comecei a frequentar. Logo em seguida, o Colégio Anchieta, onde estudava, resolveu fazer uma peça e o padre me convidou para participar. A peça era *Os Holandeses no Brasil*, do padre José Solari, em 1953. Fiz uma pequena participação, mas foi importante para mim. Num dos primeiros ensaios sofri bastante, porque fui obrigado a sacrificar uma oportunidade única de assistir, uma sessão especial de *Adúltera (Le Diable aux Corps)*, de Duvivier, filme com Gerard Philippe.

Naquele ano que vi a peça *A Corda*, de Patrick Hamilton, que estava em cartaz no Teatro do Estudante, passei a frequentar sempre o teatro. Quando a peça foi viajar, um ator que não podia viajar me pediu para substituí-lo. Já estava ligado ao grupo, ajudava na bilheteria, vendendo o programa, ficava na porta cortando o ingresso. O ator que não podia viajar era o Abujamra, incrível! Minha estréia então como ator foi em

idades do interior e depois em uma participação pequena em *O Noviço*, de Martins Pena. Mais tarde, eu e o Abujamra saímos deste grupo e fundamos o Teatro Universitário, em Porto Alegre. Depois trabalhei com outros grupos e só em 1963 vim para São Paulo.

O Teatro do Estudante era um grupo muito importante. Já havia produzido muitos espetáculos e revelado atores famosos que deixaram Porto Alegre e foram trabalhar em São Paulo e no Rio, como Walmor Chagas e José Lewgoy, entre outros. Nós saímos desse grupo e fundamos o Teatro Universitário da UEE (União Estadual de Estudantes) e estreamos com *Feliz Viagem a Trenton*, de Thornton Wilder. No grupo estávamos Abujamra, eu e muitos outros. E outros que também saíram do Teatro do Estudante, organizaram outro grupo: o *Clube de Teatro*.



*Feliz Viagem a Trenton, Porto Alegre, 1955: Sergio Pretto, Nilton Carlos Scotti, Maria de Lourdes, Luiza Mello e Fernando Peixoto*



## Capítulo II

### Memórias do Teatro

#### Um Intruso Determinado

O movimento teatral em Porto Alegre sempre foi muito grande, com diretores de São Paulo e do Rio de Janeiro dirigindo peças por lá. Essa peça em que trabalhei, *A Corda*, dirigida pelo Silva Ferreira, foi minha estréia para valer no teatro, em 1954. Um ano antes, participei no colégio Anchieta, em Porto Alegre, a encenação de *Os Holandeses no Brasil*, do padre José Solari.

Foi em 18 de novembro de 1953, quando me aproximei como intruso, com a intenção de participar do grupo que estreava a peça *A Corda (The Rope)*, de Patrick Hamilton, um texto policial-psicológico sobre um crime cometido por homossexuais como exercício intelectual de *ato gratuito*, peça que Alfred Hitchcock filmou com grande sucesso e que ficou conhecida como *o Festim Diabólico*. Assisti à estréia com a certeza de que aquele universo seria também meu. Olhava fascinado para os intérpretes. Me aproximei para ficar: voltei no dia seguinte e no dia seguinte. Conhecia alguns integrantes ou amigos do grupo, pois eram assíduos frequentadores, como eu, das sessões do Clube de Cinema, que

formou a todos nós, e também estavam sempre na biblioteca e no bar do Instituto Cultural Brasileiro-Norte-americano, onde muitos de nós estudávamos inglês e todos vivíamos mergulhados nos livros e revistas.

Passei a vender o programa da peça, colar cartazes nas ruas, vender ingresso na porta. Surgiram novos e eternos amigos, como Abujamra e Cláudio Heemann.

Quando substituí o Abujamra, durante a excursão da peça pelo interior do Rio Grande do Sul, os jornais noticiaram que *um vagão do trem carrega teatro*. Apresentamos a peça em Cachoeira, Santa Maria, Alegrete, Uruguaiana e Livramento. Foi nessa viagem que vi o custo de uma produção teatral. Propus procurar o secretário do governador, que não conhecia, para buscar patrocínio para a nossa viagem.

Contei-lhe das nossas dificuldades em levar o Teatro do Estudante para representar em cidades do interior. Ele prontamente nos deu transporte. Fui mais adiante, sugeri que o problema da hospedagem estaria resolvido, caso a viação férrea nos cedesse um vagão-leito, onde nos alojaríamos durante o percurso. Ele prometeu pedir o vagão ao diretor da estrada de ferro. Estávamos com sorte, a condução e a hospedagem estavam garantidas.

Faltavam a comida, a propaganda e os locais para as apresentações. Um dos atores seguiu viagem, visitando as diversas cidades por onde passaríamos. As prefeituras locais e as agremiações estudantis garantiram as duas primeiras. Os cinemas, entretanto, exigiam 50% da renda bruta de cada noite. Mas não havia outro jeito e aceitamos.

Foi uma aventura alucinante, em plena adolescência, com episódios inesquecíveis. Em Uruguai fizemos uma récita de *O Noviço*, de Martins Pena em praça pública e mais de 3 mil pessoas foram nos assistir.

Mas foi nessa viagem que comecei a ler e a estudar seriamente o teatro. Na volta o Teatro do Estudante entra em crise e surgem três grupos novos: a Comédia da Província, o Teatro Universitário da União Estadual de Estudantes e o Clube de Teatro da Federação de Estudantes Universitários do Rio Grande do Sul. Fui para o Teatro Universitário, onde participei de três peças em 1955: *Feliz Viagem a Trenton*, de Thornton Wilder, direção de Carlos Murтинho; *O Muro*, de Jean-Paul Sartre, direção de Carlos Murтинho; e *Uma Mulher e Três Palhaços*, de Marcel Achard, direção de Silva Ferreira.

O Teatro Universitário se transformou em centro do movimento teatral gaúcho. *Uma Mulher e*

*Três Palhaços* imediatamente alcançou significativa repercussão cultural e social. Foi o atestado de maioria do grupo, com a imprensa elogiando o grupo, a *sobrevivência do Teatro Universitário é uma necessidade para Porto Alegre*. Uma idéia minha, do Abujamra e de nosso pessoal.

24

Durante os preparativos de *O Muro* enfrentamos um divertido *incidente religioso*: os ensaios eram realizados no palco da Pontifícia Universidade Católica, no mesmo prédio do Colégio Rosário, onde eu e o Abujamra estudávamos. Os padres ficaram sabendo pela imprensa que o grupo preparava uma peça de Sartre e inúmeras vezes apareciam nos bastidores procurando nos surpreender, mas tínhamos sorte, porque sempre encontrávamos tempo para alterar o texto na hora em que a batina aparecia. Enquanto isso éramos chamados para *conversas particulares*, nos advertindo que encenar Sartre significava a excomunhão...

Em 21 de maio de 1956 sai publicado no *Diário Oficial* a relação dos sócios-fundadores do Teatro Universitário: Antonio Abujamra, Fernando Peixoto, Maria de Lourdes Queiroz de Castro, Luzia Mello, Nilton Carlos Scotti, Armando Piazza Filho, Sergio Angelo Pretto, Lígia Dariano, Laís Guimarães, José Antonio Moraes



O Muro, com *Hamilton Amábile* e *Nilton Carlos Scotti*



Uma Mulher e Três Palhaços: *Fernando Peixoto, Silva Ferreira, Lúcia Beatriz Carotenutto, Antonio Abujamra, Nilton Carlos Scotti e Armanda Piazza Filho*

de Oliveira (Killer), Walter Bock, Roney Gazola e Vinicius Salvatori, todos brasileiros, solteiros e estudantes universitários.

Nessa data já estava entre os universitários: começava a estudar no primeiro ano da Faculdade de Direito de URGs...

Enquanto nossa cidade fechava o ano teatral com chave de ouro, nosso país atravessava momentos difíceis: um golpe militar tentou impedir a posse de Juscelino Kubitschek, mas foi desarticulado; Nelson Pereira dos Santos filmava *Rio 40 Graus*, dando início ao Cinema Novo no Brasil; era fundado o Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), que teria uma significativa influência no movimento do *Centro Popular de Cultura* na década de 60; e na Europa era organizado o Pacto de Varsóvia, para fazer frente ao militarismo capitalista da Otan, instante decisivo da *Guerra Fria*.

27

## O Crítico de Teatro

Carlos e Olga Reverbel, meus amigos, e também P.F. Gastal, jornalista e presidente do *Clube de Cinema*, inventaram esta história de me colocar como crítico de teatro. Foram oito anos de jornalismo diário em Porto Alegre. Com o casal Reverbel fui muitas vezes à casa de Érico Verís-

simo. Minha primeira coluna no Suplemento Literário do *Correio do Povo*, em Porto Alegre, foi publicada em setembro de 1956. O suplemento literário só tinha crítica de cinema, mas o movimento teatral crescia na cidade. Meu primeiro artigo *O movimento teatral em Porto Alegre*.

Em 1957 assumi a coluna teatral diária do jornal *Folha da Tarde*, da mesma empresa do *Correio do Povo*: comecei a fazer artigos, críticas, entrevistas, reportagens.

28

Um ano depois, vim a São Paulo para ver espetáculos, enviado pelo jornal, e alguns anos depois vim definitivamente para São Paulo trabalhar no Teatro Oficina. Meus artigos agora tinham notícias de São Paulo e Porto Alegre. Informava a próxima temporada da Companhia Tonia-Celi-Autran no Teatro São Pedro, anunciava duas palestras em Porto Alegre do encenador Adolfo Celi e também a promessa da vinda em setembro do Teatro Popular de Arte, de Maria Della Costa e Sandro Polloni.

Meu objetivo, ao escrever a coluna no jornal, era valorizar o novo teatro, o dos universitários. E inserir o teatro gaúcho no panorama geral do teatro brasileiro.

Minha primeira crítica foi a peça *Otelo*, de Shakespeare, estrelado por Paulo Autran, um dos integrantes da Companhia Tonia-Celi-Autran. Comecei bem!

*Moral em Concordata* estréia com Maria Della Costa em 17 de setembro de 1957, outra musa do teatro brasileiro. Todas as peças de Abílio Pereira de Almeida são êxitos certos de bilheteria e foi assim que o autor passou a ocupar uma posição privilegiada, quase única no Brasil, principalmente junto aos empresários. Obrigado a encenar originais de autores brasileiros, um difícil peso para qualquer elenco profissional, por mais desejoso que seja de colaborar para o desenvolvimento da dramaturgia nacional. *Moral em Concordata* foi o primeiro espetáculo dessa temporada de Maria Della Costa, com seu Teatro Popular de Arte, uma das mais sérias e importantes companhias de teatro daquela época no Brasil, no Teatro São Pedro, em São Paulo.

Como era de se esperar, o sucesso popular foi grande, artisticamente *ficamos esperando a estréia de O Canto da Cotovia*, próxima peça da companhia. A peça de Jean Anouilh conta o processo de Joana d'Arc, sem a preocupação de reconstituição histórica. O objetivo de Anouilh vai mais adiante, usa o personagem e fatos do conhecido momento histórico, para criar uma



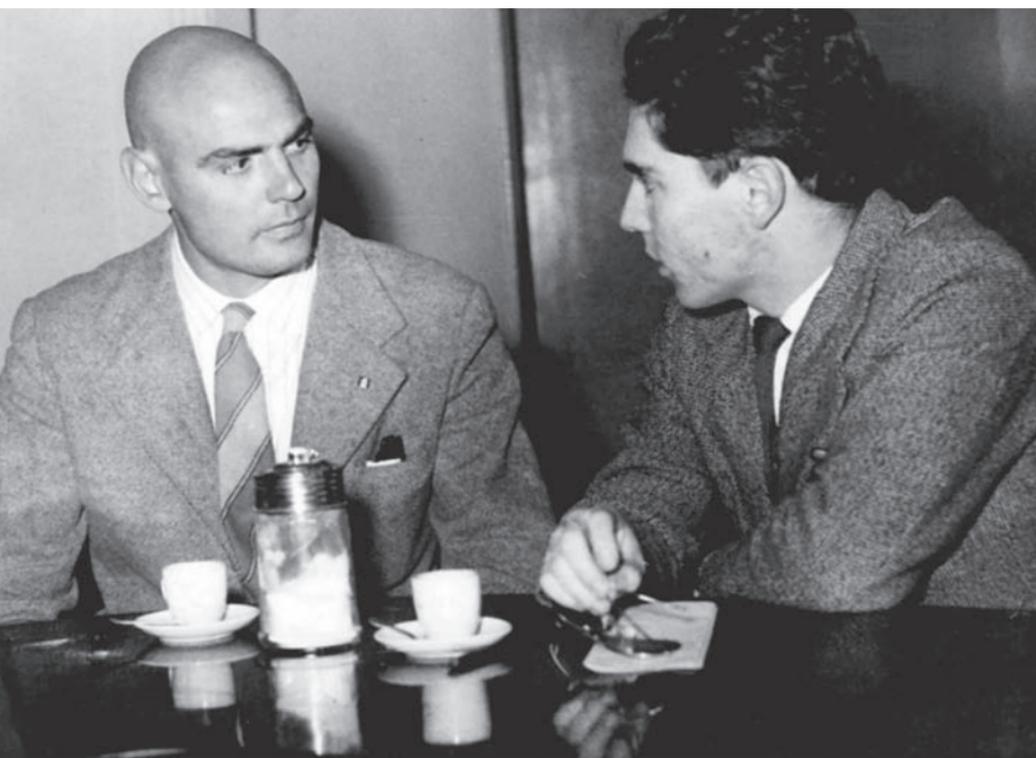
*Com Paulo Autran, Porto Alegre, 1956*

visão satírica da sociedade atual. Todos os seus diálogos são intencionalmente voltados para a nossa realidade. Todo o processo de Joana é narrado com habilidade e simplicidade, uma característica de toda a obra do autor francês. É apenas uma base para toda a intenção da peça. O papel de Joana d'Arc foi magnífico e, sem dúvida, escrevi na crítica do jornal gaúcho *Correio do Povo: um dos grandes desempenhos do teatro brasileiro. Maria Della Costa captou, com grande sensibilidade, a imensa sutileza psicológica de Joana do ano mil e o resultado de sua criação é realmente excelente. Todos os seus jeitos, movimentos, olhares, inflexão são tremendamente cuidados e perfeitos. O espectador nunca sente a atriz, mas a poética Cotovia.*

31

De repente, depois que escrevo essa crítica, entro para o elenco desse espetáculo, uma loucura!

E fui ao Uruguai, virei ator profissional. O Uruguai, naquela época estava na rota cultural do entretenimento. Os críticos de Montevideu não pouparam elogios sobre a peça *A Prostituta Respeitosa*, de Sartre, com Maria Della Costa, *um trabalho notável personificando uma prostituta vulgar com uma riqueza de detalhes, transmitindo emoção e intensidade dramática nos momentos mais culminantes da ação.* A encenação era um exemplo de como o teatro



*Com Sandro Polloni, Porto Alegre, 1957*

brasileiro havia progredido, desde a época em que esse espetáculo foi lançado. Quem disse isso foi o Angel Rama, um excelente crítico de teatro uruguaio e que se tornou grande amigo meu.

Foram vários os elogios, de vários críticos: *a representação oferecida pelo TPA – Teatro Popular de Arte significou feliz apresentação de um teatro brasileiro, sério, adulto, bem orientado e que atende igualmente as exigências técnicas da profissão, a qualidade estética dos aspectos formais do espetáculo e uma expressiva unidade espiritual apreciável na valorização do texto e no jogo dos atores.*

### **Crítico x Repórter**

33

Ser crítico e repórter são coisas diferentes. Entrevistar uma pessoa é muito mais importante, ter o contato com a pessoa, fazer perguntas, conversar, obter respostas. Minha seção no jornal era diária, com entrevistas com artistas tanto de fora como artistas de lá. Comecei a abrir os olhos para a conturbada realidade sociopolítica nacional. O cotidiano da redação do jornal me forneceria as lições básicas.

Fazia crítica dos espetáculos a que assistia e noticiário do que acontecia nas artes cênicas. *Otelo*, com Paulo Autran, e *O Canto da Cotovia*,

com Maria Della Costa, era fantástico conviver com essas pessoas! Freqüentava muito o teatro, assistia aos espetáculos, entrevistava os atores, conversava com eles nos bastidores, às vezes saía para jantar com os atores, que já eram consagrados naquela época.

Minha coluna seguia toda a produção teatral em Porto Alegre. Veja estes recortes: *primeira conferência de Adolfo Celi, diretor de Otelo*. A companhia se chamava Tonia-Celi-Autran. Era um dos grandes nomes italianos que vieram para o Brasil: o Adolfo Celi, o Ruggero Jacobbi e outros que vieram com o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia). Ele se ligou a Tonia Carrero e Paulo Autran e fundaram a companhia.

34

*Otelo* foi uma das minhas primeiras críticas: *Paulo Autran, excepcional, magnífico no papel de Otelo. É difícil encontrar palavras para elogiá-lo. Minha impressão basta para considerá-lo um dos maiores atores do Brasil e que este Otelo é a sua maior criação... Tudo num ritmo ágil, as mudanças de cenas são feitas com efeitos de luz e mudanças de plano de ação, revelando a inteligência, a moderna visão de teatro do diretor Adolfo Celi*. Fiz críticas de 1957 a 1963.

Após *Otelo* montaram outra peça: *Esses Maridos*, uma comédia de George Axelrod. No elenco,

duas gaúchas, a Amélia Bittencourt e Elizabeth Hartmann, que depois vieram morar em São Paulo. Depois de ver *Esses Maridos* escrevi a crítica: *a comédia leve, inconseqüente e decididamente muito divertida. O teatro moderno americano tem usado com bastante freqüência o processo de fazer as peças se desenrolarem em dois planos, um real e outro irreal.* Um texto delicioso transformado em divertido espetáculo da companhia Tonia-Celi-Autran. Foi um dos maiores sucessos de público em nossa cidade.

A próxima peça, dessa importante temporada, será o drama de Antonio Callado, *Frankel*, uma das mais interessantes obras dramáticas. Escrevi para o Suplemento Literário do *Correio do Povo* a partir de setembro de 1956 e para a coluna diária da *Folha da Tarde*, com crítica, entrevistas e noticiário desde maio de 1957 até 1963, quando troco Porto Alegre por São Paulo e entro para o Teatro Oficina.

### **Famosas Entrevistas**

A atividade teatral na cidade foi crescendo. Trabalhava no jornal, fazia a coluna, textos para entrevistas e à noite ia ao teatro ensaiar ou assistir a peças para escrever a crítica para o jornal. Quando recebia a notícia de que as celebridades do cinema e do teatro iriam passar por Porto



*Ziembinski, Cacilda Becker e Walmor Chagas, Porto Alegre, 1959*

Alegre, ia para o aeroporto, onde a maioria das entrevistas acontecia.

Eles tinham o costume de passar por aqui, e entrevistei famosos como a Marlene Dietrich (1959), Yves Montand, Louis Armstrong, Jeanne Moreau. Havia um festival importante na Argentina. O vôo que vinha da Europa fazia sempre escala em Porto Alegre.

Uma vez fui encontrar o Armstrong e tomamos um uisquinho no bar. Ele me apresentou a turma toda de músicos. Conversamos um pouco. O Yves Montand também pediu para irmos ao bar, para tomar um uísque e falar sobre cinema. A Jeanne Moreau tinha saído, naquela semana, na capa de uma revista francesa. Ela era ainda pouco conhecida, mas também fui ao aeroporto para entrevistá-la, assim como a Marlene Dietrich, no auge da sua carreira.

Mas a entrevista, que mudou minha vida, foi feita comigo quando vim para São Paulo, no final de 1962, enviado pelo jornal *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, para fazer umas reportagens sobre o que estava acontecendo no teatro de São Paulo e do Rio de Janeiro.

O Sábato Magaldi fez uma entrevista longa comigo sobre o teatro de Porto Alegre, publicada



*Entrevistando Marlene Dietrich, 1958*

em *O Estado de S. Paulo*. Além disso, o Arena ia fazer uma temporada no Rio com *Mandrágora* e o Guarnieri não podia ir, por algum compromisso. O Boal soube que estava em São Paulo, me conhecia do teatro de Porto Alegre e me convidou para substituir o Guarnieri. Mas não podia aceitar o convite, porque tinha que voltar para Porto Alegre, estava a serviço do jornal. Saiu publicado no jornal duas matérias, a entrevista do Sábado comigo e uma nota de que o Boal estava procurando um ator e que eu não poderia substituir o Guarnieri.

O Zé Celso, do Oficina, leu a entrevista e questionou: *nossa, quem é esse cara que foi convidado para substituir o Guarnieri?* E além disso gostaram muito da entrevista com o Sábado. Foram atrás do Boal para saber de mim e localizaram o hotel onde estava. Fui então convidado para uma reunião no Teatro Oficina. Aliás o único espetáculo que paguei em São Paulo foi no Teatro Oficina para assistir *Quatro num Quarto*. Fui em todos os teatros: Sérgio Cardoso, Maria Della Costa, TBC, Arena, sempre convidado.

Na reunião com o Oficina me convidaram para entrar para o grupo. Mas tinha que voltar para o Sul. Mas prometi, *eu volto!* Fui para Porto Alegre, pedi no jornal uma licença não remunerada de três meses, voltei para São Paulo e

entrei para o Oficina. Minha primeira atuação foi uma substituição em *Quatro num Quarto*, o mesmo espetáculo que paguei para assistir. Entrei no papel de Ronald Daniel, o mesmo que fez contato comigo no Arena.

### ***Quando Ousares, Ouse***

40 Coube ao Teatro Universitário a iniciativa de trazer de volta a Porto Alegre, para um recital, em julho de 1956, no Instituto Belas Artes, o ator gaúcho Walmor Chagas, que já fazia sucesso no TBC de São Paulo. Foi um recital de poemas com textos de Mario Quintana, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Vinicius de Moraes, Mário de Andrade, Fernando Pessoa, entre outros. No programa do espetáculo, o anúncio das próximas atrações do teatro gaúcho: *À Margem da Vida*, de Tennessee Williams, pelo Teatro Universitário; e *Hamlet*, de Shakespeare, pela Comédia da Província. Foram os mais significativos espetáculos do ano. Em *Hamlet* fiz o papel de primeiro ator e primeiro coveiro. Foi uma montagem que exigiu esforço e estudo. E muitas horas de trabalho. As madrugadas acabavam no tradicional Restaurante Treviso, que ficava no Mercado. Uma noite fui jantar lá com Francisco Alves. Nessa época tínhamos o hábito de devorar livros, com uma avidez impressionante. Esgotavam os estoques de livros de teatro nas livrarias.

O espetáculo de Shakespeare despertou imensa repercussão na cidade, criando grande expectativa em torno da capacidade dos intérpretes em enfrentar o texto de Shakespeare. As atenções estavam centradas na estréia no teatro de uma conhecida figura da sociedade, a *ex-glamour girl*, Themis Reverbel da Silveira, como Ofélia, e de duas vozes conhecidas da rádio gaúcha: Wilson Fragoso, como Hamlet, e Athaide de Carvalho no papel de rei.

Antonio Abujamra escreveu no Suplemento Literário do *Correio do Povo* que o *Nosso Hamlet, quem sabe, não incentivará um verdadeiro florescimento teatral em nossa cidade? E lembremos Fernando Pessoa: Ah! Quando ousares, ousa!*

41

Uma lembrança curiosa, ainda não estávamos nos anos de repressão, inaugurados com o golpe militar de 1964, mas buscar autorização para o espetáculo era um hábito de rotina. No caso do *Hamlet*, coube a mim buscar o documento de liberação. Encontrei com um estranho policial que me chamou na sala e me perguntou: *Aqui estão escritos cinco atos. Até hoje nunca vi isso. Tu podes me dar uma explicação disso, para poder autorizar ou não autorizar?* Enquanto outro policial resmungava: *inventam cada uma!*

O espetáculo estreou com grande êxito de público, mas a crítica fez reservas. Nessa época começou a ser discutida a questão da crítica. Fui em seguida convidado para escrever no Suplemento Literário do *Correio do Povo*. No ano seguinte assumimos a crítica dos jornais: eu, o Antonio Abujamra e Cláudio Heemann, e nos tornamos jornalistas profissionais.

42      Tempos para descobrir que o teatro e a sociedade estavam unidos intimamente, que o processo cultural se desenvolve dentro de uma realidade histórica objetiva, inserida num movimento social e econômico de características nacionais. Tudo ainda vago e impreciso, mas estava aberto o caminho para a compreensão do marxismo...

### **Teatro do Estudante**

As peças não tinham uma regra, os diretores sugeriam uma montagem. *Uma Mulher e Três Palhaços*, por exemplo, fez um grande sucesso em São Paulo, no início do Teatro de Arena, e o Sílvia Ferreira sugeriu que a gente montasse em Porto Alegre. Autores gaúchos como Paulo Hecker Filho foram importantíssimos nesse início do teatro no Sul. Ele tinha escrito *O Provocador*, que o Mário de Almeida dirigiu. Minha primeira direção vai ser uma peça dele, *Matar*, em 1959, no Curso de Arte Dramática da URGs. Escolhi

*Matar*, peça que Walmor Chagas havia encenado num teatro experimental que o TBC de São Paulo tinha nas segundas-feiras. Paulo era em Porto Alegre um autor *maldito*. Era um amigo e eu tinha grande fascínio por sua figura de intelectual polêmico e lúcido. Ele havia escrito uma novela sobre homossexualismo, *Internato*, que o colocou no *index* da cidade. Escolhi a peça de Paulo como provocação: encená-lo no Salão de Atos da Reitoria da Universidade. E por ser um dramaturgo gaúcho.

A origem dos grupos teatrais gaúchos está no Teatro do Estudante. Brigas internas provocaram um verdadeiro desmembramento no Teatro do Estudante e o resultado foi a fundação de uma série de grupos, principalmente a Comédia da Província, o Teatro Universitário e o Clube do Teatro. Sempre fui um crítico do teatro amador de Porto Alegre, porque havia grupos sem intenções artísticas. Muita gente queria fazer teatro como se estivessem em saraus dos avós, muito por vaidade, futilidade, exibicionismo. Muita gente não tinha intenção de seguir o teatro profissionalmente; ao invés de estarem preocupados em montar textos nacionais, estavam preocupados com os êxitos da Broadway, de Paris ou do West End. Mas sempre bati nesse assunto, sem autores nacionais, não há teatro nacional.



Matar, *Ivette Brandalise e Armando Ferreira Filho, 1959*

Fiquei no Teatro Universitário e depois estive no Teatro do Sul, fundado por Ruggero Jacobbi. Cheguei a trabalhar com o Ruggero como assistente de direção no Teatro do Sul. No curso de Arte Dramática, o Ruggero inventou que tinha pessoas com tendência para a direção. Ele me colocava sempre como assistente de direção. Um dia o Ruggero inventou de fazer um seminário de direção dentro do curso, de interpretação de ator. Era para os alunos que já tinham completado o primeiro ano, e foram aceitos outros seis do segundo ano, estavam entre estes: Armando Ferreira, Cláudio Heemann, Yara Vitória da Silva, entre outros. Foram 16 aulas teóricas e no final faríamos uma experiência na direção. Armando Ferreira escolheu Machado de Assis, eu escolhi peça de Paulo Hecker Filho. Foi a minha primeira experiência como diretor em *Matar*. Foi maravilhosa, muito forte!

45

Mais tarde vou para o Teatro de Equipe, onde estão Ivete Brandalise, Paulo César Pereio, Paulo José, Mário de Almeida, Milton Mattos, Moema Brum. O Teatro de Equipe foi muito influenciado pelo Teatro de Arena, de São Paulo. A idéia era ter um espaço próprio. No Teatro de Equipe havia várias atividades culturais. Ficava na rua General Vitorino 312. Comecei a trabalhar com os fundadores, o Paulo José, Paulo César Pereio,



*Ruggero Jacobbi, Augusto Boal e Fernando Peixoto, 1959*

Milton Mattos e Mário de Almeida, diretor-geral e encenador contratado. Mário aparecerá como ator somente em *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, com direção de Luis Carlos Maciel, dirigindo em co-produção do *Teatro Universitário* com o *Teatro de Equipe*.

Nessa época criamos o núcleo gaúcho do CPC – Centro Popular de Cultura ligado à UEE. Já conhecia o Vianinha, que havia estado em Porto Alegre com o Teatro de Arena. Eu estava vinculado ao Teatro de Equipe, que tinha uma postura de trabalho nacional e política, sem dúvida visceralmente influenciado pelo trabalho do Arena e pelas notícias que recebíamos do trabalho do próprio CPC da UNE. Quando Cuba foi invadida, em 1961, aconteceu em Porto Alegre um espetáculo que foi uma espécie de embrião do CPC local: *Pátria ou Muerte*, de Vianinha, apresentado pelo Arena de São Paulo, o Equipe e estudantes da Feurgs.

Com *Brasil – Versão Brasileira*, de Oduvaldo Vianna Filho, já se organiza um teatro político. O diretor da União dos Estudantes na época era o Marco Aurélio Garcia, hoje assessor de assuntos internacionais no governo Lula. O Marco Aurélio, amigo meu de infância, me chamou para dirigir e organizar a ida do CPC para Porto Alegre para uma série de espetáculos. Na semana



*Ruggero Jacobbi*

*apresenta*

T<sub>E</sub>ATRO

D<sub>O</sub>

S<sub>UL</sub>

*com*

*Daisy Santana*

1959



*Teatro do Sul*

de cultura do Centro Popular de Cultura apresentamos vários espetáculos e exibimos os filmes. A abertura foi no salão de Atos da Universidade do Rio Grande do Sul, onde foi encenada uma peça sobre a reforma universitária e os filmes, *Aruanda*, *Arraial do Cabo* e *O Santuário*. E ainda o curta-metragem cubano *Muerte al Invasor*.

No dia seguinte, na reitoria, foi apresentado o espetáculo intitulado *Miséria ao Alcance de Todos*: na primeira parte, *Canção do Subdesenvolvimento*, de Chico de Assis e Carlos Lyra; *Paga, não Paga*, de Augusto Boal; a música *Maria do Maranhão*, de Carlos Lyra e Nelson Lins de Barros; o poema *O General*, de Bertolt Brecht; e o prólogo da peça *A Vez da Recusa*, de Carlos Estevam; na segunda parte, a peça de Arnaldo Jabor, que tinha três títulos, *História do Formiguiinha* ou *Deus Ajuda os Bão* ou *Como Entrar bem pelos Canais Competentes...*

No terceiro dia foi encenada *Brasil – Versão Brasileira*. Noticiei a chegada do CPC com grande destaque: *Excepcional e inesperado acontecimento...*

Durante esse período vamos ter contato com gente de Cuba, como o poeta cubano Nicolas Guillén que fez uma palestra no Teatro Equipe. E fazer peças sobre a revolução cubana.

## ***O Despacho Virou Lenda***

Era uma época muito gostosa de se viver. Fizemos um esforço com o Teatro de Equipe para formar uma companhia profissional para poder nos manter com a profissão. Eles chegaram a encenar várias peças, como *O Demorado Adeus*, dirigido por Mário de Almeida, com Paulo José, Ivete Brandalise e eu. O grupo fez várias peças, mas fiz depois só *O Despacho*. O espetáculo teve uma repercussão imensa e estreou um pouco antes do golpe, da queda de João Goulart. Foi impressionante porque a peça tratava do tema. Foi escrita pelo Mário de Almeida e contava a situação política brasileira, a derrubada de um presidente. Parecia que havia sido escrita depois do golpe. Por causa da coincidência, teve problemas com a censura. Incrível é que esse texto se perdeu, ninguém sabe onde ele está.

50

A peça *O Despacho* estreou em 18 de julho de 1961, poucos dias da renúncia do presidente Jânio Quadros. Texto sensível, de reflexão crítica sobre a contraditória e perturbada realidade sociopolítica nacional. O Teatro de Equipe tinha como referência e não como modelo, mas como estímulo artístico e ideológico, o trabalho do Teatro de Arena de São Paulo. Nesse espetáculo soube aprofundar a análise da realidade gaúcha tentando até mesmo personalizar o trabalho teatral do Rio Grande do Sul.

*O Despacho* virou lenda, o Mário de Almeida sempre vinha com essa: *assim como Pirandello escreveu Seis Personagens à Procura de um Autor, vou escrever um autor à procura de um texto*. A estréia foi acompanhada de diversos acontecimentos em todo o planeta, como a Guerra Fria, o muro de Berlim. O governador Leonel Brizola se interessou pela peça e perguntou na ocasião se tínhamos condições de levar *O Despacho* para o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Ele financiou a viagem da peça para as três cidades. Mas em São Paulo a peça, que seria encenada no Teatro Oficina, foi cancelada. Na véspera da viagem do grupo para São Paulo, um assessor do Brizola chegou ao teatro com uma mala cheia de dinheiro e pediu para que o Mário de Almeida o aguardasse após o espetáculo. Como numa cena de um filme, o tal assessor disse que havia uma impossibilidade burocrática e não poderia patrocinar a viagem. No Rio de Janeiro *O Despacho* foi transmitido pela rádio Mayrinck Veiga. Em 1964, quando a Tereza Raquel pretendia montar a peça no Rio, houve o golpe e o resto é silêncio...

51

### **Primeiro Espetáculo de Teatro Profissional**

Com o Curso de Arte Dramática fiz o aprendizado clássico trabalhando como ator em *Egmont*, de Goethe, *Electra*, de Sófocles, *O Corvo*, de Carlo Gozzi, ambas com direção de Ruggero



Egmont, com Wolney de Assis, 1958

Jacobi. Com a Companhia de Maria Della Costa viajei para o Uruguai. Com o TBC foram dois espetáculos, onde substitui atores: *Anjo de Pedra*, direção de Benedito Corsi, de Tennessee Williams; e *Leonor de Mendonça*, direção de Flávio Rangel, de Gonçalves Dias. No *Anjo de Pedra* aprendi muito, apesar do meu personagem ser pequeno, mas muito simpático. Em *Leonor de Mendonça* entrava em cena num instante, dizia uma frase e ia embora.

Vou trabalhar depois, nos anos 60, com o teatro de Ruth Escobar, que vai montar em Porto Alegre *Mãe Coragem*, de Bertolt Brecht, também precisam de uma substituição. A direção era de Alberto D'Aversa. Eu fazia o irmão da mãe coragem. Foi muito importante e significativo. Trabalhei nesse espetáculo com Ruth Escobar e Lélia Abramo.

Minha ligação com o Brecht tinha começado com o Ruggero, que meu deu uma formação em todos os sentidos: cultural, teatral e política também.

Foram várias experiências profissionais depois do *O Canto da Cotovia*, que teve direção e cenários de Gianni Ratto. Meu primeiro espetáculo de teatro profissional, em 1957. Com esse espetáculo viajei pela primeira vez para Montevideu, no Uruguai. Tenho boas recordações do país. Passei



Anjo de Pedra, com Nathalia Timberg, TBC, 1960



*Com Alberto D'Aversa, Porto Alegre, 1958*

a ir muito para lá, uma vez por mês passava o fim de semana em Montevideu. Via uma série de filmes, que não vinham para o Brasil naquela época. Uma vez fiz contato com o grupo El Galpón, quando fui com o teatro de Maria Della Costa apresentar *O Canto da Cotovia*. O diretor do grupo El Galpón, Atahualpa del Cioppo estava ensaiando uma peça de Brecht e me convidou para ver os ensaios. Fiquei fascinado, me lembro que comprei o texto de *Galileu Galilei* em espanhol numa livraria. Mas a minha primeira peça do Brecht foi o espetáculo *Mãe Coragem*.

56

Com a peça *O Demorado Adeus*, de Tennessee Williams, encenada pelo Teatro de Equipe, em 1960, havia uma preocupação em criar um grupo profissional. Conseguimos um teatro pequeno, no centro de Porto Alegre, e fizemos a adaptação. Mas a tentativa não vingou. Veio o golpe de 64 e o teatro ficou paralisado.

### **Uma Volta à Dramaturgia Brasileira**

Com o Teatro de Arena e também o TBC, ao contratar o Fávio Rangel, como diretor, deu os primeiros passos para surgir a nossa dramaturgia brasileira. O próprio Ruggero achava que estavam totalmente certos em contratar o Rangel. *É isso mesmo, chega de contratar diretores estrangeiros!*

O assunto tomou força quando o Teatro Equipe faz um seminário sobre dramaturgia. Era um seminário nas mesmas bases do Arena em São Paulo, já se tinha uma preocupação com a formação dessa dramaturgia. Uma discussão que prossegue até hoje.

Minha identificação com o Oficina e o Arena era por esta causa, a da formação de uma dramaturgia brasileira. Nessa época tinha contato com o Augusto Boal do Arena e não conhecia ninguém do Oficina. O Teatro de Arena há havia ido a Porto Alegre várias vezes. O Boal participou de algumas palestras no Curso de Arte Dramática. Claro que também tinha um fascínio pelo grupo, porque sabia do significado e a importância do Teatro de Arena e do Oficina. Eles eram os mais importantes grupos teatrais daquele momento.

57

Havia uma transformação do significado artístico e social. A preocupação social e política do Arena era muito forte e havia um vínculo dessa idéia com a dramaturgia. Vários atores do elenco e da direção do Arena escreviam, como o Guarnieri, Vianinha, Boal (que era mais diretor, mas escrevia também), Flávio Migliaccio, Nelson Xavier e Chico de Assis, que eram do elenco e também escritores. Havia sempre seminários internos sobre dramaturgia, o que foi transformador e essencial ao teatro brasileiro.

E havia uma relação curiosa entre o Arena e o Oficina, sempre a mesma discussão: a realidade brasileira estava sempre presente na montagem do espetáculo, havia uma reflexão crítica do social, do que acontecia no país, naquele momento. No Arena, isso partia da própria dramaturgia. No Oficina acontecia uma coisa oposta, de certa maneira, mas que era a mesma coisa: as peças que encenavam eram estrangeiras, mas a preocupação era de que o espetáculo tivesse uma linguagem nacional, provocando na platéia uma reflexão sobre a realidade do nosso país.

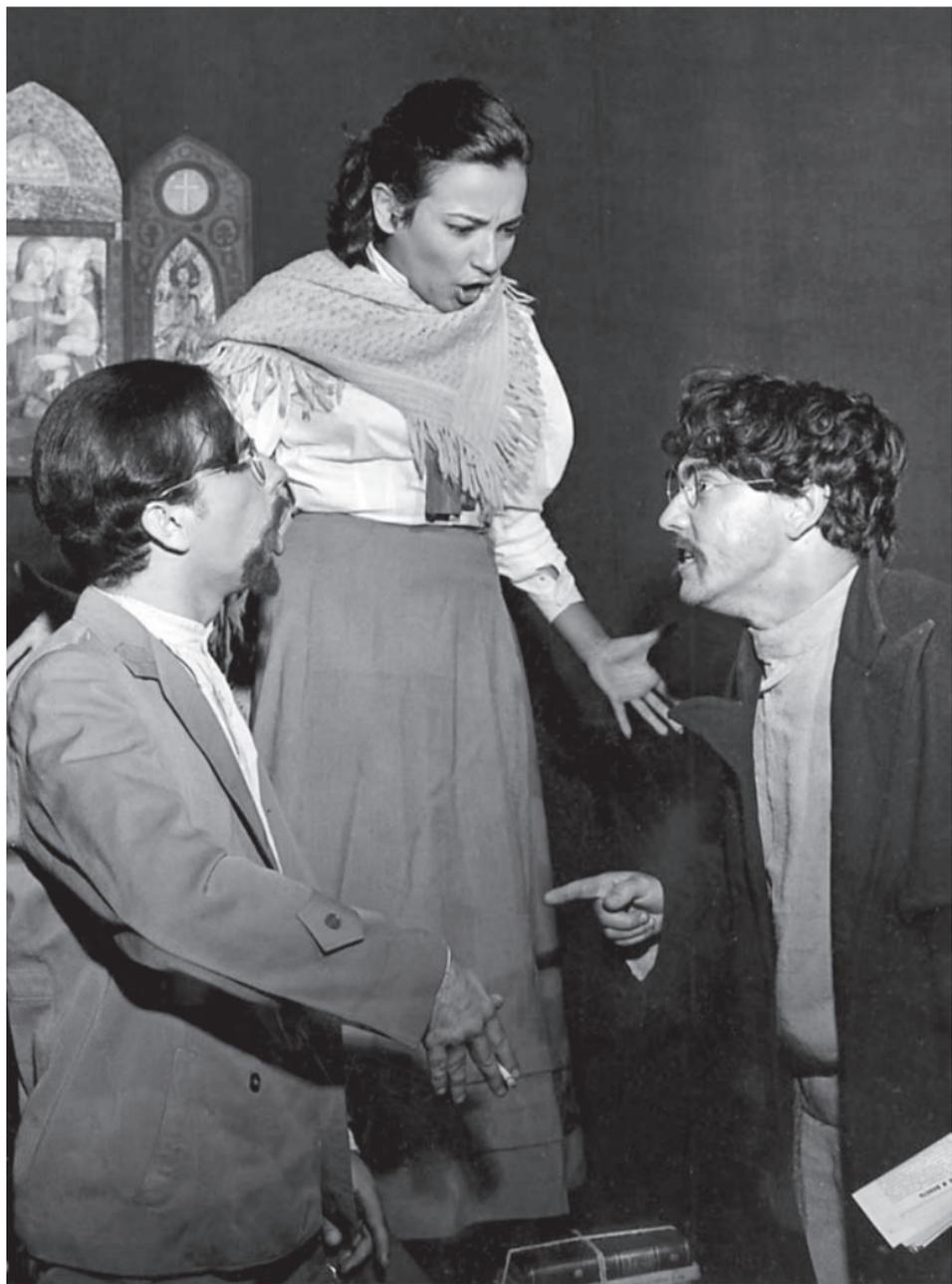
58 Se a ênfase do Arena era a dramaturgia, no Oficina era a encenação. Na peça *Os Pequenos Burgueses*, de Máximo Gorki, encenada em 1963, nossa preocupação não era discutir a revolução soviética, mas a necessidade de uma transformação social no nosso país. Tínhamos no elenco o russo Eugênio Kusnet, figura essencial e que nos recomendou a peça. Fizemos a montagem e foi muito importante, um sucesso extraordinário. Foi um momento decisivo para o teatro Oficina. A peça teve uma repercussão de público e de crítica muito grande. Ficou muito tempo em cartaz, depois voltou em outras montagens. A nossa tradução, minha e do José Celso, não foi do russo, mas traduções em francês, espanhol e inglês. E o Eugênio Kusnet fez a revisão final



*Pequenos Burgueses, com Rosamaria Murtinho, Oficina, 1963*

da tradução para ver se correspondia com os originais. Estava tudo certo. Fiz a assistência de direção e mais três personagens. Na estréia fiz o Chichkin, depois Piotr e Nil, em substituição ao Renato Borghi e o Ronald Daniel.

Tive uma experiência teatral raríssima com *Os Pequenos Burgueses*. Teve uma época em que o Cláudio Marzo fazia o Nil. Estávamos com a peça em cartaz num teatro na Brigadeiro Luiz Antônio, em São Paulo. O Renato e o Cláudio faziam os dois personagens que entravam em choque na peça, o Nil e o Piotr. Eles estavam também filmando na época. E durante um tempo eu fazia numa sessão o Nil e na outra o Piotr, substituindo-os quando não podiam comparecer ao espetáculo. Assim fiquei por semanas, numa sessão fazia um deles, quando terminava a sessão, entrava como o outro. Eram personagens opostos, e foi uma experiência inacreditável, porque no mesmo dia fazia os dois personagens em choque o tempo todo. Um dos conflitos básicos do texto. Mas a experiência foi fantástica porque mexe com você por tudo, na forma de representar o personagem, no lado emocional, físico e racional da montagem. Era uma loucura, fazendo um e depois o outro. Era sobre uma luta operária. O Piotr era um pequeno burguês, ligado à família e Nil é o operário e revolucionário,

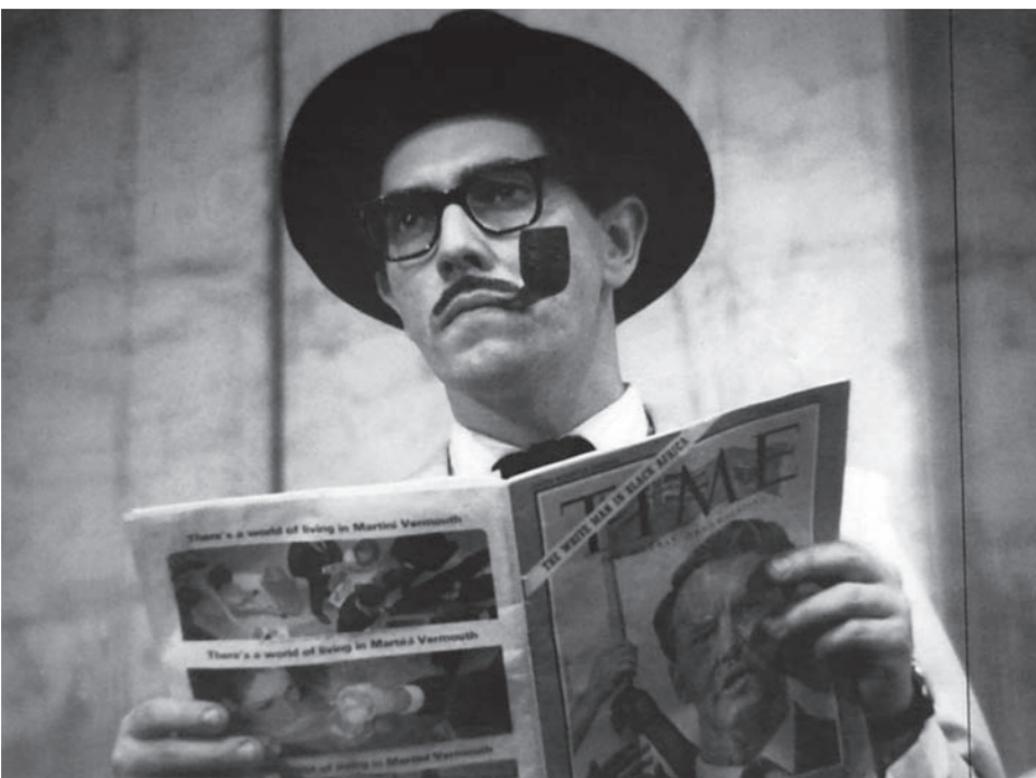


*Pequenos Burgueses, com Renato Borghi e Liana Duval*

participante do movimento operário. A peça passou bem pela censura. Conseguimos montar na época várias peças com uma discussão política muito forte.

### **Em Tempos de Golpe Militar**

Quando aconteceu o golpe de 64, a Miriam Mehler, que era uma das atrizes do grupo de origem e judia, havia comprado os direitos de um texto de Max Frisch, *Andorra*, sobre a perseguição dos judeus no nazismo. Ela queria montar a peça e levou-a ao teatro para leitura. Achamos muito interessante, eu, Zé Celso e o Renato Borghi. Mas pensamos que como não havia perseguição de judeu no Brasil, não tinha sentido montar a peça. Poucos dias depois acontece o golpe militar. Tivemos que fechar o teatro correndo, fomos para um lugar no interior, que a Célia Helena nos conseguiu para ficarmos escondidos. Mas quase que imediatamente revimos nossas posições e dizíamos a mesma coisa: temos que montar *Andorra* quando voltarmos a São Paulo. Porque o tema central não era mais a perseguição aos judeus, mas a perseguição. Se o assunto era judeus, o público entenderia a mensagem. Quando ensaiamos, passamos pela censura e conseguimos estreiar a peça, com uma ênfase muito grande sobre os judeus para os censores. Fizemos na época o seguinte anúncio para os



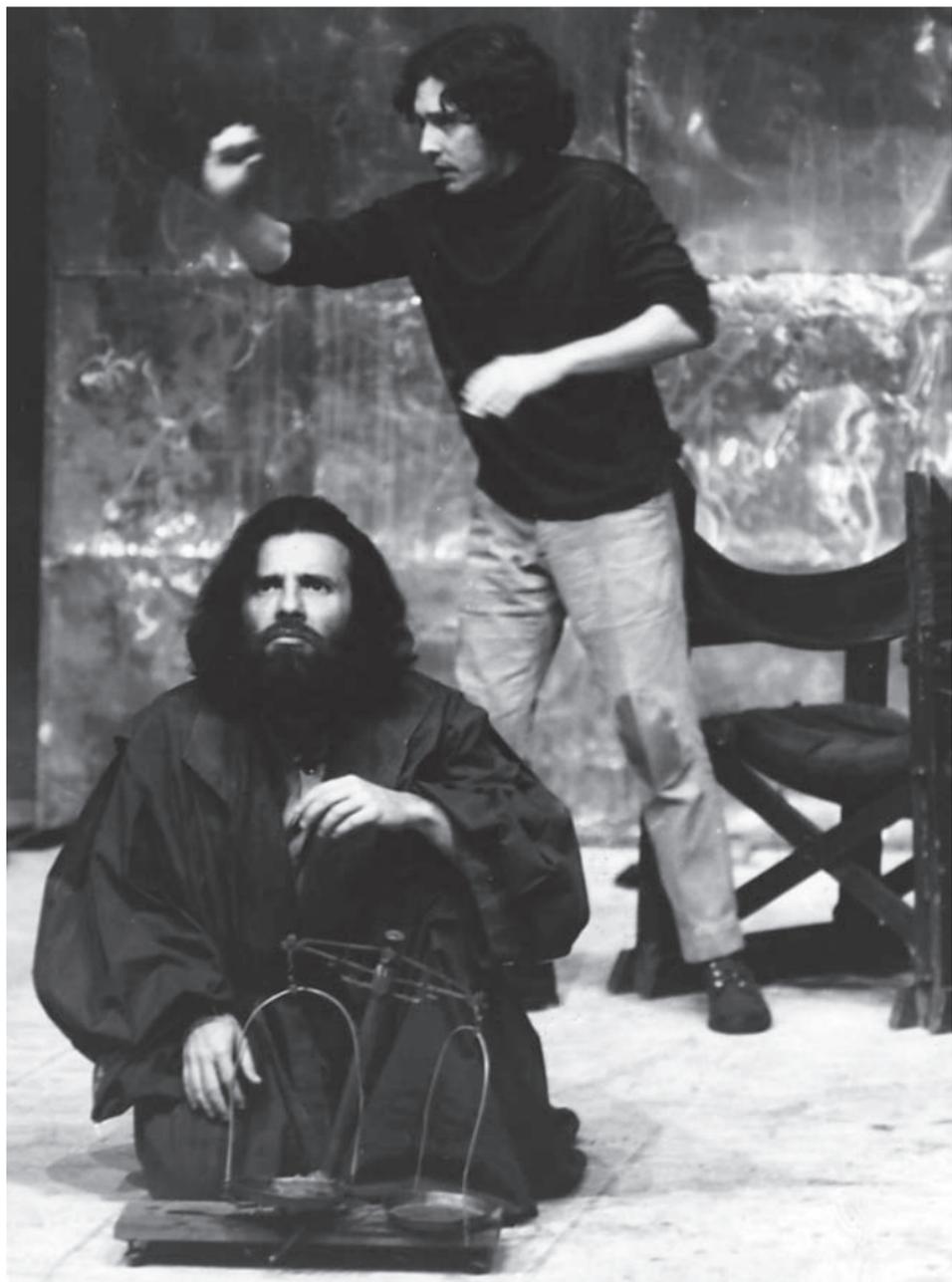
*Andorra, 1964*

jornais: *Andorra*, de Max Frisch, *judeu igual a qualquer bode expiatório*. Queríamos que o espectador fizesse uma leitura sobre a realidade brasileira, onde naquele momento havia uma parte da sociedade sendo perseguida.

Montamos no Oficina *Andorra*, *Os Pequenos Burgueses* e *Galileu Galilei*, do Brecht. Sempre com a preocupação de escolher textos, apesar de autores estrangeiros, que tivessem um foco que refletisse os problemas brasileiros. Os dois grupos, Arena e Oficina, eram duas faces de uma mesma moeda. Já conhecia anteriormente o trabalho do Arena, do Oficina não. Mas sabia da grande repercussão do Teatro Oficina, que nasceu muito ligado ao Arena. Os primeiros espetáculos do Oficina foram dirigidos pelo Augusto Boal, do Arena.

64

No caso da peça *Andorra*, estávamos com medo de não passar na censura, mas como era sobre judeus, passou. Nos ensaios com a censura fazíamos muitos truques. Na peça *Don Juan*, que dirigi, uma adaptação de Molière, feita por mim e pelo Guarnieri, que fazia o papel-título, no dia do ensaio com o censor, tinha uma cena que temia que eles cortassem, porque os diálogos eram muito fortes. No dia da apresentação para a censura pedi ao meu assistente, o Paulo Goya, que era um jovem magro, alto, bem jovem e que



Galileu Galilei, com Renato Borghi, 1968

fazia uma participação no espetáculo: *Na hora em que começar o tal diálogo, se dependure naquela corda, nu e de cabeça para baixo*. Imagine a figura, um cara enorme e magro naquela situação. Fiz a cena assim. Não deu outra, quando terminou o ensaio, o censor disse: *tudo bem, mas aquela cena do homem nu não pode ter*.

Claro que esta cena não era do espetáculo. Mas aconteceu o que imaginei: na hora em que começou a cena, o censor ficou olhando para o homem nu dependurado no teto e não deu conta da força dos diálogos. Queria que ele se distraísse e não prestasse atenção no que estava sendo dito na cena de *Don Juan*. Tinha medo que fosse cortada essa cena e inventei o truque na hora do ensaio. A tática deu certo. Era um jeito que fazíamos para driblar a censura.

66

Nessa época, com *Andorra* e *Os Pequenos Burgueses*, fomos muito para o Rio de Janeiro, com temporadas de sucesso. No fundo *O Rei da Vela* começou a surgir no Rio.

Fazíamos umas oficinas com o Luiz Carlos Maciel, grande amigo meu de Porto Alegre, onde fizemos muita coisa junto. Depois ele foi morar no Rio. Na oficina teatral, procurávamos um texto nacional, alguma coisa que pudesse discutir a realidade brasileira daquele momento.

Numa dessas oficinas, ele sugeriu a peça, que não conhecíamos. Fizemos a leitura e ficamos fascinados com a peça de Oswald de Andrade. Era o que queríamos montar.

## **Experiências no Oficina**

No Oficina, desde 1963, comecei a trabalhar como ator e assistente de direção do Zé Celso. O Renato Borghi também era diretor de lá. Pouco depois me tornei sócio do grupo. Fiquei lá até sair, em 1970, o que chamo de a separação do casamento do grupo.

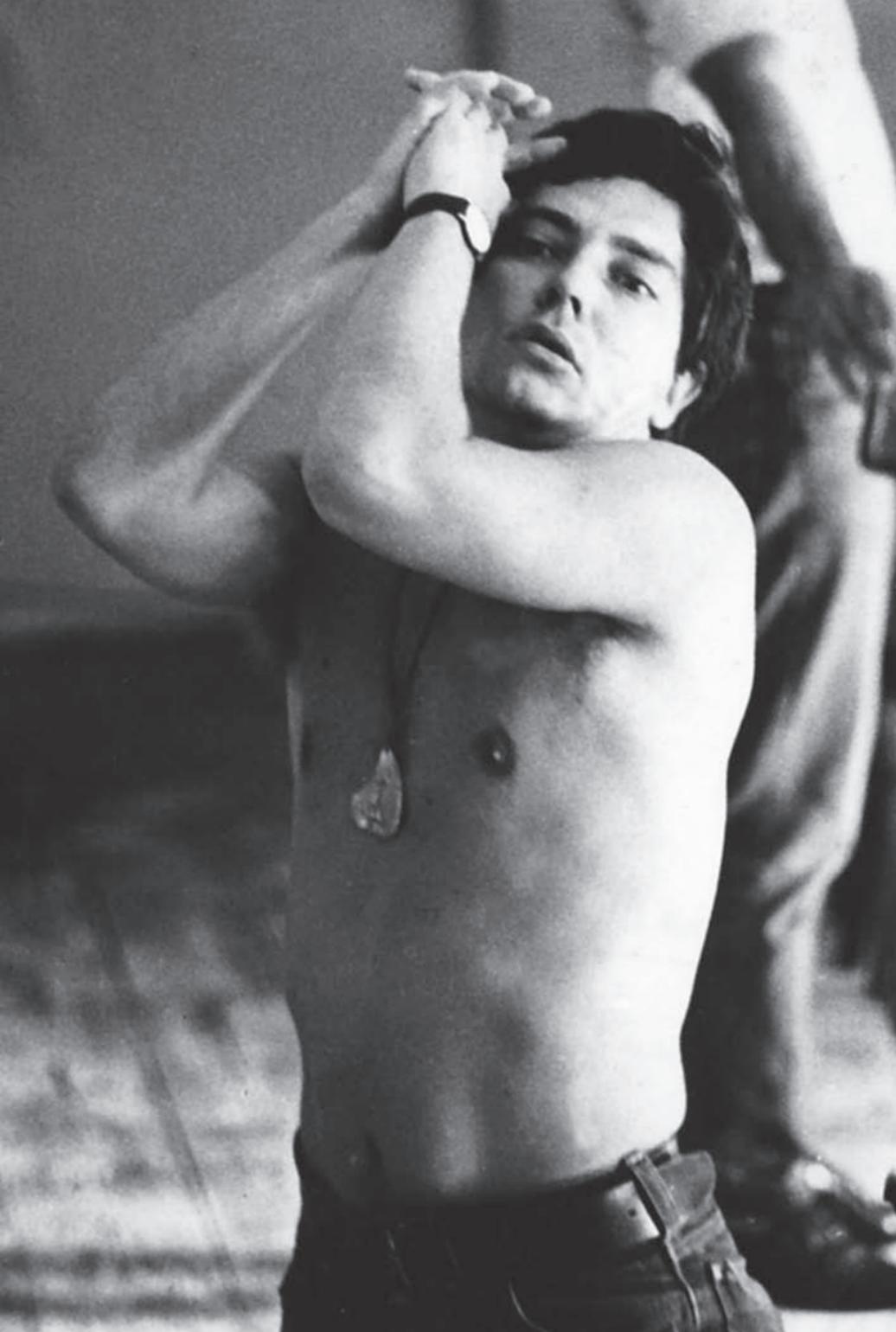
Eu estava em viagem pela Europa, houve um incêndio no Teatro Oficina, em 31 de maio de 1966. Depois desse episódio criamos um novo espaço. Antes chamávamos de sanduíche: era um palco, com platéia de um lado e do outro. Depois do incêndio fizemos um palco italiano, com uma roda giratória grande. E foi lá que estreamos *O Rei da Vela*. O primeiro espetáculo que estreou no novo espaço. A peça foi muito importante, uma transformação forte na própria linguagem do Teatro Oficina. O Zé Celso juntou essa linguagem experimental cênica com a força política do texto. A gente incorporou coisas brechtianas, linguagem circense com elementos populares de comédia dramática. O texto muito instigante saiu em busca de uma linguagem

nova. Estávamos também refazendo o espaço Oficina. Tinha um palco que girava. Foi uma série de linguagens novas, um processo criativo fascinante. E que teve uma repercussão muito grande com a platéia.

Nessa época descobrimos Brecht quando vimos o espetáculo *Berliner Ensemble*, em Berlim.

68

Com a descoberta de Brecht pensamos montar *Galileu Galilei* e o fizemos depois de *O Rei da Vela*, em 1968. Mas foi com *Na Selva das Cidades*, de Brecht, que Zé Celso fez uma das suas direções mais brilhantes. Nessa época já estávamos num conflito interno no grupo, com a entrada de pessoas mais jovens. Com a crise, conseguimos trabalhar com a realidade dos problemas internos. E isso se transformou num grande espetáculo, com *Na Selva das Cidades*. Mas *Galileu*, que montamos antes, também era uma discussão política. Tratava-se da perseguição a Galileu, do relacionamento das teorias com a sociedade, com o povo também, quando chegam as idéias de Galileu nas ruas. Era uma discussão sobre a situação política. Como em *Andorra*, não nos interessava a idéia dos judeus, assim com *Galileu* não estávamos discutindo o personagem cientista Galileu, mas a crise política do significado de teorias novas em conflito com o arcaico. A descoberta do novo e como isso entra em choque



com o poder. Era também uma discussão sobre os aspectos da ditadura.

Em *Galileu* também houve outra questão curiosa da censura. Não me lembro do nome do censor, mas foi até uma figura simpática. Fazíamos um ensaio para a censura em 68. Eu, o Renato e não me lembro quem era o outro ator, estávamos no camarim, num momento em que não entrávamos logo em cena, quando ouvimos no rádio, que estava ligado bem baixinho, o decreto do AI-5. Foi uma loucura! Quando terminou o ensaio falamos ao censor sobre o decreto, mas ele disse: *vou liberar a peça agora, porque se voltar para a censura, para liberar depois, eles vão proibir*. E liberou na hora o espetáculo. Foi impressionante!

70

Depois da *Na Selva das Cidades*, já estava instalada uma crise interna muito grande no grupo, o que culminou com a minha saída do Oficina, que foi como uma separação de casamento. Mas estava impossível! Fazia como ator *Na Selva das Cidades* e dirigia o *Dom Juan*. Mas já tinha dirigido lá o *Poder Negro*, de Leroy Jones, em 68, que também teve uma preocupação política muito grande. Era uma peça sobre o preconceito não só racial, mas um choque em diferentes aspectos da sociedade, como a luta de classes, embora seja uma discussão sobre a questão negra.



*Poder Negro, com Ítala Nandi e Antonio Pitanga, 1968*

Saí do Teatro Oficina em 70, quando estava em cartaz *Dom Juan*. Não estava no elenco, mas era direção minha. Na época eu morava na avenida Paulista e ia todo dia para o Oficina: pegava um ônibus e descia perto do Teatro Imprensa, e ia a pé para o teatro. Um dia, fazendo o mesmo trajeto, depois que descí do ônibus, parei e pensei: *não vou mais, não dá mais!* Não conseguia mais suportar as posições e os encaminhamentos do Zé Celso no teatro. Eram experiências irracionais na base do corporal, não se faz a revolução político-social, então tenta-se fazer dentro de si mesmo. Estavam num processo anárquico, de religiões orientais, com pessoas jovens e porraloucas. A barra estava meio pesada. Gostava do Zé Celso, do trabalho dele, apesar de tudo, mas não concordava com o trabalho, com as coisas que estavam fazendo... Não era isso o que queria fazer. Se continuasse indo, teria que agüentar um milhão de coisas, que já não dava mais ou ficar lá reclamando delas e brigando o tempo todo. Era melhor não ficar mais junto. É como um casamento. Não é que não goste da pessoa, mas não dá mais para ficar junto! Não era nada contra a posição dele. Tudo bem, quer ir por aí vai, mas não vou junto.

Isso tudo me passou pela cabeça, fiz a volta, peguei o ônibus e voltei para a avenida Paulista,

onde morava. Fiz uma maletinha, peguei um táxi, fui para o aeroporto e embarquei para o Rio. Fiquei uns três dias num hotel, em Ipanema. Sempre que ia para lá ficava na casa de pessoas amigas. Nesses dias não procurei ninguém, fiquei isolado. De manhã ia para a praia, depois passava numa barraca de revistas, comprava uns livrinhos de novelas policiais e ficava a tarde lendo. De noite ia para um bar perto do hotel. Fiquei assim uns dias, sem ver ninguém e depois voltei para São Paulo e não fui mais ao Oficina. Foi um rompimento. Continuei trabalhando em São Paulo no Arena e outras peças. Nessa época já estava descasado da Ítala Nandi.

## **Duplo Amor**

73

Quando aceitei trabalhar no Oficina, em 1963, naqueles três meses de licença do jornal, a Ítala veio comigo e começamos a trabalhar no teatro. Conheci a Ítala quando fui fazer uma palestra sobre teatro em Caxias do Sul. E um grupo de jovens me convidou para irmos tomar um vinho. Depois fiquei sabendo que o pai da Ítala é quem produzia o vinho Moscato Piave. Depois nos apaixonamos! Casamos em 1961.

Por um acaso a Ítala entra no elenco de *Quatro num Quarto*. Ítala trabalhava num banco em Porto Alegre e quando veio para cá passou a



*Quatro Num Quarto, com Ítala Nandi, Renato Borghi,  
Dirce Migliaccio e Fernando Peixoto, Oficina, 1963*



cuidar da área financeira do Oficina: cuidava dos gastos, dos pagamentos aos atores, etc. Um dia, a Rosamaria Murtinho, que fazia *Quatro num Quarto*, estava também ensaiando outra peça. O Zé Celso queria tirá-la do elenco da peça. Era complicado. O Zé Celso entrou em contato com o Boal e pediu para ele indicar uma atriz para substituir a Rosamaria.

O Boal disse: *Você tem a atriz no Teatro Oficina!*

– *Quem?*

– *A Ítala Nandi.*

– *A Ítala é atriz?*

76

Então o Boal explicou que já tinha visto Ítala atuar em *O Despacho*, em Porto Alegre. O Zé voltou para o Oficina, fez um teste. Achou-a maravilhosa e a colocou no elenco. Foram anos de dupla profissional. O último trabalho que fizemos juntos foi o recente espetáculo *Vassah: a Dama de Ferro*, de Máximo Gorki, também uma tradução feita por mim e por Eugenio Kusnet, onde participei como ator. Foi encenado em 2001, no Teatro Sérgio Cardoso, com realização da Ítala Nandi Produções.

A Ítala veio para São Paulo porque se deu conta que há muitos anos não representava na cidade.

Ela sempre esteve no elenco, junto comigo, o Renato Borghi, e com a direção do Zé Celso. Depois do Oficina ela foi para o Rio de Janeiro. Com o espetáculo *Vassah*, em 2001, ela nos convidou para montar o espetáculo em São Paulo. Ítala resolveu fazer essa homenagem e propôs a nossa participação na peça. O Zé Celso também fez uma participação em vídeo. Mas topei fazer a temporada inteira. Renato fez quase todos os espetáculos, só em alguns foi substituído.

Nessa época, estava ensaiando um espetáculo também no Teatro Sérgio Cardoso. Minha participação no *Vassah* era pequena, então parava o ensaio e ia fazer a cena e depois voltava para o ensaio. E às vezes ainda voltava para os agradecimentos. Deu para conciliar as duas coisas. O espetáculo era muito bom, e a minha cena era com a Ítala e o Renato. Desde os anos 70 não trabalhava com a Ítala, mas sempre mantivemos uma relação boa. Ficamos os três no mesmo camarim, a idéia foi da Ítala. O elenco era ótimo, pessoas que conhecia, outras não e o Zé esteve na estréia.

77

## **Novas Experiências**

Um pouco antes de sair do Oficina, trabalhei como ator no Teatro de Arena, fui para o Peru, México e Estados Unidos com *Arena conta Zumbi*, de Guarnieri e Boal, e *Arena conta Bolívar*, de



Vassah: *A Dama de Ferro*, com Ítala Nandi, 2001

Boal. Foi interessante fazer Arena sete anos depois do primeiro convite do Boal. O *Arena conta Bolívar* foi encenado no exterior em 1970, mas nunca no Brasil. Foi viajar e proibido pela censura na sua volta. E ninguém tem o texto também, não conseguem encontrar! Imagina, é um texto importantíssimo, onde se discute a importância de Bolívar e a revolução na América Latina. Montamos em Lima, no Peru, e várias cidades no México e mais outras cidades nos Estados Unidos. Era uma discussão política muito forte. E o Arena contava com um elenco onde os personagens se revezavam, todos faziam os personagens.

O Arena fez muito sucesso nessas viagens. No México estivemos em Puebla, Guanaguato, Guadalajara, Monte Rei, Leon, São Luis de Porto Si e Morela. No Peru fomos a Lima. E nos Estados Unidos em: Berkeley, São Francisco, Kent, Cleveland, Kansas City, Búfalo, Chapaqua e New York. Viajamos assim alguns meses. O espetáculo teve grande repercussão na mídia, saiu em muitos jornais, com noticiários e crítica de teatro. Deu até no jornal *New York Times*, *O Arena conta Bolívar*.

Nos Estados Unidos fiquei amigo de Eric Bentley, grande escritor, autor de livros sobre teatro, figura importantíssima. Ele me deu inclusive uma gravação do depoimento do Brecht no inquérito sobre uma infiltração comunista no cinema



*Arena Conta Zumbi, 1970*

americano, em 1947. Conto toda essa história no meu livro *Hollywood, Episódio da Histeria Anticomunista*. Foi uma época de perseguição aos artistas, 41 personalidades de Hollywood haviam sido citadas pelo Comitê de Atividades Antiamericanas para comparecerem em Washington; 19 assumiram a posição de não aceitar o Comitê, por julgá-lo inconstitucional e ficaram conhecidos como os 19 Não-Amigáveis, entre eles Bertolt Brecht. Talvez não por casualidade, 13 deles eram judeus, alguns eram membros do Partido Comunista, outros não. Anti-semitismo e anticomunismo andaram de mãos dadas naquela época. Brecht (1898-1956) compareceu, manifestou sua solidariedade ao grupo, mas como era cidadão alemão, passível de deportação, ficou acertado que não negaria a responder às perguntas, não se valendo das prerrogativas de defesa previstas na Constituição dos EUA.

81

Brecht chegou aos Estados Unidos em 1941, fugindo do nazismo, vindo de Helsinki e Moscou. A grande polêmica de Brecht nos Estados Unidos foi com o escritor alemão Thomas Mann, com quem nunca simpatizou, e criticou com violência. Brecht chamava-o de *réptil*, e antes já havia escrito que, depois da guerra, os alemães terão que justificar-se não apenas pelo nazismo, mas também por terem suportado os romances do

*senhor Mann. E estes sem a ameaça constante de vinte ou trinta divisões da SS. A crise central entre eles é que nos Estados Unidos Brecht discutia a necessidade da organização de uma Alemanha Livre no exílio, para unificar os opositores emigrados, enquanto Mann negava a existência de tal organização. Brecht, que manifesta a adesão a essa organização, recorda, na ocasião, que a discórdia entre os partidos operários alemães foi uma das principais causas da ascensão de Hitler. E por aí vai...*

82

Mas durante o interrogatório, Brecht nega sua participação no Partido Comunista. Militante comunista era sua mulher, Helene Weigel. Restou a gravação na íntegra, com comentários de Eric Bentley, editado em disco pela Folkways Records álbum, em 1963. O disco revela muito da personalidade de Brecht: ágil, malicioso, lúcido. O seu comportamento durante o interrogatório despertou polêmica e até desconfiança. Brecht, que afinal teve mesmo que deixar o país, no dia seguinte do seu depoimento, conta a Eric Bentley, que afinal os inquisidores norte-americanos não eram tão maus quanto os nazistas: *os nazistas nunca teriam permitido que eu fumasse. Em Washington me deixaram fumar um charuto. E eu o usei para manipular pausas entre as perguntas e respostas.*

Para o teatro brasileiro Brecht foi um grande companheiro de trabalho nos anos 60. Ele foi, inclusive durante a ditadura, um dos autores estrangeiros mais encenados no País. Ele invadiu três centros de produção de teatro político brasileiro, nos anos que antecedem o golpe militar de 64: o Teatro de Arena de São Paulo, o Teatro Oficina de São Paulo e o Centro Popular de Cultura da UNE.

### Linguagens Inovadoras

Depois que saí do Oficina vou trabalhar menos como ator e começar a dirigir mais. Em Porto Alegre já havia dirigido duas peças: *Matar*, na Escola de Arte Dramática, e *Pedro Mico*, no Teatro de Equipe; e no Oficina, o *Poder Negro* e *Dom Juan*, minha última peça lá. Embora tivesse a preocupação com a cena política e o seu significado social, com o espetáculo *Dom Juan* havia também uma preocupação com o espaço cênico. *Dom Juan* tinha muito envolvimento com a platéia, que sentava onde queria, até no chão, durante o espetáculo. O centro da ação era em uma cadeira, no chão, na almofada ou na mesa que ficava no centro do Oficina. Essa mesa era curiosa, os grandes momentos se passavam em torno dela. Era uma grande transformação na linguagem cênica. Vi isso acontecer nos Estados Unidos e nos influenciou na montagem de nossos novos



*Pedro Mico, Olmir Dias e Ivette Brandalise, 1961*

cenários. Um pouco do que o Zé Celso já fazia, mas eu não levava para o irracional, a loucura.

Um dos grandes momentos da peça é quando acontece um jantar nessa mesa, que é onde mora o Dom Juan. O coro, antes de começar o jantar, puxava as gavetas e sabe o que acontecia com a mesa? Virava o desenho da suástica, do nazismo. E então aconteciam as cenas de morte.

Na minha encenação, *Dom Juan* não ficava só na imagem da rebeldia sexual, mas no enfrentamento da sociedade. O Guarnieri fazia o personagem. Eu o trouxe do Arena para o *Dom Juan* no Oficina. Isso já era um choque para o clima do Oficina naquela época. A imagem física do Dom Juan, sobretudo no final, lembrava muito o Guevara, o Che. No final, no palco italiano aparecia uma projeção de uma figura de um militar que mata o Che Guevara. Foi uma nova linguagem, fora daquele espaço cênico tradicional que utilizávamos há pouco tempo.

Utilizei também uma linguagem influenciada no que estava acontecendo naquele momento no Teatro Oficina, voltado para o irracional, para a coisa física, para a sexualidade. Era muita maluquice. Tenho a maior admiração pelo trabalho do Zé Celso, mas havia uma discordância, não era o que queria fazer de teatro. Eram anos 70 e,

apesar dessa liberação, a linguagem que utilizei em *Dom Juan* tinha uma preocupação em chegar a um resultado social e político.

### Novas Direções

Em 1972, vou trabalhar com Núcleo 2 do Arena, que sai do grupo e começa com outros ritmos. Basicamente era o Edson Santana, Celso Frateschi, Margot Bairdi, Dulce Muniz, Denise Del Vecchio, Renato Dobal, Abraão Farc, Antonio Pedro. Esse pessoal todo me convida para dirigir. *Os Tambores da Noite*, de Brecht, e *A Semana*, de Carlos Queirós Telles, foram os dois espetáculos que fiz com o Núcleo 2 do Arena. Trabalhei também no Teatro São Pedro, onde se forma uma companhia, da Beatriz Segall e do Maurício Segall. Lá monto *Frei Caneca*, de Carlos Queirós Telles, e o *Frank V*, de Friedrich Dürrenmatt, e ganhei o prêmio de direção do ano de teatro. Esses quatro espetáculos, todos em 1972, só *Frank V* em 1973, foram muito importantes.

O *Frank V* de Dürrenmatt que Carlos Queiroz Telles traduziu junto com Tereza Linhares, tem uma história curiosa. *Frank V* é uma tragédia moderna, de nossa sociedade, que mostra como o capitalismo em crise consegue, às vezes, sobretudo em nossos dias, erguer-se de seu leito de moribundo e voltar à cena, revitalizado e



*Leitura de Tambores da Noite, com Edson Santana e Dulce Muniz, 1972*



*Tambores da Noite, 1972*



*Leitura de A Semana, com Dulce Muniz, 1972*



*A Semana, Margot Baird, Dulce Muniz, Edson Santana, Celso Frateschi, Ronaldo Dobal, Denise Del Vecchio, Cecília Rabelo, Antonio Maschio, Antonio Pedro, 1972*



*A Semana, 1972*



*Frei Caneca, Oswaldo D'Ávila, Othon Bastos e Edson Santana, 1972*

forte para manter-se no poder por mais algum tempo. Os personagens, banqueiros, *gangsters* se apresentam ao público como descendentes dos grandes heróis shakespearianos. Como em Shakespeare acompanham a disputa dos poderosos. O povo está ausente das decisões. É a vítima que a peça omite. Os dois proletários que aparecem no princípio, desempregados, são aniquilados: um é assassinado e o outro incorporado ao crime. O que assistimos é a uma luta pelo poder. É a história tragicômica de um banco particular em crise. Mas não é apenas a história de um banco, mas a parábola do nosso mundo, da nossa realidade. *Frank V* é um paralelepípedo lançado contra determinados valores socioeconômicos e políticos.

*Frank V* tinha uma vinculação direta com o momento econômico do País, com a rearticulação econômico-política da ditadura que dava os primeiros passos para aquilo que seria conhecido como *milagre econômico*.

No final do ano de 1972 fui ao Teatro Oficina, assistir *As Três Irmãs*, de Tchekhov. Vi o espetáculo nos últimos dias do ano, em 27 de dezembro. Minha namorada me convidou para passar o final do ano numa praia de Santos. Quando voltei, dia 1º de janeiro de 1973, havia um bilhete debaixo da porta. Era do Zé Celso: *Fernando*, é

*o seguinte, dia 30, na hora do agradecimento do espetáculo, o Renato (Borghini) interrompeu os aplausos da platéia e comunicou que era o seu último espetáculo no Oficina e que estava deixando o teatro. Não avisou ao elenco e nem a mim. O espetáculo tem que voltar amanhã de qualquer jeito, porque está com vários ingressos vendidos dessa semana. Preciso de um ator no lugar do Renato e só pode ser você, porque conhece bem o Renato e vai ter que fazer igual ao que ele fazia na peça. Você assistiu ao espetáculo há três dias, está com o espetáculo na cabeça. Por favor, entre em contato comigo com urgência.*

Liguei para lá e ensaiei a tarde toda com o Zé. Fiquei umas duas horas decorando o personagem e ensaiei outras duas horas só com ele, sem o elenco. Entrei em cena naquela noite. Tem uma cena que nunca me esqueço. Fazia um irmão das três irmãs. No final do primeiro ou segundo ato, estou na boca de cena, numa porta e a atriz que faz a minha esposa, na outra ponta. Nós vamos caminhando um em direção ao outro. Quando chegamos no centro, a gente se agarra, se beija na boca e começo a passar a mão pelo seu corpo; o pano vem descendo e fecha a cena. Mas na hora em que vou chegando próximo da atriz, penso: *nunca falei antes com ela, não sei nem o nome dela.*



Frank V: Beatriz Segall e Cláudio Mamberti; Renato Borghi, Estér Góes, Sérgio Mamberti, Beatriz Segall e Zé Fernandez; Vicente Tuttoilmondo, Walmyr Barros e Umberto Magnani, 1973



No dia da estréia entrei em contato com os outros atores que conhecia, mas ela não sabia quem era! De repente pego, abraço e beijo, uma sensação maluca!

Fiz a peça durante duas semanas, depois o Zé queria me levar para um espetáculo no Rio. *Agora não posso ir*, disse a ele, tenho que dirigir um espetáculo aqui em São Paulo. Já estavam marcados os testes e a estréia para o *Frank V*, de Friedrich Dürrenmatt, no Teatro São Pedro. Mas o Zé insistiu para que fosse para a estréia no Rio e que depois entraria outro ator no lugar. Concordei e fiz a estréia. Terminou o espetáculo, peguei um ônibus direto para São Paulo. No dia seguinte faria os testes para o novo espetáculo no Teatro São Pedro. Quando cheguei ao teatro, fui direto para um bar na esquina tomar café. E quem encontro? O casal Renato Borghi e a Ester Góes. Conteí toda a história para eles, da minha substituição na peça do Oficina, da estréia no Rio. O Renato me confidenciou que tinha largado tudo porque não agüentava mais o processo de criação no Oficina.

De repente me veio o óbvio, *o que vocês estão fazendo aqui?*

*Vim fazer o teste*, disse ele. *Quero fazer o teste contigo!*

*Que teste?*

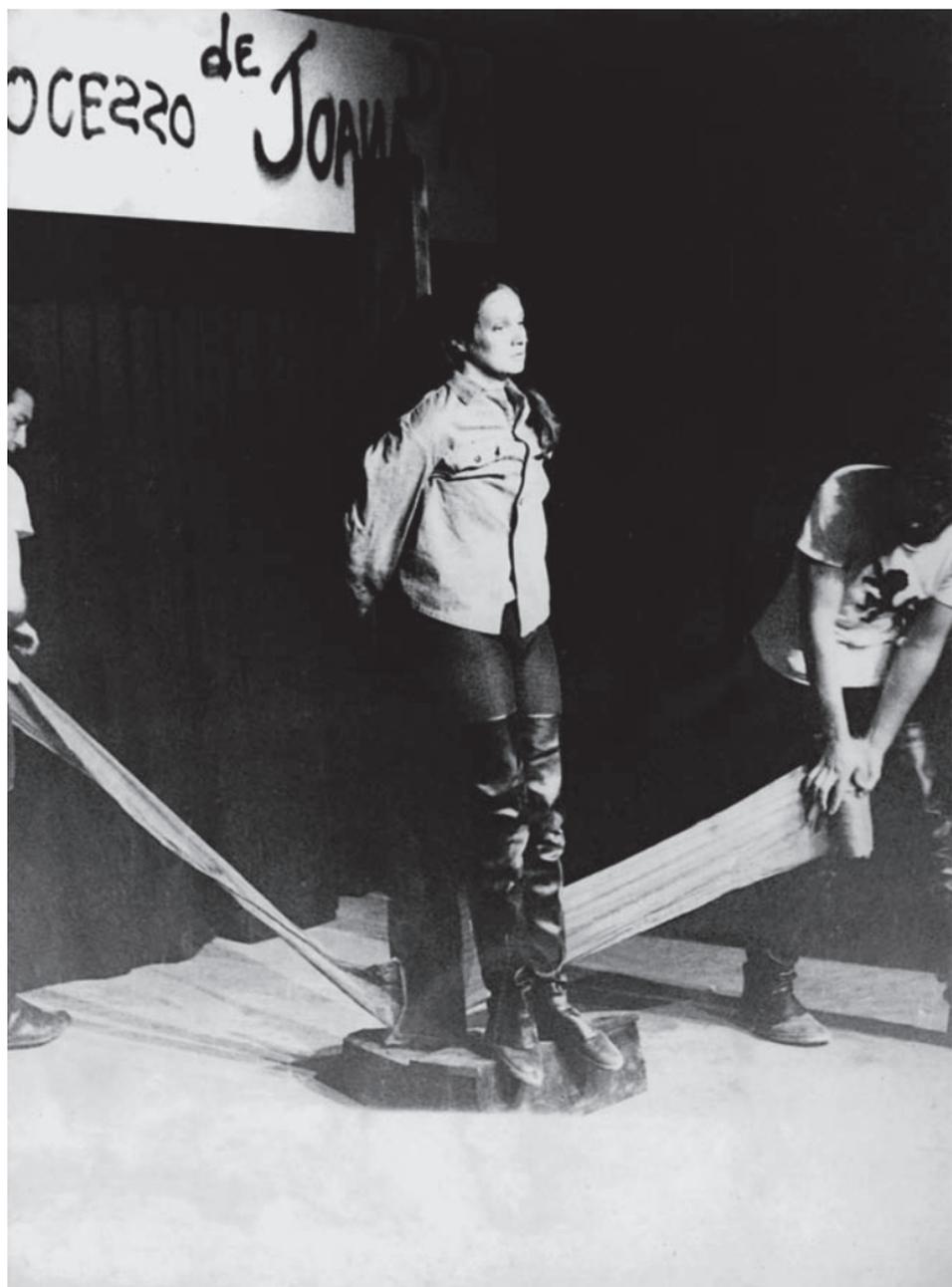
Coloquei ele e a Ester para fazerem parte do elenco do *Frank V*. Eram os atores principais da peça. Foi uma coincidência muito grande.

Recentemente o Renato fez um espetáculo contando coisas da vida dele. Ele fez uma menção especial a mim, inclusive dizendo da alegria que foi depois de sair do Oficina, ficar uns dias sem trabalhar, sem saber o que fazer e depois conseguir um personagem tão bacana num espetáculo tão bom...

*Os Tambores da Noite*, de Brecht, e *A Semana*, de Carlos Queirós Telles, foram encenadas numa salinha pequena, transformada em espaço cênico no Teatro São Pedro. Enquanto *Frei Caneca* e *Frank V* foram encenados na sala grande do teatro.

95

Nessa época também dirigi *O Processo de Joana d'Arc*, de Brecht, na Escola de Arte Dramática da Universidade São Paulo. Foi um exame público dos alunos do segundo ano e fui chamado para dirigir. Uma dessas alunas ficou famosa e depois trabalhou comigo, a Selma Egrei, que fez o papel da Joana d'Arc. No ano seguinte a chamo para trabalhar em *Frank V*, com o Renato Borghi e a Ester Góes.



O Processo de Joana D'Arc, com Selma Egrei, EAD, 1972

O ano de 1973 foi agitado, faço uma peça em São Paulo *Um Grito Parado no Ar*, de Guarnieri, e no Rio de Janeiro faço a direção de *Calabar, o Elogio da Traição*, de Chico Buarque e Ruy Guerra, que foi proibida pela censura.

### **“Mais que Nunca É Preciso Cantar”**

No verso de Vinicius de Moraes, em plena ditadura, o trabalho de *Um Grito Parado no Ar* foi uma forma de manter vivo o teatro. Era uma época em que se ouvia Guarnieri afirmar: *por mais graves que sejam os problemas que cercam o teatro brasileiro, não vejo justificativa para o abandono do campo. Ao contrário, cada vez com mais urgência o artista de teatro, seja ator, autor, diretor é chamado a defender sua arte, seus princípios, sua posição. Independente dos fatores, sem dúvida passageiros, que possam prejudicar sua criação...*

97

*Um Grito Parado no Ar* foi uma produção da Othon Bastos Produções Artísticas, em 1974. O Guarnieri escreveu a peça especialmente para essa produção e que tem uma relação direta com a questão teatral. Assim como *Ponto de Partida* teve uma relação com a morte do Vlado.

O tema é a censura, a produção teatral. O Guarnieri fez uma análise muito forte desse momento

em que estávamos vivendo. O espetáculo teve uma repercussão muito grande. No elenco: Othon Bastos, Marta Overbeck, Enio Carvalho, Sonia Loureiro, Assunta Peres e Oswaldo Campozana. A estréia foi em Curitiba, no Teatro Guaíra, depois veio para São Paulo, no Teatro Aliança Francesa. Mais tarde entram no espetáculo a Miriam Mehler, Renato Borghi, Liana Duvall, Ivone Hoffman e mais gente.

98

Dirigir esse espetáculo foi uma experiência fascinante. Porque dialeticamente fui dirigido por ele. O texto possui uma teatralidade potencial que se articula no palco de forma quase espontânea. São poucos os espetáculos que fiz até hoje que sinto como tão pessoal, tão meu. Mas o grito é de todos nós. A peça não descreve a biografia de ninguém, nem retrata este ou aquele integrante da chamada classe teatral. Mas cada personagem reúne uma série de características que estão na vida real de muitos atores, atrizes e encenadores. A peça trata da vida de todos nós.

Estruturei o espetáculo sem me preocupar com a elaboração de uma rigidez formal. Não existia pré-estabelecida pela direção uma organização cênica em termos de espaço ou de linguagem visual. Os atores improvisavam seus movimentos, que a cada dia eram determinados por motivações interiores e pela compreensão do verda-

deiro conteúdo de seus relacionamentos, uns com os outros. Numa primeira fase de trabalho analisamos minuciosamente o texto. Não só para descobrir o seu significado, mas para fixar sua estrutura dramática e cênica, seus movimentos internos e externos, a condução de seus temas, os momentos da ação, a progressão ou a eventual interrupção da mesma. Adquirimos com esse exercício uma consciência clara do movimento dinâmico e ideológico dos personagens em comparação com a realidade e com os modelos vivos que conhecemos.

E a peça trata da vida de todos nós. De forma aberta ou velada estamos, todos, em algum momento de algum personagem, ou em mais de um, com *Um Grito Parado no Ar*. Em 124 cenas determinávamos o conteúdo de cada uma. Às vezes a cena era apenas uma frase ou uma palavra, outras vezes, apenas o silêncio. No estudo das entrelinhas, das pausas, do não-dito, do sugerido. Depois partimos para a fixação do comportamento dos personagens, da forma histórica como se relacionam entre si em cada situação específica. Assim estruturei o espetáculo. O resto ficou livre: a exteriorização formal pode e deve ser reinventada a cada dia. E era permanentemente reestimulada pela realidade cotidiana, pela participação ativa na vida, como

cidadãos e homens de teatro. Para quem fazia o espetáculo, ler o jornal diariamente era uma forma de ensaio. Nos laboratórios os atores-personagens se descobriam a si mesmos e, ao mesmo tempo, minados por seus problemas pessoais, pela crise financeira que os destrói e pelo terror psicológico que os castra, descobrem também a sua impotência.

100

O movimento teatral brasileiro da época vivia a reflexão crítica sobre o momento. Estávamos limitados pela censura e Guarnieri quis escrever um roteiro para ser ampliado, modificado, discutido. Mas existindo a censura, nosso grito foi em cada apresentação, um atestado de nossa liberdade de criação cerceada, a afirmação de uma limitação que nos foi imposta. Mas no grito, o objeto de estudo é o esmagamento do homem pela sociedade. Com a ditadura havia uma despolitização total da cultura brasileira, um esvaziamento de nossa cultura, mas havia uma reação contra isso. O teatro manteve vivo a sua verdade crítica. É por acreditar no homem que existiu *Um Grito Parado no Ar*. Homem enquanto ser socialmente oprimido, mas capaz de alterar sua própria condição social à luz da história.

Em alguns ensaios eu me sentia diretor de tráfico e conselheiro espiritual: reunia o elenco apenas para resolver problemas de circulação e

aconselhava ou apoiava, sem nada impor, uma ou outra idéia. Juntos fomos, pouco a pouco, encontrando as soluções cênicas. Foram tantos momentos. Teve uma cena em que Othon Bastos faz um monólogo central da peça de costas para a platéia, dirigindo-se de frente a seus companheiros de elenco, atinge uma força cênica que nunca seria possível se estivesse de frente para o público. Mas quando ergue o corpo assassinado da estudante baleada na rua, seu primeiro movimento é encarar em silêncio o público.

Essa peça foi um ato de amor pelo teatro e pela profissão, que Guarnieri colocou com angústia e fé e eu procurei assumir como meu, como nosso. E que se define numa fala do personagem diretor, que por brincadeira do Guarnieri chamava-se também Fernando, que dizia: *Eu só sei me comunicar através disso que está aí, o teatro. E está cada vez mais difícil!*

101

### **Calabar é Proibido**

Um dia chegam em São Paulo Chico Buarque e Ruy Guerra. Me entregam o texto *Calabar* e vão assistir a *Frank V*, no Teatro São Pedro. Fui ler *Calabar* no bar *Riviera*...

Depois do espetáculo nos encontramos na *Baiúca*. Eles haviam gostado de *Frank V* e eu de

*Calabar*. O texto falava de uma reflexão sobre o hoje e o aqui, sobre a responsabilidade, a ética, a opção e os possíveis destinos do homem num mundo de guerra e paz. E a figura de Calabar, que desde a escola primária nos ensinam que foi um traidor, para os holandeses, entretanto, Calabar é um herói. Ruy Guerra e Chico Buarque desmistificam, com inteligência e sensibilidade, o conceito de traidor.

Em *Calabar* o passado é revisto com a lucidez de quem vive o presente: com a consciência de quem mergulha na História em busca de uma compreensão do mundo de hoje. *Calabar* é, nesse sentido, uma reflexão aberta, irônica e provocativa, teatral e musical, grotesca e crítica, existencial e materialista sobre o significado da traição.

Brecht afirma em *Galileu Galilei: Infeliz o país que tem necessidade de heróis*. Em certo sentido, o texto de *Calabar* parece afirmar: *infeliz o país que tem necessidade de traidores!* O holandês Nassau assume o sonho de Calabar: o utópico sonho de um país mais livre! E o guerrilheiro Calabar troca de lado, e na guerra entre portugueses e holandeses, estes levam a melhor, começam a triunfar, ganhar território e a expulsar os portugueses de Pernambuco. Em seu governo as cidades crescem, os senhores de engenho perdem seu domínio econômico e político.

Em *Calabar* todos os personagens vivem na lama da traição e estão perdidos numa selva de traidores. Um texto importante para aquele momento!

O texto de *Calabar*, o *Elogio da Traição* foi liberado pela censura em abril de 1973, mas ainda dependia do ensaio geral, que, segundo a lei da época, era assistido poucos dias antes da estréia pela Censura Estadual, para fornecimento do respectivo alvará. Durante os meses seguintes Chico e Ruy procuram um produtor, o Fernando Torres, um encenador, eu, e juntos acertamos os nomes da equipe. Em agosto fizemos os testes para o elenco, quase 400 pessoas foram entrevistadas no Rio e em São Paulo. No mês seguinte foram iniciados os ensaios e a contratação de 45 atores, músicos, técnicos, ao mesmo tempo que era iniciada a construção do cenário, no Teatro João Caetano, e a confecção de figurinos. Os *play-backs* do espetáculo foram gravados por dezenas de músicos. Tudo se acerta!

Um mês depois, o espetáculo estava pronto e com a estréia marcada para 8 de novembro. A empresa Fernando Torres Diversões tenta marcar o ensaio geral para conseguir o alvará do espetáculo. Aí começam nossas desconfianças sobre a liberação do espetáculo. Um comunicado da censura informa que a peça estava em instâncias superiores para reexame. Continuamos os



*Ensaio de Calabar, com Betty Faria, Marcio Augusto, Suzanne Jacob, Anselmo Vasconcellos, Maria Alves, Kátia D'Angelo, Paschoal Villaboim, Ana Maria Vianna, Ângelo de Marcus, Telmo Marques, Paulo Terra, José Roberto e Octávio César, Rio, 1973*

ensaios e tomamos providências para filmar os ensaios. A solidariedade era de todos. Essa era a nossa modesta atitude frente à resistência: continuar! Resolvemos a partir daquele momento realizar os ensaios de portas abertas. Lembro-me que num dos nossos últimos ensaios tinha até baleiro na platéia vendendo chocolate. As pessoas aplaudiam em cena aberta algumas cenas! Mas as notícias sobre o espetáculo foram piorando: a Polícia Federal proibiu o espetáculo no Teatro João Caetano, além da proibição da palavra Calabar na imprensa!

Em 12 de novembro, o advogado da empresa consegue uma entrevista com o general Bandeira, da Polícia Federal, que diz que um parecer sobre o caso somente será dado dentro de três a quatro meses. Era tempo demais de espera! No dia seguinte, os ensaios foram suspensos porque não tínhamos condições econômicas para manter a continuidade da produção e esta é dissolvida. Foi frustrante, porque o espetáculo estava maravilhoso. Toda uma equipe excelente envolvida no processo criativo. Eram muito gostosos os ensaios e estávamos ensaiando com muita força.

Somente em 1980, *Calabar* será encenado, com algumas modificações no texto; e com produção de Othon Bastos, Martha Overbeck e Renato Borghi.

*Calabar não morre. Calabar é cobra de vidro. E o povo jura que cobra de vidro é uma espécie de largato que, quando se corta em dois, três, mil pedaços, facilmente se refaz.*

## **Palco de Inquietações**

106 O ponto de inspiração de Guarnieri para escrever em 1976 *Ponto de Partida* foi a morte de Vladimir Herzog, amigo e companheiro. A peça não faz referência direta, mas a sua morte, seu assassinato abalou profundamente a todos. Foi o terceiro espetáculo da companhia de Martha Overbeck e Othon Bastos. Há uma morte numa praça e são jogados todos os elementos que estão por trás da morte de Vlado. O texto começou a ser escrito na Praia Vermelha, no Rio. Uma noite a Martha ligou para saber como andava o trabalho, e me lembro que o Guarnieri disse a ela que estava na fase de revisão. Este foi meu terceiro espetáculo com a companhia. Sérgio Ricardo fez a música e teve a participação musical do grupo Maria Déa, que foi essencial para a integração som e palavra.

O espetáculo foi maravilhoso! Não sei se todo mundo percebia que foi inspirado na morte de Vlado. Sei que foi um dos espetáculos que mais me emocionaram fazer.



*Maurice Capovilla, Fernando Peixoto e Vladimir Herzog*





Ponto de Partida: *Sérgio Ricardo; Othon Bastos e Martha Overbeck; Antonio Petrin; Gianfrancesco Guarnieri*

Em 1977 vem *Mortos sem Sepultura*, texto de Jean-Paul Sartre, para dar continuidade ao debate ideológico e político proposto por *Ponto de Partida*. Nessa época havia uma produtora que estava se firmando em São Paulo, a Difusão, de Sérgio Motta. Essa produtora reuniu Guarnieri, Ruy Guerra, Marcus Vinicius e outros. Propus o texto de Oswaldo Dragún, *Túpac Amaru*, que havia traduzido um ano antes. Narrava os últimos dias, tortura e assassinato do líder inca. Mas foi proibido pela censura.

110

Propus então *Mortos sem Sepultura*, do Sartre. Era a possibilidade de discutir a tortura, mas com ação desenvolvida na França, ocupada pelos nazistas. Havia um problema, naquela época: com a ditadura, Sartre havia proibido a encenação de suas peças no Brasil enquanto durasse a ditadura militar.

Consegui um contato na França e telefonei para o Sartre. Expliquei a ele que compreendia sua razão ao dizer que já que havia ditadura suas peças estariam proibidas de serem encenadas no Brasil. Mas que eu estava querendo montar a peça dele justamente por causa da ditadura, pela existência da temática política da peça. Sartre liberou na hora!



Todo o meu trabalho foi por uma ação política, popular e cultural. Sobretudo nessa época. Era uma forma de dar o recado, um jeito revolucionário, uma preocupação com a realidade na qual estávamos inseridos. Sempre tive essa formação paralela com o teatro. Uma preocupação com a situação política do País, desde jovem, quando morava ainda em Porto Alegre. Era uma necessidade de fazer um teatro com um significado político, de misturar a arte com a questão social e política do País. Fazer com que o espetáculo fosse um processo de reflexão sobre a realidade daquele momento. Alguns espetáculos foram proibidos, outros conseguiram passar e provocar esse diálogo. A intenção de montar Sartre foi nesse sentido. Fui buscar isso.

A mesma preocupação quando dirigi a peça *Coiteiros*, em 77, na Paraíba. Uma adaptação de um romance de José Américo. A situação social na Paraíba, outra realidade de um mesmo país. Era também um texto político, com uma série de elementos para provocar uma reflexão. Como *Ponto de Partida*, que Guarnieri escreveu para mim em função da realidade em que vivíamos: a morte de Herzog que nos atinge e foi muito forte. Nós dois estávamos com isso na cabeça, surgiu o texto e que depois vamos encenar.

## Rádio na Alemanha

O principal trabalho foi como ator na *Deutsche Welle*, em Bonn. Coordenava e fazia assistência de edição; também atuei e fiz assistência de direção. Minha ida para lá começou com uma historinha meio maluca. Estava na Alemanha passando uns dias na casa do Leandro Konder, que estava exilado. Um dia estava andando na rua e um cara veio na minha direção. *O senhor é o ator Fernando Peixoto?*

Eles iam gravar uma peça radiofônica em português, para ser enviada ao Brasil. E estavam reunindo brasileiros que moravam lá. Um ator, que fazia um personagem, teve um problema e não poderia ir, e tinham que gravar no dia seguinte. Eles souberam que eu era ator e que estava hospedado naquele lugar. Perguntaram se topava: *Claro!* Mas não tinha idéia do que era a peça.

No dia seguinte mandaram um carro para me pegar e me deram o texto, a peça se chamava *Cruelândia*, de Hubert Wiefeld. Era uma participação pequena, mas as cenas eram todas num castelo. Pensei que íamos para um estúdio, mas me levaram para um castelo! Começaram a gravação e comecei a ficar fascinado. Parecia cinema. Era uma coisa assim: o personagem es-

tava caminhando na rua, então você faz a cena caminhando, o microfone no alto, do meu lado. Depois pára, faz a cena de novo, com o microfone no alto do lado do outro ator. Foram três vezes diferentes na mesma cena. Depois eles montam, como cinema, onde filmam de longe, de perto, faz *close*, depois volta o meu *close*. Era só voz, e ela ficava gravada em diferentes pontos. As vezes a voz é mais baixa, a minha é mais alta ou ao contrário. Descobri que eles trabalhavam feito cinema. Fiquei fascinado com isso. O diretor, Klaus Mehrlander, era muito simpático, conversei muito com ele. Foi um dia todo de gravação. Foi maravilhoso! Nada em estúdio, tudo ao ar livre.

Isso foi em 1975. No final de 78, toca o telefone em minha casa, eu atendo e era o diretor dessa peça de rádio. Ele me disse que iriam fazer uma série de gravações, durante quase o ano inteiro, de textos latino-americanos para um grande festival que iria acontecer por lá. Ele disse: *precisamos de alguém da América Latina que conheça bem esses países. Pensei em você. E como gostou do trabalho que fizemos juntos, não quer vir para cá? A gente te paga a passagem e a estadia, quase o ano inteiro. Você fica aqui com a gente e o salário é tal...*

Eu topei. Fui para a West Deutscher Rundfunk em Köln e trabalhei como assistente de direção em muitas peças radiofônicas. A gente gravava no máximo uns 20 dias por mês em Colonia. Ficava então livre uns 10 dias. Pegava um trem e ia para outras cidades. Foi uma experiência fantástica!

## **A Música Como Inspiração**

A música sempre fez parte de minha vida. Dirigi muitos *shows*, com muitos cantores famosos. Era mais uma coordenação geral. Dava uma estrutura, com um a dois ensaios. Mas consegui reunir gente muito importante em todos eles, tanto em musicais como em leituras. Fiz vários eventos especiais de homenagens, como para

Érico Veríssimo, Tristão de Athayde, Procópio Ferreira, neste reuni Bibi Ferreira, Paulo Autran, Guarnieri e muitos outros. Foram vários *shows* políticos, como o *1º de Maio no Riocentro*, no Rio, fui responsável pela direção cênica do histórico *show*. O roteiro era de Chico Buarque e participação de todos os grandes nomes da canção popular brasileira e também do compositor e cantor português Sérgio Godinho. Foi organizado pelo Centro Brasileiro de Ação Democrática, em 30 de abril de 1981, o *dia do feitiço contra o feiticeiro, quando explodiram duas bombas levadas pelos militares que sabotariam o espetáculo, mas o show não foi interrompido*. Esse episódio virou livro.

Em 1968 o Oficina foi representar o Brasil, com *O Rei da Vela*, na IV Rassegna Internazionale dei Teatri Stabili, em Florença, e no Festival de Nancy, na França. Todos os órgãos oficiais recusaram qualquer tipo de ajuda financeira. Para auxiliar a arrecadar fundos encenamos no Rio o *show Oficina* com a participação de Chico Buarque, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Nara Leão e muitos outros. Foi a minha primeira experiência como diretor de espetáculos musicais com vários cantores.

116

Mas a minha primeira direção em *show* musical foi com Nara Leão, também em 68, em Porto Alegre. Já estava integrado no elenco e na direção do Teatro Oficina, e em temporada no Sul com *Os Pequenos Burgueses*, de Gorki. Nara foi à cidade para inaugurar o bar *Encouraçado Butikin*. Os donos do bar pediram uma tarde de sábado no Teatro Leopoldina, onde estávamos com a peça de Gorki, para um espetáculo especial com Nara. Me chamaram para dirigir e escrever o roteiro, inspirado nos sucessos de *Opinião e Liberdade, Liberdade*, onde Nara havia participado. Não havia tempo para escrever. Num quarto de hotel decidimos, vamos fazer um *show-verdade*. Resolvi fazer o espetáculo de forma improvisada. Conduziria o *show*, entrevistando a platéia e fazendo o público entrevistar

Nara, e conduzindo da falação às canções. Assim nasceu o *Canto Livre de Nara*, título de um disco que ela havia acabado de lançar. O espetáculo, que estava previsto para durar uma hora e meia, durou três horas.

Foi maravilhoso fazer os *100 Anos Brecht e 100 Anos Eisler*, em 98, com a soprano Andréa Kaiser e o pianista Rubens Ricciardi. Criamos juntos o espetáculo a partir dos principais momentos da música de Brecht. Fiz a direção cênica.

Outro espetáculo que gostei muito de realizar foi *Você Conhece Eisler? ou Se os Tubarões fossem Homens*, também textos do Brecht e Hanns Eisler, em 81. Veja que recebi uma tese só sobre esse espetáculo com 500 folhas.

117

## **Fascínio pela Ópera**

Sempre gostei muito de ópera. Depois de quase dois anos na Europa, onde havia mergulhado nos espetáculos de óperas, sobretudo nas duas Alemanhas. A linguagem cênica da ópera é teatral e visual, que vai sendo desenvolvida. A forma de trabalhar os atores, e a linguagem teatral se misturando ao significado da música. A consistência musical, de ponta a ponta. Não é um musical que joga elementos, mas é preciso trabalhar o tempo todo com a música. E isso

sempre me fascinou muito. E de repente surge uma possibilidade de fazer a primeira direção que foi o *Werther*, de Massenet, em 1979. A partir daí fiz várias. Durante toda a década de 80 vou dirigir mais óperas: *O Navio Fantasma*, *Lo Schiavo*, *Madame Butterfly*, entre outras.

118 Todas elas me pegaram muito, foram momentos fortes. *Wozzeck*, de Alban Berg, por exemplo. Era um sonho. Tinha um fascínio pela peça de Büchner, de onde é baseada a peça. Havia tentado montar duas vezes, sem conseguir. Em 1982, Mário Chamie, secretário municipal de Cultura de São Paulo, me chamou para dirigir esse projeto irresistível. *Wozzeck* tinha elenco brasileiro e alemão. Mergulhei na ópera e nas discussões com Gianni Ratto sobre cenografia e fui auxiliado, de maneira decisiva, pelo maestro inglês Harry Lyth, que foi contratado para preparar o elenco. O maestro da ópera era Isaac Karabtchevsky. Nosso encontro foi uma integral identificação e cresceu uma grande amizade, além da admiração por seu trabalho de extrema sensibilidade e penetrante vigor.

A ópera *Café*, de Mário de Andrade, foi outro desafio. Há muitos anos queria encená-la. Quando li a notícia que Koellreutter havia escrito música para *Café*, imediatamente entrei em contato com ele e fizemos o espetáculo juntos.



Koellreutter assistia a todos os ensaios, era uma pessoa maravilhosa.

*Café* é uma reflexão crítica sobre decisivo episódio da história de Santos: a crise do café no final da década de 20. Mário descreve o confronto entre opressores e oprimidos, concluindo com a necessária vitória de uma revolução operária. Mas ele não situa a ação em Santos, ele universaliza o tema: *não se passa em país nenhum*.

120

É um fascinante episódio de luta popular, apoiado em vigorosa e intensa força do texto e da música. Sua força poética e política dos versos, das palavras, constrói, com os recursos da dramaturgia, uma ópera coral, um oratório de grande força inventiva.

*Café* finalmente foi encenada em 1996, em Santos, mas ainda permanece atual: *em nossa sociedade ainda predominam a injustiça e a exploração do homem pelo homem*, captados por Mário de Andrade em 1942, época em que *Café* foi escrita.

### **Artistas Exilados**

Quando *Murro em Ponta de Faca*, de Augusto Boal, ficou pronta em 1978, não pude dirigir a versão original porque estava na Alemanha com

uma bolsa de radioteatro. Quem dirigiu aqui foi Paulo José. Boal escreveu a peça para mim. Uma vez perguntei para ele:  *você tem muita experiência de viver no exílio, por que não faz uma peça sobre isso?* Fui dirigir *Murro em Ponta de Faca*, em final dos anos 90, em Estocolmo, na Suécia.

Numa de minhas viagens à Berlim encontrei um amigo, o chileno Alejandro Quintana, que estava como diretor no *Berliner Ensemble* de Brecht. Ele me conta que saiu do Chile, durante a ditadura, e foi para a Alemanha. Nessa conversa ele comenta sobre seu exílio e me pergunta se já havia dirigido fora do País. Conteí que tinha feito um trabalho rápido em Montevideú e que gostaria muito de ter outra experiência de trabalhar fora do País. Tempos depois, o Alejandro foi sondado pelo grupo de Teatro Popular Latino-Americano, de artistas exilados chilenos, que moravam em Estocolmo, para dirigir a peça de Boal. Alejandro já havia dirigido na Suécia uma versão dessa mesma peça. Como não poderia ir e sabia da minha amizade com o Boal, me indicou: *tenho uma pessoa que é um diretor brasileiro...* Como o grupo não me conhecia, entraram em contato com o Boal... Pronto, definitivamente fui escolhido para dirigir a peça na Suécia. Lá o título ficou sendo *El Cuchillo por El Filo*, ou, em sueco, *Resa Utan Slut* (Viagem sem Regresso).



Murro em Ponta de Faca, elenco sueco, 1990



Bernardo Llorens, diretor do grupo de Teatro Popular Latino-Americano, me telefonou, fiquei surpreso e emocionado: *puxa!* Fui para lá imediatamente e montei o espetáculo. Poucos dias depois de minha chegada a Estocolmo, fui uma noite à cidade de Kungälv assistir a uma apresentação dessa peça na versão de Alejandro Quintana. Um belíssimo espetáculo, com o grupo *Länsteatern*, de Västmanland. E lá encontrei o Boal. Que depois voltou à Suécia para assistir à estréia do meu espetáculo, que foi em 11 de setembro de 1990.

124

Foram quarenta dias de ensaio. Foi uma experiência inesquecível. Conheci muita gente de teatro, fui muito bem recebido na sede sueca do Instituto Internacional de Teatro (ITI) da Unesco e em outras sociedades culturais. Mas sobretudo tive uma fascinante experiência de contato com uma quantidade imensa de exilados latino-americanos, inclusive artistas, poetas e escritores. Os exilados são uma realidade muito forte na vida da Suécia.

Exílio era o tema da peça e pude conhecer mais intimamente o que significava ser obrigado a viver fora do país da gente. O inesperado e o novo, o desconhecido e o diferente, as contradições do cotidiano e a crise ou redescoberta da identidade; o confronto entre realidades

humanas e culturais diversificadas, o que existe de difícil, mas também de rico, nessa experiência da vida. Esse conhecimento me ajudou muito a realizar o espetáculo. Foi uma experiência vigorosa, perturbadora e transformadora. Os exilados chilenos nunca voltaram, ainda estão lá na Suécia.

Eu nunca estive exilado. Quase. No dia seguinte ao golpe de 64 fui me esconder numa casa cedida por uma amiga no litoral de São Paulo. Depois de uns 10 dias fui para Porto Alegre onde, conhecido e militante do PCB, fiquei um mês, certo que teria que atravessar a fronteira para o Uruguai a qualquer momento. Mas acabei arriscando regressar para São Paulo.

125

### **Uma Escola Itinerante**

*A Escola Internacional de Teatro da América Latina e do Caribe* (Eitalc) nasceu num encontro de artistas e intelectuais, em Havana, durante o III Encontro de Teatro da América Latina e do Caribe, organizado pela *Casa de las Américas* de Cuba, em abril de 1987. Fui um dos fundadores. Numa discussão sobre a situação do ensino teatral em nossos países, surgiu uma proposta instigante no meio dos debates: de criar uma escola de teatro. São inúmeros países latino-americanos com técnicas de trabalho de extremo

vigor poético e teatral desenvolvidas por grupos, em permanente atividade de investigação de linguagem. Processos que precisariam ser experimentados na prática e certamente despertariam inesperadas forças de invenção.

Essas idéias básicas deram estrutura à Eitalc: o ensino concebido como troca de técnicas e processos numa vivência cênica concreta por meio de oficinas. De juntar, não de uma forma de uma escola tradicional, mas de uma escola itinerante, para reunir pessoas de diferentes processos de trabalho, de diferentes países e grupos. Criar uma relação entre eles. O importante seria conhecer como o outro trabalha. A direção da escola ficou com Oswaldo Dragún, dramaturgo argentino, grande amigo, que já faleceu.

126

Em abril de 1988, em Havana, a comissão de organização formada por representantes eleitos de nove países definiu como objetivo central da Eitalc: *incentivar o desenvolvimento dos criadores teatrais do continente e contribuir para sua formação e aperfeiçoamento, de uma perspectiva que, sem desprezar, mas procurando assimilar as melhores contribuições do teatro mundial, se inspire na defesa e na pesquisa de nossa identidade latino-americana e caribenha e nos ideais de libertação e soberania de nossos povos.*



**ESCOLA INTERNACIONAL DE TEATRO  
DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE**

*Escola Internacional Teatro da América Latina e do Caribe*

Os resultados foram extraordinários, eram discussões, não havia regra, às vezes chamava uma pessoa para fazer uma oficina, ou chamava um grupo. A primeira oficina foi realizada em Machurrucutu, em Cuba, em 1989, com o tema *Técnicas Atuais de Criação Teatral na América Latina e no Caribe* baseado no livro *Memórias do Povo*, de Eduardo Galeano. Participaram 60 atores e atrizes, cinco pesquisadores de teatro, entre eles o crítico Yan Michalski, do Brasil.

128

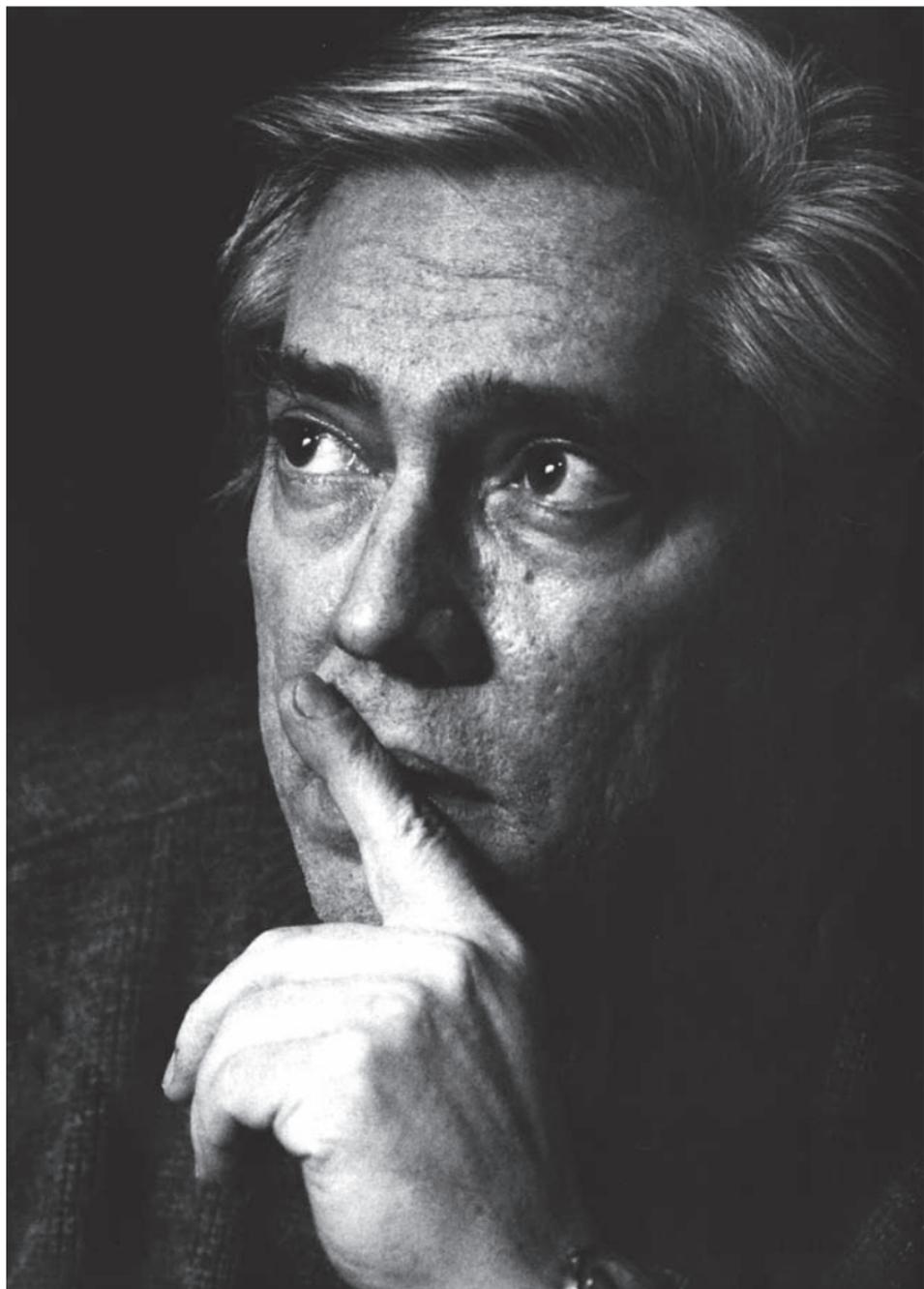
Artistas de diferentes países vieram na segunda oficina organizada no Brasil. Aqui, representantes de 14 países latino-americanos e europeus fizeram uma oficina de três semanas com o Antunes Filho e seu grupo Macunaíma. Mas não era só aula. Depois a gente ia para um bar, ou almoçar, sair junto para um bate-papo e aí ficavam sabendo mil coisas. A idéia era esta: integrar os participantes de diferentes países no espaço social e na comunidade onde eles produzem. Depois surgiram processos de trabalho em diferentes países, novos grupos foram fundados e organizados. Muitos brasileiros têm participado. Já aconteceram 60 oficinas durante esses 22 anos de criação da escola.

A Eitalc não tem limites. No começo pensou-se apenas na América Latina e no Caribe, mas encontros e pesquisas de trabalho já foram também

realizados na Europa. A sede atualmente é no México. Trata-se sem dúvida de um sonho, que foi possível transformar em realidade. Um trabalho inédito e permanente, sempre marcado pelo fascínio do imprevisível.



*Com Fidel Castro, 1981*



*Fernando Peixoto na direção de El Cuchillo por El Filo,  
na Suécia.*

## Capítulo III

### Revelando o Teatro

O primeiro livro que escrevi na coleção Vida e Obra, da Editora Paz e Terra, sobre Brecht foi uma invenção do Leandro Konder. Estavam procurando alguém para escrever e o Leandro, que é muito amigo, me indicou. Quando fiz o Brecht, me fascinou fazer a história dele relacionado com a ação social e política em que ele viveu. Ele passa pelo nazismo, o exílio nos Estados Unidos e outros países, pela criação da República Democrática Alemã e pela experiência do socialismo alemão. Quando me pediram um segundo livro, pensei em Maiakovski, sua vida traçada com a revolução soviética de fundo. Depois queria escrever sobre Garcia Lorca porque pegaria todo o golpe na Espanha, o franquismo. Este livro não toparam, mas surgiu a idéia do Sade. Tinha lido alguns livros do Sade, meio pornográfico, mas tinha toda a estrutura da Revolução Francesa, que está por trás. A idéia era falar sobre ele e toda a estrutura política em que seus livros estão inseridos, base do humanismo.

131

A origem da *Introdução do Teatro Dialético* é meio maluca. Fui chamado pelo Instituto Goethe para fazer uma série de palestras sobre o tema.

Preparei tudo, estudei, pesquisei. Um dia antes de começar o ciclo de palestras, tive uma inflamação de garganta e fiquei sem voz. O médico me disse que precisava ficar uma semana sem falar. Cancelei as palestras e fiz o livro, fiquei em casa e escrevi. Tenho até o depoimento de Brecht quando foi depor nos Estados Unidos, o interrogatório dele. Essa história está no livro *A Histeria Anticomunista em Hollywood*, é uma delas.

132 Outro personagem que me fascinou foi o Büchner, e escrevi sobre a dramaturgia do terror. Queria fazer também o que é ópera, e eles toparam. Minha grande temática era como trabalhar a encenação em função da música, não só do texto teatral, mas a estrutura musical. A minha experiência com a ópera é muito grande e fascinante, principalmente as que dirigi com o maestro Isaac Karabtchevsky, uma figura extraordinária, porque ele assistia quieto aos ensaios da encenação e se o cantor dizia: *não posso fazer este movimento porque tenho que olhar para o maestro*. Isaac dizia: *não precisa olhar*. Acontecia também o contrário: *deixe o ator de frente*. Ele me ajudou muito nos trabalhos, nos ensaios. Foi aí que nasceu o livro *Ópera e Encenação*.

*Um Teatro Fora do Eixo*, um livro que escrevi pela Editora Hucitec (SP) em co-edição com a Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, em

1993, teve uma repercussão bem maior do que esperava. Pensei nos leitores do Rio Grande do Sul, mas despertou grande interesse fora de lá. Era uma reflexão sobre a realidade da produção e do cotidiano do teatro do Sul entre 1953 e 1963. Tive a idéia de escrever sobre o teatro do Sul, quando fui a um debate em Porto Alegre. E como a casa de minha mãe estava em reforma, fiquei hospedado em um hotel. No dia seguinte, bem cedo, uma menina muito simpática me liga e me diz que estava fazendo uma pesquisa de escola sobre o teatro gaúcho.

*Me disseram que você ia chegar e o meu professor de teatro me deu a idéia de te procurar para fazer umas perguntas.*

133

Por telefone mesmo ela começou: a tal peça que você trabalhou, e quando você dirigiu o espetáculo tal... Ela me fez várias perguntas. Algumas respondi, mas várias questões que ela colocava não eram verdades. Ficou uma situação chata e eu disse que não dava para continuar conversando com ela.

Fiz a tal palestra e no dia seguinte ia logo embora, mas o telefone tocou cedo, com a mesma voz. Era a mesma menina me dizendo: *estou aqui embaixo na portaria, me desculpe se estou te incomodando, mas te trouxe o xérox dos vários*

*assuntos que pesquisei para fazer a entrevista com você. Onde está marcado tudo o que te perguntei e que você falou que estava errado.*

Ela deixou o material e foi embora. Peguei o material e li várias informações publicadas na imprensa, como as peças encenadas por Paulo José, Fernando Peixoto etc. Mas não era eu, nunca tinha feito aquela peça! Ou a direção realizada por Fernando Peixoto, outra peça inexistente. Havia uma quantidade imensa de coisas grifadas com informações incorretas e que a menina não tinha culpa nenhuma. Tudo que ela havia me perguntado realmente havia tirado do material da imprensa. Eram erros de ortografia, outros de informação.

134

Antes de ir embora para o aeroporto, resolvi fazer uma caminhada e encontrei um amigo que trabalhei no teatro, foi prefeito de Porto Alegre, o Plínio Perez, era jornalista. Hoje existe até um espaço no centro da cidade com o nome do Plínio. Ele me falou que estava querendo montar *aquela peça, que você estava no elenco*. Fiquei quieto e pensei: *nunca fiz esta peça infantil*. Ou será que tinha me enganado? Isso aconteceu uma hora depois das informações incorretas da pesquisa da menina. Quando cheguei em casa, em São Paulo, fui direto para o meu arquivo verificar a lista de peças, e comprovei que real-

mente não havia feito a tal peça infantil. Memória errada. Então pensei: vou organizar este material que publiquei na imprensa do Sul. Vou tentar fazer uma reconstituição de todo o meu trabalho no teatro e jornalismo no Sul.

Mesmo assim, na primeira edição do livro, saiu o nome errado do P.F. Gastal, o jornalista, crítico de cinema que me convidou para escrever sobre teatro no jornal. O livro começa com a frase caindo no mesmo erro de por que escrevi o livro *Um Teatro Fora do Eixo*.



## **Bibliografia de Fernando Peixoto**

### **Ed. Paz e Terra:**

- *Brecht, Vida e Obra* (1968)
- *Maiakovski, Vida e Obra* (1969)
- *Sade, Vida e Obra* (1970)
- *Brecht: uma Introdução ao Teatro Dialético* (1981)
- *Ópera e Encenação* (1986)
- *Hollywood: Episódios da Histeria Anticomunista* (1991).

137

### **Ed. Brasiliense:**

- *O que é Teatro* (1980)
- *Teatro Oficina; Trajetória de uma Rebelião Cultural* (1982)
- *Büchner* (1983)
- *Vianinha – Oduvaldo Vianna Filho* (antologias e biografias - 1983-1ª edição)

**Ed. Hucitec:**

- *Teatro em Pedacos* (1980)
- *Teatro em Movimento* (1985)
- *Teatro em Questão* (1989)
- *Um Teatro Fora do Eixo* (1997)
- *Teatro em Aberto* (1997).

**Ed. Global:**

- *O Melhor Teatro do CPC da UNE* (organizador -1989).

## História de uma Carreira

**Cinema** (ator, assistente de direção, roteiro)

**2002**

• ***Teatro em Movimento***

Curta-metragem - Direção: Rodolfo Garcia Vázquez - Roteiro: Ivam Cabral e Rodolfo G. Vázquez - Produção: Companhia de Teatro Os Satyros - Fotografia: Carlos Ebert - Continuísta: Florence Weyne Robert - Elenco: Fernando Peixoto (Flávio, o diretor), Ivan Cabral, Silvanah Santos, Mazé Portugal, Letícia Coura, Adriana Capparelli, Dulce Muniz, Telma Vieira, Patrícia Aguille, Dimas Bueno, Andréa Cavinato, Paula Hernandez, Germano Pereira, etc.

139

**2000**

• ***Coda***

Direção: Flávio Barone e Rosane Santiago - Fotografia: Joel Lopes - Assistente de direção: Flávio Queiroz - Continuidade: Roberta Barros - Elenco: Fernando Peixoto (mordomo José), Antonio Abujamra, Antonio Fagundes, André Abujamra, Elizabeth Reis, etc.

**1995**

• ***São Paulo: Sinfonia e Cacofonia***

De Jean-Claude Bernardet - documentário sobre São Paulo com trechos de vários filmes realiza-

dos em SP, inclusive em que apareço em *Gamal, Delírio do Sexo*, de J.B. de Andrade 1969

## 1994

### • *Dente por Dente*

De Alice de Andrade - Curta-metragem - Roteiro: Alice de Andrade - Fotografia: Dib Lutfi - Elenco: Letícia Sabatelli, Pedro Cardoso, Fernando Peixoto, Ney Latorraca, Sérgio Mamberti, Marcélia Cartaxo, Jacqueline Lawrence, Candido Damm, Buza Ferraz, Yara Jamra, Ana Maria de Andrade, etc. - Produção: Superfilmes (Brasil) e Les Films Armand Brière (França)

140

### • *Correspondência*

Curta-metragem - Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo - Direção: Eliane Coster e Sérgio Audi - Roteiro: Eliane Coster - Fotografia: Eliane Coster e Sérgio Audi - Elenco: Vic Molittello, Fernando Peixoto, Renato Consorte e outros - Direção de Arte: C. Bacci e Janice D'Ávila - Som: Rosemary Sgashima

## 1993

### • *Resignação*

Curta-metragem - Direção e roteiro: Isídio Cláudio Coelho Neto - Elenco: Fernando Peixoto, Renata Guimarães, Imara Reis - Produtor: Arthur Autran (ECA-USP)

## 1988

### • *A Faca de dois Gumes*

Da novela de Fernando Sabino - Direção: Murillo Salles - Assistente de Direção: Alice de Andrade - Roteiro: Alcione Araújo - Fotografia: José Tadeu - Elenco: Fernando Peixoto (Segundo Encapuzado), Paulo José, Marieta Severo, Úrsula Canto, José Lewgoy, Paulo Goulart, Bernardo Jablonski, José Abreu, etc.

## 1987

### • *Fiat Lux não é Marca de Fósforo*

Curta-metragem de Gilmar Candeias - Roteiro: Gilmar Candeias, diálogos adicionais de Reinaldo Maia, baseado no conto de Antonio Alcântara Machado - Fotografia: Roberto Santos Filho - Elenco: Fernando Peixoto (Delegado), Umberto Magnani, Edson Santana, etc.

141

## 1985

### • *Vianinha*

Curta-metragem de Gilmar Candeias e Jorge Achoa (direção e roteiro) - Fotografia: Roberto Santos Filho e Aluisio Raulino - Trilha sonora: Ana de Hollanda - Montagem Vanderlei Klein - Narração: Fernando Peixoto (trechos de Oduvaldo Vianna Filho), depoimentos de G. Guarnieri, Ferreira Gullar, Loen Hirzsmann, José Celso M. Correa, Deocália Vianna, Daniel Filho e Fernando

Peixoto - Elenco: Raul Cortez, Luiz Nascimento, Armando Azari, Antonio Petrin, Rosali Papadopol (em *Rasga Coração*), Fernando Peixoto, Reinaldo Mara e Edson Santana (em *Papa Highirte*), Amilton Monteiro (em *Auto dos 99%*) - Seleção de textos: Reinaldo Maia

## 1984

### • *O Beijo da Mulher Aranha*

De Hector Babenco - Elenco: William Hurt (Oscar de Melhor Ator em 1985), Raul Julia, Fernando Peixoto (figuração, como oficial nazista), Sonia Braga, Nuno Leal Maia, Milton Gonçalves, José Lewgoy, Antonio Petrin, etc.

142

## 1980

### • *O Homem do Pau Brasil*

De Joaquim Pedro sobre Oswald de Andrade - Elenco: Christina Ache, Ítala Nandi, Dina Sfat, Regina Duarte, Fernando Peixoto (como Coelho Neto), etc.

### • *Eles não Usam Black-tie*

De Leon Hirzsmann - Assistente de Direção: Fernando Peixoto - Elenco: G. Guarnieri, Fernanda Montenegro, Riccelli, Francisco Milani, Bete Mendes, Antonio Petrin, Paulo José, Anselmo Vasconcelos, Fernando Peixoto, etc.

**1979**

- ***O Homem que Tinha a Morte no Corpo*** (não realizado)

Roteiro, adaptação e diálogos com Ruy Guerra (a partir do romance *Vingança, Não* de Francisco Pereira Nóbrega)

**1978**

- ***O Tronco*** (não realizado)

Roteiro com João Batista de Andrade, do romance de Bernardo Elis

**1977**

- ***A Batalha de Guararapes***

De Paulo Thiago - Elenco: José Wilker, Renée de Vielmond, Jardel Filho, Nildo Parente, Tâmara Taxman, Fernando Peixoto, etc - Fotografia: Renato Neumann e Mário Carneiro

- ***Doramundo***

De João Batista de Andrade, adaptação do romance de Geraldo Ferraz - Elenco: Armando Bogue, Antonio Fagundes, Irene Ravache, Assunta Peres, Oswaldo Campos, Walter Marins, Rolando Boldrin, Fernando Peixoto, etc.

**1976**

- ***A Queda***

De Ruy Guerra e Nelson Xavier - Elenco: Lima Duarte, Isabel Ribeiro, Nelson Xavier, Fernando

Peixoto, Helber Rangel, Álvaro Freire, Maria Silva, etc - Fotografia: Edgar Moura

**1975**

• ***Fogo Morto***

De Marcos Faria, adaptação do romance de José Lins do Rego - Elenco: Othon Bastos, Jofre Soares, Fernando Peixoto, Ângela Leal, Rodolfo Arena, etc.

**1974**

• ***O Predileto***

De Roberto Palmari - Produção: Lynx Filmes - Elenco: Othon Bastos, Suzana Gonçalves, Jofre Soares, Ruthinéa de Moraes, Abrão Farc, Célia Helena, Xandó Batista, Fernando Peixoto, etc.

• ***Cristais de Sangue***

De Luna Alkalay - Elenco: Rui Polanah, Salma Buzzar, Emmanuel Cavalcanti, Tuna Espinheira, Fernando Peixoto

**1973**

• ***O Herói Póstumo da Província***

De Rudá de Andrade (sobre Oswald de Andrade)  
– Participação especial

• ***Sangria***

De Luna Alkalay (curta-metragem)



Cristais de Sangue, *filme de 1974*

**1972**

• ***O Homem que Comprou a Morte***

De Maurice Capovila - Elenco: G.Guarnieri, Suzana Gonçalves, Fernando Peixoto, Luthero Luiz, entre outros

• ***A Impunível Ascensão Ilegal de Cesário Capão, o Falsário Legal*** (não realizado)

Argumento escrito com Maurice Capovila e Victor Knoll

**1970**

• ***Prata Palomares***

De André Faria - Produtor e assistente de direção: Fernando Peixoto - Elenco: Ítala Nandi, Renato Borghi, Carlos Gregório, Otávio Augusto, Renato Dobal, etc.

**1969**

• ***Gamal, Delírio do Sexo***

De João Batista de Andrade - Elenco: Joanna Fomm, Paulo César Peréio, Flávio São Tiago, Lourival Parisi, Fernando Peixoto, etc.

• ***O Profeta da Fome***

De Maurice Capovila - Roteiro: Fernando Peixoto com Maurice Capovila, baseado em *A Urna*, de Walter George Durst (Prêmio de argumento, roteiro e diálogos da Air France e do VI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro)

**1967**

• ***Bebel, Garota Propaganda***

De Maurice Capovila – Elenco: Paulo José, Rossana Ghessa, Maurício do Valle, Geraldo del Rey, John Herbert, Fernando Peixoto, etc.

**1963**

• ***Meninos do Tietê***

De Maurice Capovila – Assistente de direção: Fernando Peixoto

**1962**

• ***Coqueshi***

Experiência em 8 mm (RS) – Direção, roteiro e ator - Elenco: Ítala Nandi, Flávio Loureiro Chaves

## Espectáculos Especiais (diretor)

**1998**

• ***100 Anos Brecht – 100 anos Eisler***

Recital com a soprano Andréa Kaiser e o pianista Rubens Ricciardi – Direção cênica: Fernando Peixoto - Programa com músicas de Brecht-Eisler, Brecht-Brecht, Eisler-Eisler, Eisler-Tucholski, Brecht-Weill, Eiler-Pablo Neruda-Brecht, Eisler-Julian Arendt, etc. – Apresentações em Ribeirão Preto, Santos, Porto Alegre, São Paulo (Instituto Goethe)

**1988**

• ***Falar de Mim***

*Show* com Ana de Hollanda no Centro Cultural São Paulo - Direção Musical e teclados: Daniel Szafrán – Contrabaixo: Jorge Aquino – Bateria: Walmir Rodrigues – Percussão: Jamil Scatena – Roteiro: Ana de Hollanda

**1987**

• ***Festa da Glasnost***

Espectáculo com artistas soviéticos na festa promovida pelo Partido Comunista Brasileiro, no Parque da Água Branca (SP) em comemoração ao 70º aniversário da Revolução Soviética. Apresentação do espetáculo com os artistas: Nádía Semiónov e Anatoli Semiónov (dança), Arthur Eizen (canto lírico, baixo, solista do Bolshoi), Natalia Liútova e Natália Mitiúshova (exercícios

acrobáticos, 13 e 14 anos) Galina Bulgákova (cantora popular), Vladimir Iakovlev (instrumentista)

## 1984

### • *Alceu Vive – Um Ano Longe Daqui*

Homenagem a Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) no primeiro aniversário de sua morte, realizada pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiroz Filho (Ibeac) e pelo Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade. Participação de Helena Iracy Junqueira (presidente do Ibeac), dr. Alceu Amoroso Lima Filho, prof. Candido Mendes, vereadora Gilda Pompéia, escritora Lígia Fagundes Telles, Dom Luciano Mendes de Almeida, senador Marcos Freire, secretário estadual de Cultura Jorge Cunha Lima, prefeito Mário Covas, governador Franco Montoro e atores Regina Duarte e Raul Cortez, Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho. Apresentação do vídeo com texto da Madre Maria Tereza (realizado com *table-top* por Márcia Saad, da RTC) e do vídeo *Alceu Amoroso Lima*, realizado por Mônica Montoro, no Palácio dos Bandeirantes

### • *Relações Insuspeitas Entre Eisler-Brecht e o Brasil*

Conferência ilustrada com música, concebida e realizada por Willy Correa de Oliveira no Centro

Cultural São Paulo - Cena e luz: Fernando Peixoto - Semana Brecht, patrocinada pela Associação Cultural Bertolt Brecht

**1983**

• ***Drama per Música: as 5 Verdades***

Evento musical de Willy Correa de Oliveira no Instituto Goethe (SP) - Encenação: Fernando Peixoto - Direção musical: trabalho coletivo dos músicos participantes

• ***Tirem as Mãos da Nicarágua*** (Canção para a Paz)

*Show* musical e ato político de solidariedade à Revolução Sandinista da Nicarágua - Anhembi (SP) - Direção e roteiro: Fernando Peixoto - Apresentadores: Gianfrancesco Guarnieri, Bete Mendes e Christiane Torloni - Participação de Chico Buarque, Fagner, Toquinho, Olívia Byington, Fafá de Belém, Agnaldo Timóteo, Teatro União e Olho Vivo, Alberto Goldmann, Lula, Fernando Moraes, Álvaro Fraga, João Batista, representantes da Pró-Cut, da União Brasileira de Estudantes Secundários e UNE, de entidades de solidariedade aos povos da América Latina e Caribe, Dalmo Dallari, representantes da Organização pela Libertação da Palestina etc.

• ***Canta Brasil***

Espectáculo em homenagem ao 1º de Maio, produzido pelo Cebrade (Centro Brasil Democrático). Anhembi (SP)

Direção: Fernando Peixoto e Oswaldo Loureiro  
Participação: Chico Buarque, Simone, Gilberto Gil, Erasmo Carlos, Baby Consuelo, Pepeu Gomes, Elba Ramalho, Toquinho, Sérgio Ricardo, Fafá de Belém, João Bosco, Carlos Vergueiro, Francis Hime, Frenéticas, Kleiton e Kledir, Demônios da Garoa, Nara Leão, João Nogueira, Paulinho Boca de Cantor e Gianfrancesco Guarnieri

• ***Um Ato Teatral***

Espectáculo representando o teatro paulista na Feira de Cultura Brasileira da Secretaria de Cultura do Estado de S. Paulo. - Temas: Contestação da política cultural do governo de 1968 até 1983 - Coordenação cênica: Fernando Peixoto - Dramaturgia: José Rubens Siqueira e José Rubens Chassereaux - Encenação: Celso Frateschi e Francisco Medeiros - Coordenação visual e espaço cênico: Alzira Andrade - Coordenação artística: Denise del Vecchio, Edélcio Mostaço e Paulo Betti - Coordenação administrativa: Jair Antonio Alves e Orlando Parolini

Realização da Cooperativa de Teatro - Elenco: Adilson Barros, Aiman Hammoud, André Ceccato, Armando Azzarri, Beatriz Berg, Bri Fioca, Cristina Bosco, Dulce Muniz, Eliane Giardini, Gilberto Caetano, Hélio Cíceto, Hugo Dela Santa, João Batista Acayabe, João Signorelli, Lília Cabral, Lílian Sarkis, Luis Guilherme, Renato Consorte

## 1982

### • *Show Fafá de Belém*

Clube Pinheiros (SP)

Especial de apoio e homenagem a Franco Montoro, candidato do PMDB ao governo de São Paulo – Direção: Fernando Peixoto

## 1981

### • *Show 1º de Maio*

Produzido no Riocentro pelo Centro Brasil Democrático (Cebrade) - Direção: Fernando Peixoto

- Roteiro: Chico Buarque e Fernando Peixoto -

Auxiliares de direção: Vinicius, Caldeira, Vladimir, Victor e Beth - Participação: Elba Ramalho,

152 Clara Nunes, Angela Ro-Ro, Zizi Possi, Cauby

Peixoto, Céu da Boca, Joanna, Miucha, Bebel,

Paulinho da Viola, João do Vale, João Nogueira,

Moraes Moreira, Serginho Godinho (de Portu-

gal), Roupas Nova, Renato Terra, Beth Carvalho,

João Bosco, Ivonne Lara, Gal Costa, Simone, Ivan

Lins, Fagner, Djavan, MPB4, Gonzaguinha, Luiz

Gonzaga (homenagem especial)

## 1980

### • *Encontro com o Poeta e Escritor Alemão Christoph Meckel*

Instituto Goethe (SP) - Leitura de textos e poemas em português (Fernando Peixoto), no original alemão (Christoph Meckel)

1979

• ***Banho de Cheiro***

Show com Fafá de Belém – Teatro Leopoldina, em Porto Alegre

1977

• ***Gente***

Show musical para o jornal *Movimento* – Produção musical: Maurício Tapajós – Coordenação e direção cênica: Fernando Peixoto e Maurício Tapajós – Participação de Chico Buarque, Elis Regina, Macalé, Sérgio Ricardo, Fafá de Belém, Marcus Vinicius, Ivan Lins, César Camargo Mariano, Luiz Gonzaga Jr., João Bosco, etc.

• ***Show Musical para a Sociedade Brasileira de Proteção à Ciência (SBPC)*** – Ginásio Portuguesa de Desportos – Participação: Chico Buarque, Milton Nascimento, Francis Hime, Macalé, Marília Medalha. MPB 4, Quarteto em Cy, Miucha, Grupo Trancón, Renato Borghi, Ester Góes, Bibi Ferreira, Marieta Severo, Olívia Hime, Dércio Marques, Ruth Escobar, Alaíde Costa  
Direção: Fernando Peixoto

• ***Homenagem 60 Anos de Procópio Ferreira***

Teatro Municipal de S. Paulo – Direção: Fernando Peixoto - Roteiro: Mário Chamie – Participação: Procópio Ferreira, Bibi Ferreira, Paulo Autran, Gianfrancesco Guarnieri, Ítala Nandi,

Ana Maria Braga, Escola de Samba Mocidade Alegre – Produção: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo

• ***Homenagem à Memória de Paulo Pontes***

Teatro Carlos Gomes (RJ) – Direção: Flávio Rangel - Direção de cena: Fernando Peixoto e Bibi Ferreira – Participação: Ítala Nandi, Bete Mendes, Francisco Milani, Antonio Petrin, Milton Nascimento, Chico Buarque, Eliseth Cardoso, Ziembinsky, Ítalo Rossi, Jorge Dória, Bibi Ferreira, Paulo Autran, Grande Otelo, João do Vale, Zé Kéti e outros

**1975**

• ***Homenagem à Memória de Érico Veríssimo***

Teatro Casa Grande (RJ) – Direção e participação: Fernando Peixoto – Leitura de trechos de romances e entrevistas – Exibição de filme sobre Érico, dirigido por Fernando Sabino e Davi Neves. – Participação de Fernando Montenegro e Fernando Torres

## Teatro (diretor) e Ópera (encenador)

**2001**

• ***Vidas Calientes***

De Luque Daltrozo/ Daltrozo Produções - Direção: Fernando Peixoto - Assistente de direção: Regina Goulart - Cenário: Marcello Jordan - Luz: Cizo de Souza; trilha sonora: Tunica Teixeira - Elenco: Imara Reis (Amália), Daniel Gaggini (Felipe), Renato Scarpin (Augusto), Patrícia Vilela (Sibile), Plínio Gouveia (Gabriel), Francisco Taunay (Garoto de Programa), Jamil Kubruk (Garçom e Entregador de Pizza), Felipe Scapino (Garoto de Programa), Marcello Jordan (Garoto de Programa) - Teatro Augusta/SP

155

**2000**

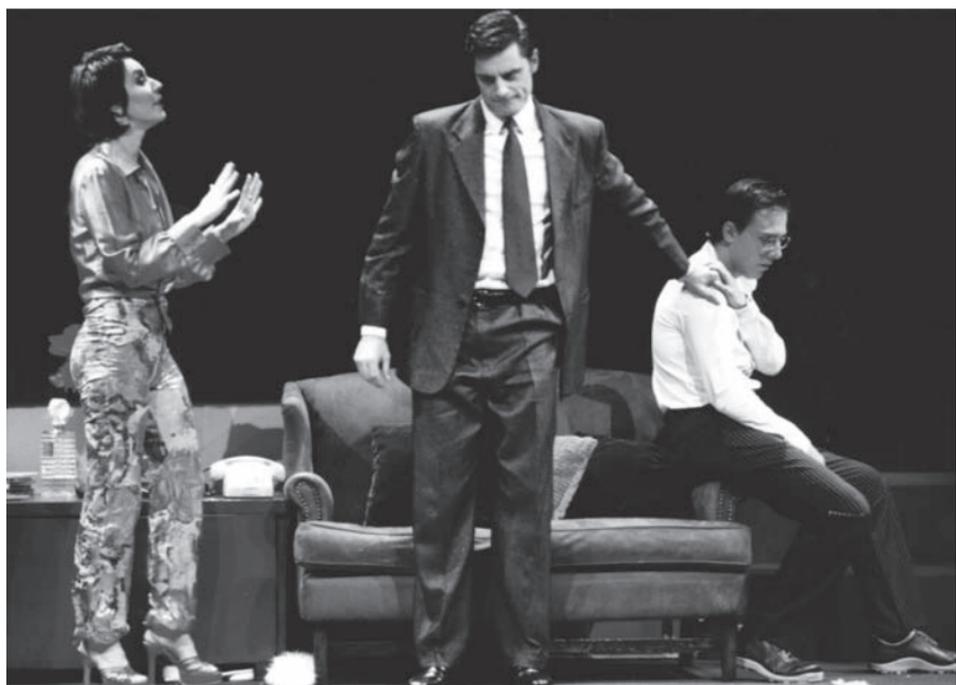
• ***Pârvati (a sacerdotisa do amanhecer a caminho da consciência cósmica)***

De Cristina Lüthold - Direção: Fernando Peixoto - Elenco: Cristina Lüthold; vozes em *off*: Antonio Galleão, Flávia Falcon e Cristina Lüthold - Produção, figurinos e trilha sonora: Cristina Lüthold - Luz: Beato Tem Prenafeta - Sala Paulo Emílio Salles Gomes/ Centro Cultural São Paulo/SP

**1997**

• ***Maria Quitéria***

De Marici Salomão - Direção: Fernando Peixoto; Assistente de direção: Ângelo Brandini - Cenário



*Vidas Calientes, com Imara Reis, Renato Scarpin, Daniel Gaffini e Patrícia Vilela, 2001*



*Pārvaṭī, Cristina Lüthold, 2000*

e figurinos: Carlos Colabone - Música: Túnica;  
Luz: Simone Donatelli - Produção geral: Graça  
Berman - Produção executiva: Suia Legaspe -  
Elenco: Airton Reno (Congo), Alberto Amorim  
(D. Pedro, Furriel), Débora Dubois (Teresa), Graça  
Berman (Louca, Maria Graham), Igor Kowalewski  
(Conselheiro, Emissário, Comandante), Klaus  
Novais (Pai Gonzalo, Soldado), Luana Costa (Ale-  
xandria), Suia Legaspe (Maria Quitéria) - Teatro  
Itália, São Paulo/SP

## 1996

### • *Café*

158

Texto de Mário de Andrade – Música: Hans-  
Joachim Koellreutter/ Ópera – Direção: Fernando  
Peixoto/Assistente de direção: Reinaldo Maia  
- Direção musical e regência: Luis Gustavo Petri  
– Cenário: Gianni Ratto – Figurinos: Maria do  
Carmo Brandini – Cenotécnico: Mário Márcio  
- Coordenação de palco: Denise Alcântara/ as-  
sistente de produção: Andréa Lopes  
Preparação de corais: Roberto Martins, Geraldo  
Magela Marques e Fernanda Marques  
Coros: Coro Municipal de Santos, Coro Municip-  
al de Cubatão, Faz de Canto e Coro Universi-  
tas – Elenco: Margarita Schack (mãe), Serafim  
Gonzáles (narrador), José Gallisa, Lamir Vaz de  
Lima, Miguel Hernandez, coralistas e figurantes -  
Produção da Secretaria Municipal de Cultura de



Ópera Café, 1996

Santos (secretário Marco Antonio Rodrigues), da Prefeitura de Santos (prefeito: David Capistrano Filho) – Estréia mundial: Teatro Municipal Brás Cubas/Santos/SP

**1993**

• ***A Farsa da Esposa Perfeita***

De Edy Lima

Direção: Fernando Peixoto / assistente de direção: Ângelo Osório

Cenografia: José Dias

Figurinos: Paulo Molière / cenografia: José Dias / Cenotécnico: Careca

Operação de luz e som: Cláudio Brandão/ iluminação: Fernando Peixoto e Ugo Peake

160 Produção executiva: Stela Maia e Flávio Guarnieri / Administração: Stella Maia

Direção de cena: Álvaro Barcelos

Elenco: Melissa Vettore (Olália), Sofia Papo (Sai Nóca), Jandir Ferrari (Sirvano), Flávio Guarnieri (Zeca), Ariel Mosche (seu Jesuino)

Produtores: Paulo Guarnieri, João Elias Jr. e Rogério Resende

Teatro Brasileiro de Comédia - TBC/SP

**1990**

• ***Ardente Paciência***

De Anselmo Skármeta

Tradução: Beatriz Sidou

Encenação Fernando Peixoto / Assistente de direção: Mário Masetti

Trilha sonora: Marcos Vinicius

Elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Helena Aranha, Cacau Guarnieri e Ecila Pedroso

• ***El Cuchillo por el Filo (Murro em Ponta de Faca,***  
em sueco: ***Resa Utan Slut***

De Augusto Boal

Espetáculo realizado em espanhol em Estocolmo, Suécia

Produção do Teatro Popular Latino-Americano

Encenação: Fernando Peixoto / Assistente de direção: Lasse Wallin

Tradução: Cecília Thumin

Cenário, vestuário e iluminação: Tommy Glans

Técnico de luz: Miguel Cabrerias / técnico de som: Lasse Wallin

Realização da banda sonora: Sven Olof Bergkvist / canções de Roberto Gonzáles e Chico Buarque/

Produtora: Gunilla Wirstrom / Produtora assistente: Susanna Malmstein

Fotos: Patrícia Leeson / programa: Mário Romero

Elenco: Adelaida Arias, Ana Elisa Guinez, Maria Eugenia Cavieres, Bernardo Lloréns, Roberto González Riksteatern (Teatro 4) em Hallunda, Estocolmo, Suécia



**TEATRO POPULAR  
LATINOAMERICANO**



**AUGUSTO BOAL**

**RESA UTAN SLUT**

**EL CUCHILLO  
POR EL FILO**

El Cuchillo por el Filo

**1986**

• ***Lo Schiavo***

Ópera em quatro atos de Antonio Carlos Gomes  
(nas comemorações do sesquicentenário de  
nascimento de Carlos Gomes, ano Carlos Gomes  
decretado pelo presidente da República)

Libreto: Rodolfo Paravicini (baseado em Alfredo  
Taunay)

Versão original em italiano

Direção: Fernando Peixoto / assistente de dire-  
ção: Francisco Mayrinck

Direção musical e regência: maestro David Ma-  
chado / maestro assistente: Felix Downs

Maestros de coro: Ângela Regina Pinto Coelho/  
auxiliares: Edésio Lara Mallo, Isolda Garcia Paiva  
/ coreografia: Dulce Beltrão / cenografia e figu-  
rinos: Raul Belém Machado

Coordenação de palco: Luiz Aguiar / direção  
geral: Raul Belém Machado

Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, Coral  
Lírico-Sinfônico da Fundação Clóvis Salgado

Bailarinos convidados e elenco: Juan Carlos Ge-  
belin, Leila Guimarães, Benito Maresca, Luiz Ore-  
fice, Adélia Issa, Amarílis Robuá, Andréa Ramus,  
Marcos Thadeu de Miranda Gomes, Eduardo  
Janhi-Abumrad, Alcione Soares, José Carlos Leal,  
Eduardo Cunha, Clóvis Carrero, Afrânio Bastos  
Palácio das Artes, Belo Horizonte/ Teatro Nacio-  
nal, Brasília / Sala Villa Lobos, com a Orquestra  
Sinfônica da Fundação Cultural do Distrito Federal



## Regissören - El director

Fernando Peixoto, född 1937 i Porto Alegre, Brasilien, samordnar teaterutgivningningen vid de brasilianska förlagen "Hucitec" och "Paz e Terra" och ansvarar för utgivningen av Brechts samlade dramatiska verk. Han representerade sitt land vid "International Brecht Dialog 1988" i Östtyskland och han ingår i styrelsen för den "Internationella teaterskolan för Latinamerika och Karibien". Som journalist har han specialiserat sig på teater- och filmkritik, han medarbetar i en rad publikationer, såväl i Brasilien som i utlandet, och är korrespondent för tidskriften "Conjunto" som Casa de las Americas ger ut. Han har översatt och introducerat en mängd verk om teater och olika dramatik. Av det dussintal böcker Peixoto utgivit kan nämnas "Brecht", "Majakovskij", "Teater i bitar", "Teater i rörelse", "Opera och iscensättning", "Introduktion till den dialektiska teatern", etc. Han har också publicerat "Teatro oficina: vägen till ett kulturellt uppror", en bok där han analyserar arbetet inom denna intressanta experimentteatergrupp, som är en av Brasiliens mest betydande, och vars regissör han var mellan 1962 och 1970.

Som skådespelare har han arbetat med en mängd produktioner, såväl på scenen som inom film och tv. Som regissör har han satt upp "Pedro Mico", av Antonio Callado (1961); "Svart makt", av Leroy Jones (1968); "Don Juan", av Molière (1970); "Trummor i natten" (1971) och "Jeanne d'Arc" (Den heliga Johanna från slakthusen) (1972), bägge av Bertolt Brecht; "Frank V", av Dürrenmatt (1973); "Calabar", av Chico Buarque och Ruy Guerra, en pjäs som förbjöds av federala polisen 1973 och inte hade premiär förrän 1980; "Arena berättar om Zumbi", av Gianfrancesco Guarnieri och Augusto Boal (1976); "Döda utan gravar", av Jean-Paul Sartre (1977); "Tredje rikets fruktan och elände", av Brecht (1979); "Utgångspunkt", av G. Guarnieri (1976); "Glödande tålmod", av Antonio Skármeta (1990), etc.

Operan är ett annat av hans verksamhetsområden. Han har bland annat satt upp "Wozzeck", av Alban Berg (1984); "Den flygande holländaren", av Richard Wagner (1984) och "Madame Butterfly", av Puccini (1986). Han har fått en rad utmärkelser, bland vilka kan nämnas Paulistiska konstkritikers pris till årets bästa filmregissör för "Ett skrik mot rymden", av Guarnieri och "Frank V" av Dürrenmatt, och Air France Molièrepris. Han har också varit direktör för Sao Paulos stadsteater och Teaterinstitutet vid det brasilianska kulturministeriets nationella stiftelse för scenkonst. Till Sverige har han kommit på inbjudan av TPL.

Fernando Peixoto, 1937, Porto Alegre, Brasil, es coordinador de las ediciones de teatro de las editoriales brasileñas "Hucitec" y "Paz e Terra". Tiene a su cargo la edición del teatro completo de Brecht. Ha representado a su país en el "International Brecht Dialog 1988" de la RDA. Integra la comisión directiva de la "Escuela Internacional de Teatro para la América Latina y el Caribe". Es periodista especializado en crítica de teatro y cine, colaborando en diversas publicaciones, tanto en Brasil como en el extranjero. Es corresponsal de la revista "Conjunto", editada por "Casa de las Américas" de Cuba. Ha traducido y dado a conocer numerosos volúmenes sobre teatro y diversos dramaturgos. De la docena de libros publicados por Peixoto citamos "Brecht", "Maiakovsky", "Teatro em pedaços", "Teatro en movimiento", "Opera e encenação", "Introducción al teatro dialéctico", etc. También ha publicado "Teatro oficina: trajetória de uma rebelião cultural", libro donde analiza la labor de ese interesante grupo experimental de teatro, uno de los más importantes de Brasil, del cual fue director entre 1962 y 1970.

Ha trabajado y destacado como actor en numerosas producciones, tanto en teatro como en cine y televisión. Como director ha puesto en escena "Pedro Mico", de Antonio Callado (1961); "Poder negro", de Leroy Jones (1968); "Don Juan", de Molière (1970); "Tambores en la noche" (1971) y "El proceso de Juana de Arco", (1972), ambas de Brecht; "Frank V", de Dürrenmatt (1973); "Calabar", de Chico Buarque y Ruy Guerra, obra prohibida por la Policía Federal en 1973 y estrenada recién en 1980; "Arena conta Zumbi", de Gianfrancesco Guarnieri y Augusto Boal (1976); "Muertos sin sepultura", de Jean-Paul Sartre (1977); "Terror e miseria de III Reich" de Bertolt Brecht (1979); "Punto de Partida", de G. Guarnieri (1976); "Ardiente paciencia", de Antonio Skármeta (1990), etc.

La ópera es otro de sus campos de actividades. Ha puesto en escena, entre otras, "Wozzeck", de Alban Berg (1984); "El holandés errante", de Richard Wagner y "Madame Butterfly", de Puccini (1986). Su trayectoria ha sido galardonada con diversas distinciones entre las que cabe destacar el premio al mejor director del año por "Un grito parado no ar", de Guarnieri y "Frank V", de Dürrenmatt, otorgado por la Asociación Paulista de Críticos de Arte (1984), y el premio Molière, de Air France. Fue también director del Teatro Municipal de San Paulo y del Instituto de Teatro de la Fundación Nacional de Artes Escénicas del Ministerio de Cultura de Brasil. Ha venido a Suecia especialmente invitado por el TPL.



Lo Schiavo

• ***Madame Butterfly***

De Giacomo Puccini

Ópera em dois atos

Encenação: Fernando Peixoto

Cenários e figurinos: Tomie Ohtake

Direção musical: David Machado

Regentes: David Machado e Eugene Kohn

Assistente de direção: Catherine Hazlehurst

Maestro de coro: Manuel Cellario / maestros

preparadores: Larry Fountain, Sérgio Kulman,  
Gerson Martinelli

Assessor de produção: Studart Dória

Diretor de ópera do Teatro Municipal do Rio de  
Janeiro: Fernando Bicudo

Diretora de TM do Rio: Datal Achcar /Orquestra  
Sinfônica do teatro Municipal do RJ

Diretora Técnica: Anielia Jordan

Elenco: Wang Yan-Yan, Raimundo Mettre, Fer-  
nando Teixeira, Alteouise De Vaughn, Francisco  
Nery, Pedro Stomper, Amarú Soren, Cristina  
Passos, Atháide Beck

Segundo elenco: Mário Vernet Moore, Michael  
Austin, Nelson Portella, Glória Queiroz, Marcos  
Menescal, Waldir Tambasco, Renato Ronê, Yara  
Abreu, Jonas Travassos

Teatro Municipal do Rio de Janeiro

**1984**

• ***Navio Fantasma*** (Der Fliegende Holländer)

Ópera de Richard Wagner

# LO SCHIAVO

Ópera em 4 atos  
Música de Antônio Carlos Gomes  
Libreto de Rodolfo Paravicini  
(baseado em Alfredo Taunay)  
Versão original em italiano

IBERÊ (Índio brasileiro,  
escravo do Conde, chefe  
Tamoio) ..... barítonos Juan Carlos Gebelin  
e  
Andréa Ramus

ILARA (Índia brasileira,  
escrava do Conde) ..... sopranos Leila Guimarães  
e  
Kreusa Kost

AMÉRICO (filho do Conde,  
nascido no Brasil, oficial da  
Armada Lusitana) ..... tenores Benito Maresca  
e  
Marcos Thadeu de Miranda  
Gomes

CONDESSA DE BOISSY  
(dama francesa,  
residente em Niterói) ..... sopranos Adélia Issa  
e  
Amarilis Rebuá

Maestros do Coro ..... Carlos Alberto Pinto Fonseca  
Angela Regina Pinto Coelho  
Regente Assistente ..... Felix Downs  
Maestros Internos ..... Isolda Garcia de Paiva  
Edésio Lara Mello  
Angela Regina Pinto Coelho  
Coreógrafa ..... Dulce Beltrão  
Cenógrafo e Figurinista ..... Raul Belém Machado  
Coordenador de Palco e  
Consultor artístico ..... Luiz Aguiar

Belo Horizonte - Palácio das Artes

12 a 20 de julho

Brasília - Teatro Nacional

24 a 27 de julho

TEMPORADA DE GRANDES PRODUÇÕES  
1986

Lo Schiavo

"PROJETO CULTURAL *microtec*"

NTAM

# CHIAVO

CONDE RODRIGO  
(donatário português,  
plantador junto ao Rio  
Paraíba)..... baixo Eduardo Janho-  
Abumrad

GIANFERA (feitor do  
Conde) ..... barítono Edson Audi  
LION (servo da Condessa) baixo Alcione Soares

Chefes Guerreiros

GOITACÁ ..... barítono José Carlos Leal  
GUARUCO ..... tenor Eduardo Cunha  
TUPINAMBÁ ..... barítono Clóvis Carrero  
TAPACÓÁ ..... tenor Afrânio Bastos

Outros Chefes Guerreiros:

- tenores Hugo Augusto, Ronaldo Trigueiro, Alirio Santos,  
Zenon de Medeiros, José Augusto e Sandro Assumpção.
- barítonos Antônio Olímpio e Márcio Miranda.
- Guerreiros selvagens • Damas e oficiais franceses
- Escravos indígenas • Peões • Capangas • Capatazes
- Servos franceses

Encenação  
FERNANDO PEIXOTO

Direção Musical  
DAVID MACHADO

Direção Geral  
RAUL BELÉM MACHADO

ORQUESTRA SINFÔNICA DE MINAS GERAIS  
ORQUESTRA DO TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA  
CORAL LÍRICO-SINFÔNICO DA FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO &  
BAILARINOS ESPECIALMENTE CONVIDADOS

Regente  
DAVID MACHADO

APOIO  
Ministério da Cultura  
INACEN

# MADAME BUTTERFLY



**TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO  
FUNARJ**

Madame Butterfly

Encenação: Fernando Peixoto  
Regentes: Isaac Karabtchevsky e Harry Lyth  
Cenografia e figurinos: Hélio Eichbauer  
Assistente de direção: Emmerson Eckmann, Carmen Schutz e Livia Freiras Santos  
Maestros preparadores: Guida Borghoff, Luiz Malheiro e João Paulo Serinoli  
Direção Técnica: Francisco Giaccheri / maestro de coro: Oswaldo Colarusso  
Participação da Orquestra Sinfônica Municipal, Coral Lírico Municipal e Coral Paulistano  
Elenco: Heikki Toivanen (Daland), Hanna Lisowska (Senta), Claudinir Aére (Erik) Graciela Araya (Mary), Airton Nobre (Piloto) e Carmo Barbosa (o holandês)  
Teatro Municipal de S. Paulo

• ***Oito Canções para um Rei Louco (Eight Songs for a Mad King)***

De Peter Maxwell Davies / Texto de Randolph Stow e Georges III  
Encenação: Fernando Peixoto  
Solista: Paulo Fortes  
Produção da Orquestra Sinfônica Brasileira no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e  
Com a Orquestra Municipal de São Paulo no Teatro Municipal de S. Paulo  
Regente: maestro Isaac Karabtchevsky



Madame Butterfly

TEMPORADA LÍRICA DE 1986

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

# MADAME BUTTERFLY

Ópera em 2 atos de GIACOMO PUCCINI

ELENCO **A**  
Dias 14, 16, 19 e 24

Cio-Cio-San  
Pinkerton  
Sharpless  
Suzuki  
Goro  
Bonzo  
Yamadori  
Kate  
Comissário

WANG YAN-YAN  
RAIMUNDO METTRE  
FERNANDO TEIXEIRA  
ALTEOUISE DEVAUGHN  
FRANCISCO NERY  
PEDRO STOMPER  
AMARU SOREN  
CRISTINA PASSOS  
ATAÍDE BECK

ELENCO **B**  
Dias 15, 17 e 19

MARION VERNETTE MOORE  
MICHAEL AUSTIN  
NELSON PORTELA  
GLÓRIA QUEIROZ  
MARCOS MENESCAL  
WALDIR TAMBASCO  
RENATO RONÊ  
YARA ABREU  
JONAS TRAVASSOS

**CORO E ORQUESTRA SINFÔNICA DO TEATRO MUNICIPAL**

Regência: DAVID MACHADO

EUGENE KOHN

Direção Musical: DAVID MACHADO

Direção Cênica: FERNANDO PEIXOTO

Assistente de Direção: CATHERINE HAZLEHURST

Maestro do Coro: MANUEL CELLARIO

Maestros Preparadores: LARRY FOUNTAIN

SERGIO KULLMAN

GERSON MARTINELLI

Assessor de Produção: STUDART DÓRIA

Diretor da Ópera do Teatro Municipal: FERNANDO BICUDO

**1983**

• **Werther**

Ópera de Jules Massenet / Libreto de Édouard Blau, Paul Milliet e Georges Hartmann

Encenador: Fernando Peixoto

Encenadores adjuntos: Emmerson Eckmann e Carmem Schultz

Maestros preparadores: Guida Borghoff, Luiz Melheiro, Emmerson Eckmann, João Paulo Serinolli e José Perrota

Direção Técnica: Francisco Giacchieri

Cenografia e figurinos: Carlos Jacchieri / chefe

cenotécnico: Florivaldo Jóia / chefe eletricitista:

Aristides Tangerino/ chefe costureira: Mathilde Godoy Adas

Contra-regras: Brubi Turolla e Salvador Ventura

Elenco: Eduardo Álvares (Werther), Graciela Araya Altamirano (Charlotte), Andréa Ramús

(Albert), Annie Lacour (Sophie), Wilson Carrara

(Bailli), Odnili Romanini (Johann), Joaquim Rol-

lenberg (Schmidt), France Benanome (Werther),

OdetteViolani Hansson (Charlotte), Luiz Oférice

(Albert), Efigenia Cortes (Sophie), Eduardo Janho

(Lê Bailli), Paulo Martins (Johann), Claudinir

Aére (Schmidt), Antonio Intelandi (Bruhlman),

Carmen Schultz (Katchen)

Maestro de coro: Oswaldo Colarusso / regente e

diretor musical: Túllio Colacioppo

Orquestra Sinfônica Municipal / Teatro Municipal de São Paulo

**1982**

• ***Em Busca da Coruja Perdida***

De Ilíada Demétrio e Inês de Castro (peça infantil)

Músicas e letras: Eneida Soller / cenografia, figurinos, bonecos e adereços: Otávio Donasci

Assistente de Cenografia: Marcos Werneck / coreografia: Sílen Clair

Produção Orbe Arte Produções e Grupo Os *Corujinhas*

Elenco: Abigail Wimer, Alcione Alves, Eurípedes de Castro Jr., Ilíada Démetri, Sílen Clair

Teatro Anchieta /SP

• ***Wozzeck***

Ópera de Alban Berg / baseada em Woyzeck de Georg Büchner

Direção musical: Isaac Karabtchevsky

Cenografia e figurinos: Gianni Ratto

Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, Coral Lírico do Municipal

Regência: Osvaldo Colarusso

Diretores adjuntos: Wagner de Paula, Carmen Schultz, Emerson Eckmann

Maestro preparador e regente interno: Henry Spence Lyth

Direção técnica: Francisco Giaccheri

Estréia nacional: 5 de dezembro de 1982

Elenco A: Adalbert Wahler (*Wozzeck*), David

# WOZZECK

PROJETO PRÓ-ÓPERA

# WOZZECK

Apresenta Wozzeck de Alban Berg  
Baseada na peça de Georg Büchner  
Obra prima da ópera contemporânea  
pela primeira vez no Brasil

Direção Musical: Isaac Karabtchevsky  
Encenação: Fernando Peixoto  
Cenografia: Gianni Ratto  
Maestro preparador e  
Regente interno: Harry Spence Lyth

Teatro Municipal  
Dezembro 5, 7, 8, 9, 10 às 21 horas/12 às 16 horas

Prefeitura do Município de São Paulo  
Prefeito Antônio Salim Curiati  
Secretaria Municipal de Cultura  
Secretário Mário Chamie



Wozzeck

# TEA PRO

# WOZ Alban Berg

Prefeitura do M  
PREFEITO AN  
Secretaria Mun  
SECRETÁRIO  
Departamento

# TEATRO MUNICIPAL PROJETO PRÓ-ÓPERA

WOLFGANG  
ZIZECK

Município de São Paulo  
ANTÔNIO SALIM CURIATI  
Município de Cultura  
MÁRIO CHAMIE  
de Teatros



Palmer (Capitão), Hector Pace (Andrés), Gerlinde Lorenz (Marie), Wilfried Badorek (Tambor Mor), Hans Nowack (Doutor), Margarita (Margaret), Luiz Orefice (1 Aprendiz), Gerson Herskowicz (2 Aprendiz), Claudinir Aére (Idiota), Luis Malheiro (Soldado), Joana C. de Barros (Criança)

Elenco B: Carmo Barbosa (Wozzeck), Hector Pace (capitão), José Antonio Marson (Andrés), Graciela Araya Altamirano (Marie), Ayrton Nobre (Tambor Mor), Boris Farina (Doutor), Vânia Soares (Margaret), Andréa Ramus (1 Aprendiz), Francisco Frias (2 Aprendiz), Claudinir Aére (Idiota), Luis Malheiro (Soldado), Suzanna Campos (Criança)

Teatro Municipal de S. Paulo, dias 5-7-9 e 8-10-12 de dezembro de 1982

178

## 1981

• ***Você Conhece Eisler?*** Ou Se os Tubarões fossem Homens

De Willy Correa de Oliveira

Textos de Bertolt Brecht e Hanns Eisler – poemas de Brecht, Mallarmé, Rilke

Músicas de Schoenberg, Webern, Chopin, Bach, Kurt Weill, Hanns Eisler

Participação: Caio Pagano (pianista), Martha Herr (cantora), John Boudler (percussionista), Willy Correa de Oliveira (músico), José Fernandes (ator)

Slides: Paulo Ramos Machado

Encenação: Fernando Peixoto  
Museu de Arte de São Paulo (com patrocínio do  
Instituto Goethe) – 29 de maio

**1980**

• ***Calabar***

De Chico Buarque e Ruy Guerra  
Cenografia de Hélio Eichbauer  
Direção Musical: de Marcus Vinicius  
Corpografia: Zdeneck Hampl  
Assistente de Direção: Wagner de Paula  
Iluminação: Mário Masetti  
Produção Othon Bastos, Marta Overbeck e  
Renato Borghi  
Elenco: Tânia Alves, Othon Bastos, Renato Bor-  
ghi, Sérgio Mamberti, Gésio Amadeu, Miguel  
Ramos, Elias Andreato, Osmar di Pieri, Ariel  
Moshe, Dada Cyryno, Edsel Brito, Luiz Braga,  
Ina Rodrigues, Mônica Brant, Zdeneck Hampl,  
Luiz Carlos Gomes, Mercedes de Sousa, Samuel  
Santiago e Wilson Rabelo  
Teatro São Pedro (SP) – estréia 5 de maio de 1980  
(excursões: Teatro Guaíra, Paraná 27 e 28/9/80;  
Teatro Álvaro de Carvalho – Santa Catarina,  
Florianópolis, 2 a 5 de outubro de 1980)

• ***Crença***

Show musical com Fafá de Belém  
Cenário de Billy Acioly  
Direção musical: Cristóvão Bastos

FESTIVAL MÚSICA NOVA  
INSTITUTO ITAÚ CULTURAL  
INSTITUTO GOETHE SÃO PAULO

CONVIDAM PARA

**BRECHT: ENTRE A  
ÓPERA E A PEÇA DIDÁTICA**

PALESTRA DO MUSICÓLOGO E  
CRÍTICO ALEMÃO ALBRECHT DÜMLING  
*SEGUNDA-FEIRA, 17/8/98, 19H*

**BRASIL E ALEMANHA:  
MÚSICA E IDEOLOGIA NO SÉC. XX**

PELO CENTENÁRIO DE HANNS EISLER  
MESA-REDONDA COM ALBRECHT DÜMLING,  
HANS-JOACHIM KOELLREUTTER,  
GILBERTO MENDES E RUBENS RICCIARDI  
*TERÇA-FEIRA, 18/8/98, 20H30*

**BRECHT & EISLER 100 ANOS**

*LIEDER* DE BERTOLT BRECHT,  
HANNS EISLER, KURT WEILL, KURT TUCHOLSKY  
ANDREA KAISER, SOPRANO  
RUBENS RICCIARDI, PIANO  
FERNANDO PEIXOTO, DIREÇÃO CÊNICA  
*QUARTA-FEIRA, 19/8/98, 20H30*

INSTITUTO GOETHE  
RUA LISBOA, 974 - PINHEIROS  
TEL. 280 4288 - ENTRADA FRANCA

INSTITUTO  
GOETHE 

Instituto Itaú  
cultural



Roteiro: Fernando Peixoto, Fafá de Belém e Roberto Santana

Produção: Roberto Santana

Músicos: Cristóvão Bastos, Raul Mascarenhas, Chiquito Braga, Rubinho, Augusto Arid, Ricardo do Canto

Iluminação: Eldo Lúcio

Teatro da Galeria, Rio de Janeiro, estréia 22 de outubro de 1980

## 1979

### • *Werther*

Ópera de Jules Massenet

Libreto de Edouard Blau, Paul Millet, Georges Hartmann

Direção Musical: Jean-Pierre Jacquillat

Régisseur: Fernando Peixoto

Cenário e figurinos: Carlos Jacchieri

Régisseur assistente: Emmerson Eckmann

Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo

Empresário: Heinz Frischler

Temporada Lírica Oficial de 1979

Com: Alicia Nafé, Benito Maresca, Fernando Teixeira, Beatriz Pazos, Amin Feres, Boris Farina, De Faro Rollemberg, Annie Lacour, Luiz Malheiro  
Teatro Municipal de São Paulo – dias 6, 9 e 11 de setembro de 1979

### • *Terror e Miséria do III Reich*

De Bertolt Brecht

Centro de Estudos Macunaíma (SP)

Tradução: Gilda Oswaldo Cruz

Direção e cenografia dos episódios: A Traição, A Cruz de Giz, Trabalho Voluntário, A Mulher Judia, O Caixão, Os Contratadores de Trabalho, O Plebiscito (outros quatro episódios dirigidos pelos próprios atores)

Elenco: Cristina Alcântara, Francisco Luiz Cunha Marques, Fernando Tadeu Knudsen, José Maria Carvalho

Estréia: 20 de dezembro, no Centro de Estudos Macunaíma (SP)

## 1977

### • *Mortos sem Sepultura*

De Jean-Paul Sartre

Produção: Difusão, S. Paulo

182

Tradução e Adaptação: Fernando Peixoto

Cenografia: Hélio Eichbauer

Diretor Assistente: Wagner de Paula

Elenco: Othon Bastos, Ariclê Peres, Antonio Petrin, José Fernandes, Wolf Maya, Whalmyr de Barros, Oswaldo Camposana, Paulo Guarnieri e Walter Breda

S. Paulo, Teatro Maria Della Costa estréia 14 de setembro.

### • *Coiteiros*

De Altimar Pimentel, Elpidio Navarro e Pedro Santos

Adaptado do romance de José Américo de Almeida.

Cenário: Flávio Tavares

Música: Pedro Santos

Elenco: Eleonora Montenegro, Zezita Mattos, Lucy Camelo, Mirócene Amorim, Ednaldo do Egípto, Osvaldo Travassos, Fernando Teixeira Afrânio Ramalho

Produção: Grupo Oficial do Teatro Santa Roza, João Pessoa, Paraíba, estréia 3 de novembro  
Em S. P., 22 a 26 de Fevereiro de 1978, Teatro Pixinguinha

**1976**

• ***Tamba Tajá***

Show musical com Fafá de Belém

Produção: Roberto Santana

Direção musical: Chiquito Braga

Rio de Janeiro, estréia 11 de maio no Teatro Casa Grande, RJ

• ***Arena Conta Zumbi***

De Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal e Edu Lobo

Produção: Teco e Maria Pompeu

Música: Edu Lobo

Direção musical: Dory Caymmi

Elenco: Maria Rita, Eleonora Rocha, Deoclides Gouveia, Wolf Maia, Aracy Cortes, Maria Pompeu, Jorje Paulo, Octávio César

Rio de Janeiro, estréia 6 de julho no Teatro Tereza Rachel, RJ



# ARENA CONTA ZUMBI

Arena Conta Zumbi

Minas Gerais, Teatro do DCE, 17 de setembro  
Goiás, Teatro Inacabado, 22 de setembro  
Espírito Santo, Teatro Carlos Gomes – 8 de outubro

• ***Ponto de Partida***

De Gianfrancesco Guarnieri

Produção Artística: Othon Bastos Produções Artísticas

Música e Direção Musical: Sérgio Ricardo

Assistente de Direção: Wagner de Paula

Cenário e Figurinos: Gianni Ratto

Elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Sérgio Ricardo, Othon Bastos, Martha Overbeck e Sonia Loureiro

Depois: Antonio Petrin e Ana Maria Braga

Conjunto musical Maria Deá

Direção Musical: Murilo Alvarenga

São Paulo, Teatro Taib, estréia 23 de setembro

185

**1974**

• ***A Torre em Concurso***

De Joaquim Manoel de Macedo

Grupo de Teatro Botequim Ltda

Produção: Orlando Miranda e Carlos Miranda

Música de Sidney Miller

Cenografia de Hélio Eichbauer

Figurinos: Rosa Magalhães

Corpografia: Zdneck Hampl

Elenco: Antonio Ganzarolli, Roberto Azevedo, André Valli, Perfeito Fortuna, Isolda Cresta, Betty Erthal, Regina Linhares, Octávio César, José

gentlemen, dialog gives birth to wisdom. opinions must be aired, defended, protested. the duty of the district governor is to listen to everyone, but he must act only according to the dictates of his own individual conscience. let us be magnanimous in discussion, but firm in action. diversified in opinion, but singular in obedience to my mandate. there will be those who are unsatisfied, as there always are. but a vigorous government takes unpopular measures to protect the crown, not the discontented. my government will be unpopular, and so it must conquer, step by step, within the law that i myself must make. gentlemen, you will make war as one who makes politics. i make politics as one who makes war.

dom ayres sousa de castro, district governor

and look, your excellency: those blacks, inferior by nature, threaten to build a society far better organized, more productive and stronger than ours. it is anti-historical.

it is zumbi fighting, he is a fighter,  
a knife stabbing, cuts without pain.

the slavemasters of brazil were losing their slaves day after day, hour after hour, every minute. each male in good health went for 20,000 reis. two or three million new cruzeiros, over a thousand dollars on yesterday's exchange.

the habit of freedom makes a man dangerous.  
his eminence the bishop of pernambuco  
XVII century

Latin American Studies Committee  
State University of New York at Buffalo  
presents

April 1, 1970 at Domus  
1695 Elmwood Avenue  
8:30 p.m.

# arena

lima duarte  
renato consorte  
fernando peixoto  
benê silva  
cecilia thumim  
zezé motta  
isabel ribeiro  
helio ary  
theo do Barros  
anunciação  
jósé alves

# conta zumbi

text by gianfrancesco guarnieri and augusto boal  
music by edu lobo  
direction by augusto boal  
musical direction by theo do Barros

.....there will be one intermission.....



*Ponto de Partida: Sérgio Ricardo; Othon Bastos e Martha Overbeck; Antonio Petrin; Gianfrancesco Guarnieri*

Roberto Mendes, Darwin Convê, Sonia Paula,  
Antonio Pompeu, Rute Mezeck, etc  
Rio de Janeiro, 23 de maio, Teatro Glaucio Gil

• ***Caminho de Volta***

De Consuelo de Castro

Produção Artística: Othon Bastos Produções  
Artísticas, São Paulo

Cenário e Figurinos: Gianni Ratto

Assistente de Direção: Edson Santanna

Elenco: Othon Bastos, Martha Overbeck, Armando  
Bogus, Antonio Fagundes, Oswaldo Campozana

Depois: Rachel Araújo, Renato Borghi e Guilher-  
me Correa

São Paulo, Teatro Aliança Francesa, 17 de outubro

189

**1973**

• ***Frank V***

De Friedrich Dürrenmatt

Teatro São Pedro

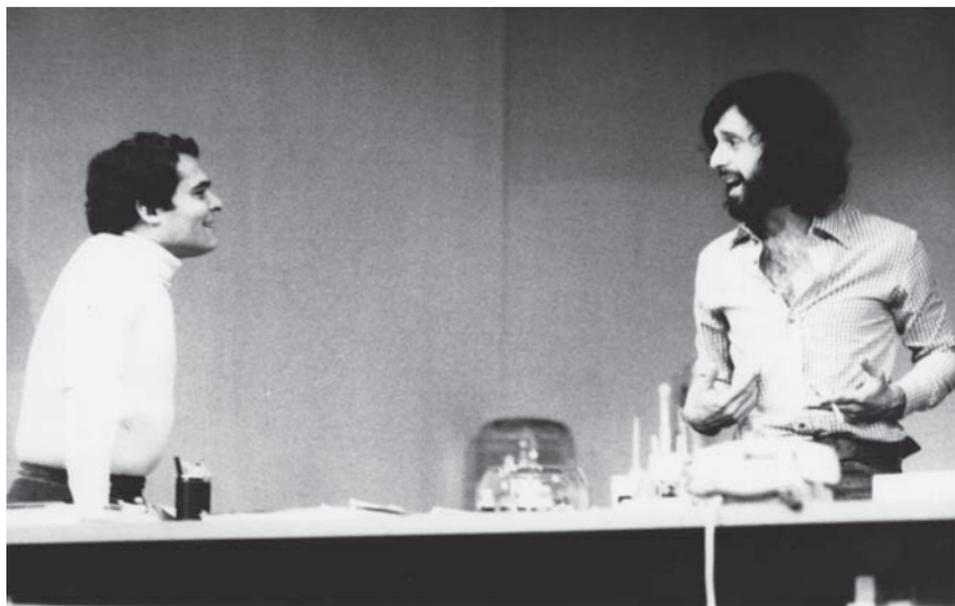
Cenário e Figurinos: Gianni Ratto

Música: Paul Burchard

Direção Musical: Paulo Herculano

Elenco: Renato Borghi, Esther Goés, Beatriz Se-  
gall, Sérgio Mamberti, Carlos Augusto Strazzer,  
Selma Egrei, Renato Dobal, José Fernandes, Jo-  
nas Bloch, Umberto Magnani, Whalmyr Barros,  
Vicente Tuttoilmondo

São Paulo, Teatro São Pedro



*Caminho de Volta, Othon Bastos e Antônio Fagundes;  
Martha Overbeck; Armando Bogus, 1974*



• ***Um Grito Parado no Ar***

De Gianfrancesco Guarnieri

Produção Artística: Othon Bastos Produções Artísticas

Cenário e Figurinos: Joel de Carvalho

Música de Toquinho

Assistente de Direção e Trilha Sonora: Mario Masetti

Elenco: Othon Bastos, Martha Overbeck, Enio Carvalho, Sonia Loureiro, Assunta Peres e Oswaldo Camposana

Depois: Miriam Mehler, Renato Borghi, Lourival Parisi, Liana Duval, Walmyr Barros, Ivonne Hoffman

São Paulo, Teatro Aliança Francesa  
Estréia em Curitiba, Teatro Guaíra

• ***Calabar – O Elogio da Traição***

De Chico Buarque e Rui Guerra

Fernando Torres Diversões, Rio de Janeiro

Cenografia de Hélio Eichbauer

Orquestração de Edu Lobo

Direção Musical: Dory Caymmi

Coreografia e Preparação corporal: Zdenek Rampel

Assistente de direção: Mário Masetti

Figurinos: Rosa Magalhães e Hélio Eichbauer

Elenco: Betty Faria, Tetê Medina, Antonio Ganzarolli, Luthero Luiz, Hélio Ary, Flávio São Tiago, Deoclides Gouvea, Perfeito Fortuna, Odilon Wagner, etc.

Rio de Janeiro, espetáculo proibido pela censura poucos dias antes da estréia

**1972**

• ***Tambores na Noite***

De Bertolt Brecht

Grupo Núcleo-Teatro São Pedro

Cenário e Figurinos: Marcos Weinstock

Música de Toquinho, Letra de Gianfrancesco Guarnieri (baseada em poema de Brecht)

Elenco: Edson Santana, Antonio Pedro, Margot Baird, Dulce Muniz, Denise del Vecchi, Celso Frateschi, Paulo Ferreira, Renato Dobal, Abrão Farc, Cecilia Rabelo, etc.

São Paulo, Teatro Studio São Pedro

193

• ***A Semana***

De Carlos de Queiroz Telles

Produção Teatro São Pedro

Cenário e figurinos: Hélio Eichbauer

Música de Toquinho

Assistente de Direção: Mário Masetti

Direção de filmes e seleção do material cinematográfico: Jean-Claude Bernardet.

*Slides*: Ana Carolina Teixeira Soares

Elenco: Antonio Pedro, Walter Santos, Denise del Vecchi, Renato Dobal, Paulo Ferreira, Dulce Muniz, Celso Frateschi, Cecilia Rabelo, Margot Baird, etc.

São Paulo, Teatro Studio São Pedro

• ***O Processo de Joana d'Arc***

De Bertolt Brecht

Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo

Exame público dos alunos do segundo ano

Tradução: Alberto Guziki

Adaptação e cenário: Fernando Peixoto

Assistente de direção: Zé Carlos Andrade

EAD, Universidade de São Paulo

• ***Frei Caneca***

De Carlos de Queiroz Telles

Teatro São Pedro

Cenário e figurinos: Hélio Eichbauer

Música: Carlos Castilho

Assistente de direção: Mário Masetti

Elenco: Othon Bastos, José Fernandes, Renato

Dobal, Chibé, Wanderley de Oliveira, Celso

Frateschi, Edson Santanna, Denise del Vecchi,

Gimba, Antonio Maschio, etc.

São Paulo, Teatro São Pedro

Estréia 12 de setembro de 1972

**1970**

• ***Dom Juan***

De Molière

Teatro Oficina de São Paulo

Tradução: Fernando Peixoto e José Celso M.

Correa

Adaptação: Fernando Peixoto e Gianfrancesco Guarnieri

Cenário e Figurinos: Flávio Império

Música (composição e execução): Brazões

Elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Martha Overbeck, Luthero Luiz, Claudio Mac-Dowell, Jofre Soares, Paulo Goya, etc.

Segunda Versão: Raul Cortez, Flávio São Tiago, Renato Dobal, Esther Goés, Paulo Goya, Claudio Mac-Dowell, etc.

## 1960

### • *Show Oficina*

Show musical com participação de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Nara Leão, Chico Buarque de Holanda, Maria Bethania, Os Mutantes, Terra Trio, Jorge Ben, etc.

Rio de Janeiro

### • *Poder Negro* (The Dutchman)

De Leroy Jones

Teatro Oficina de São Paulo

Tradução: Francisco Martins

Cenário: Marcos Flaksman

Elenco: Ítala Nandi e Antonio Pitanga

## 1965

• *O Canto Livre de Nara* (Show Musical com Nara Leão)

Porto Alegre



*Poder Negro, com Ítala Nandi e Antonio Pitanga, 1968*

**1961**

• ***Pedro Mico***

De Antonio Calado

Teatro Equipe do Rio Grande do Sul

Música: Glenio Peres

Elenco: Ivete Brandalise, etc.

Porto Alegre.

Teatro de Equipe

**1959**

• ***Matar***

De Paulo Hecker Filho

Curso de Arte Dramática da URGs

Cenário e Direção

Elenco: Ivette Brandalise, Luthero Luiz, Enio Gonçalves, etc.

Porto Alegre, Teatro da Universidade do Rio Grande do Sul

197

**Teatro (Como Ator)**

**2003**

• ***A Filosofia na Alcova*** (participação em voz off)

A partir da obra de Marques de Sade

Texto e direção: Rodolfo García Vázquez

Elenco: Ivam Cabral, Valquíria Vieira, Soraya Aguilera, Phedra D’Cordoba, Patricia Aguille, etc.

Os Satyros, São Paulo (estréia 11 de abril – antes foi apresentado em Curitiba)

Teatro de Equipe



## 2001

### • *Vassah: a Dama de Ferro* (Vassa Geleznova)

De Máximo Górkí

Tradução: Fernando Peixoto e Eugenio Kusnet

Direção: Alexandre de Mello

Cenário: Hélio Eichbauer

Figurinos: Diana Eichbauer

Luz: Aurélio de Simoni

Direção de Produção: Gerardo Franco

Produção Executiva: Giuliano Nandi

Assistente de direção: Giuliano Nandi

Realização: Ittala Nandi Produções

Elenco: Itala Nandi, Fernando Peixoto (Klementi Krotkikh), Renato Borghi, José Celso, Martinez Cor-

rea (em cena de vídeo, com fotografia de Dib Luft),

Amaury Alvares, Renata Sofredini, Wanda Stefania,

Luiza Albuquerque, Simone Donha, Igor Kovalewski,

Carolina Lyrio, Giuliano Nandi, Emilio Gama

Estréia em São Paulo no Teatro Sérgio Cardoso  
em 3 de agosto de 2001

(O espetáculo estreou no Rio de Janeiro em abril  
de 2000)

## 1994

### • *O Inspetor Geral*

De Nicolai Gógol

Direção: Antonio Abujamra

Adaptação Livre do Texto: Antonio Abujamra

Cenografia: Túlio Costa

Figurinos: Ninette Van Vuchelen

Iluminação: Maneco Quinderé

# TEATRO DE EQUIPE

apresenta :

**PEDRO MICO**

(Zumbi do Catacumba)

2 atos de ANTONIO CALLADO

Ação : Morro da Catacumba - Rio.

Tempo : Atual

Personagens e interpretes :

<i>MELIZE</i>	<i>EMILIA DA SILVA</i>
<i>PEDRO MICO</i>	<i>ALTHAYR ALVES</i>
<i>APARECIDA</i>	<i>IVETTE BRANDALISE</i>
<i>ZEMÉLIO</i>	<i>OLMIR DIAS</i>
<i>INVESTIGADORES</i>	<i>RONALDO REIS FEIJÓ</i>
	<i>JANER NOGUEIRA</i>

*Cenário : MÁRIO DE ALMEIDA*

*Músicas e Letras de : GLÊNIO PERES*

*Execução : BAMBAS DA ORGIA*

*Eletricista : ORLANDO CARLOS*

*Sonoplastia : RONALDO REIS FEIJÓ*

*Maquinista : DORIVAL CASTRO*

*Produção : ARMANDO FERREIRA FILHO*

*Contra-regra : OLMIR DIAS*

*Assistente de Direção ; ENÉAS DE SOUZA*

*Direção : FERNANDO PEIXOTO*

*Capa do Programa : MILTON MATTOS*

## Letra e Música de GLÊNIO PERES

(especialmente compostos para o espetáculo)

### 1.º Ato — Navalha e Rosa na Mão

Quando a lua beija o morro  
Pedro Mico vai sonhar  
Na beirada da lagôa  
Pedro Mico vai amar

Pedro Mico é uma criança  
Nos braços de uma mulher  
Pedro Mico enfrenta a vida  
Do jeito que ela vier

Navalha é rosa na mão  
Quando as coisas não vão bem  
Da vida não ganha nada  
Mas não perde pra ninguém

### 2.º Ato — Está na Hora

Está na hora de pensar na vida  
Está na hora de saber também  
Que riqueza é melhor repartida  
E a liberdade é o nosso maior bem

Está na hora de saber que a gente  
É muito mais se não está sozinho  
E a humanidade andando de mãos dadas  
Transforma em rosas as pedras do caminho





Vassah: A Dama de Ferro, com Ítala Nandi, 2001

Matar, Enio Gonçalves e Ivette Brandalise, 1959



O Inspetor Geral, com Renato Tobal e Antonio Abujamra, 1994

Assistentes de Direção: Jayme Compri, Johanna Albuquerque, Eduardo Bonito, Silvio Girardi (estagiário)

Produção Executiva: Beto Simões

Produção do Teatro Popular do Sesi de São Paulo

Elenco: Francarlos Reis, Antonio Abujamra, Fernando Peixoto (Diretor do Hospital), Walter Breda, Clarice Abujamra, Abrahão Farc, Francisco Martins, Renato Dobal, Cid Pimentel, Fernanda Abujamra, Paula Sandroni, Ada Chaseliov, Leila Garcia, Renato Caldas, Tácito Rocra, Osmar di Pieri, José Carlos Machado, Ednaldo Freire, Daniela Jaime-Smith, Marcelo Almada, Marcelo Decária, Nivaldo Todaro, Agnaldo Gabarrão

Estréia (no teatro do Sesi, São Paulo) em 2 de maio de 1994 (em São Paulo até 30 de setembro; em Campinas, SP, Teatro Castro Mendes, dias 6/7/8/9 de outubro de 1994: final com 147 espetáculos, fiz 138 – tendo sido substituído, em alguns, por Ada Chaseliov)

205

**1989**

• ***A Cerimônia do Adeus***

De Mauro Rasi

Direção: Ulysses Cruz / assistentes de direção: Marcus Vinicius e Silvana Funchal

Cenografia: Marco A. Lima e Ulysses Cruz

Figurinos: Domingos Fuschini

Elenco: Fernando Peixoto (Jean-Paul Sartre), Cleyde Yáconis, Marcos Frota, Ileana Kwasinsky, Sonia Guedes, Angelo Antonio



A Cerimônia de Adeus: *Cleyde Yáconis, Marcos Frota e Fernando Peixoto; Fernando Peixoto e Cleyde, 1989*

Depois: Laura Cardoso, Paulo Chiavegatti, Hugo Peake, etc.

São Paulo, estréia 7 de janeiro de 1989, substituindo Antonio Abujamra

Espectáculos em São Paulo, Ribeirão Preto, Americana, Piracicaba, Marília, Santos, Campinas São José do Rio Preto, Santo André, Londrina, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Lisboa e Rio de Janeiro

Faço 122 espetáculos, o último no Rio de Janeiro, Teatro João Caetano, em 24 de setembro de 1989

## **1974**

### **• *Um Grito Parado no Ar***

De Gianfrancesco Guarnieri

Direção: Fernando Peixoto

Em substituição, no papel do Diretor Fernando

Elenco: Othon Bastos, Martha Overbeck, Osvaldo Camposana, Liana Duval, etc.

Othon Bastos Produções Artísticas, São Paulo (Temporada no Rio de Janeiro)

## **1973**

### **• *As Três Irmãs***

De Tchecov

Direção: José Celso Martinez Correa

Elenco: Fernando Peixoto (Substituindo Renato Borghi), José Celso Martinez Correa, Lourival Parisi, Othon Bastos, Maria Fernanda, etc.

Teatro Oficina de São Paulo

**1972**

• ***Frei Caneca***

De Carlos Queiroz Telles

Direção: Fernando Peixoto

Em substituição, no papel principal

Cenário e Figurinos: Hélio Eichbauer

Elenco: José Fernandes, Celso Frateschi, Fernando Peixoto, Antonio Maschio, Renato Dobal, etc.

Produção: Teatro São Pedro (São Paulo)

**1970**

• ***Arena Conta Zumbi***

De Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal

Música: Edu Lobo

208 Direção: Augusto Boal

Elenco: Lima Duarte, Isabel Ribeiro, Fernando Peixoto, Zezé Macedo, Cecília Thumin, Hélio Ary, etc.

Teatro de Arena de São Paulo (Em São Paulo, em temporadas no Peru, México e Estados Unidos)

• ***Arena Conta Bolívar***

De Augusto Boal

Direção: Augusto Boal

Música: Théo de Barros

Elenco: Lima Duarte, Cecília Thumin, Isabel Ribeiro, Fernando Peixoto, Hélio Ary, Zezé Motta, etc.

Teatro Arena de São Paulo (no Peru, México e Estados Unidos)



**TEATRO  
ARENA**  
DE SAO PAULO BRASIL  
TEATRO MUSICAL BRASILEÑO

**TEATRO DEGOLLADO**

Arena Conta Bolívar

I. N. B. A.

presenta:

“ARENA CONTA BOLIVAR”

---

“Arena cuenta . . .” es la designación genérica de todas las obras escritas en el Sistema Coringa:

Elenco:

LIMA DUARTE  
RENATO CONSORTE  
CECILIA THUMIM  
ISABEL RIBEIRO  
ZEZE MOTTA  
HELIO ARY  
RENE SILVA  
FERNANDO PEIXOTO

Texto: AUGUSTO BOAL  
Música: THEO BARROS

Músicos:  
THEO BARROS  
ANTONIO ANUNCIACAO  
JOSE ALVEZ

Arena Conta Bolívar

#### Sinopsis:

La obra está escrita en cinco episodios: PRIMER EPISODIO: Bolívar en la Corte de Carlos IV; Bolívar; en París en la Casa de la Condesa Teresa Alaiza Toporrucha y Torquemal; Bolívar asiste a la Coronación.

#### PRIMER ACTO

La obra está escrita en cinco episodios: PRIMER EPISODIO: Bolívar en la Corte de Carlos IV; Bolívar en París en la Casa de la Condesa Teresa Alaiza Toporrucha Ustariz y Torquemal; Bolívar asiste a la Coronación de Napoleón, en Milán; Bolívar en Inglaterra encuentra a Miranda y Lord Wellesley. SEGUNDO EPISODIO: En el Cabildo de Caracas se proclama la Independencia de Venezuela; el pueblo no comprende la independencia que no lo liberta; el General Monteverde inicia la lucha por la recuperación de Caracas; Canción del Torturado; Monteverde recupera Caracas. TERCER EPISODIO: Los Ingleses prometen nueva ayuda, otra vez Bolívar invade Caracas; Terremoto en la ciudad que es casi completamente destruida; Bolívar prende a Miranda y lo entrega a Monteverde; en Kingston, Bolívar reúne tropas para retornar a Caracas; lo hace y le ofrecen el título de Libertador; Boves, jefe llanero, armado por los españoles retoma Caracas y realiza el BAILE DE LOS FUSILADOS.

#### SEGUNDO ACTO

CUARTO EPISODIO: Bolívar en Haití; escenas en que Bolívar logra el apoyo popular; Bolívar en San Ildefonso de Caraz y el famoso episodio de las tres etcéteras la travesía de los Andes; Bolívar y el General Pablo Morillo; La Batalla de Silencio de Junin.

QUINTO EPISODIO: Bolívar en el Congreso después de la expulsión de los españoles; Canción de la Bolsa de Valores; Bolívar en el Congreso de Panamá; Bolívar el Labrador del Mar.

# THE ARENA THEATRE

OF SAO PAULO

Brazil's Foremost Repertory Company



ARENA CONTA BOLIVAR

## The New York Shakespeare Festival Public Theater

PERFORMANCES:

MARCH 27 through 31

APRIL 4, 5, 6

ADMISSION: WEEK NIGHTS \$ 3.50

WEEKENDS \$ 5.00

STUDENT DISCOUNT

New York Shakespeare Festival  
**PUBLIC THEATER**  
425 Lafayette St./677-6350

Arena Conta Bolívar

**1969**

• ***Na Selva das Cidades***

De Bertolt Brecht

Direção: José Celso M. Correa

Tradução: Fernando Peixoto, Renato Borghi e Elizabeth Kander

Cenário: Lina Bo Bardi

Música: Carlinhos de Souza

Elenco: Renato Borghi, Itala Nandi, Otávio Augusto, Othon Bastos, Liana Duval, Fernando Peixoto (Skinny), Margot Baird, Samuel Costa Junior, Carlos Gregório, João Marcos Fuentes, Renato Dobal, Valquiria Mamberti, Flávio São Tiago, Paulo Goya

Teatro Oficina de São Paulo, estréia 1º de setembro de 1969

213

**1968**

• ***Galileu Galilei***

De Bertolt Brecht

Direção: José Celso M. Correa

Tradução: Roberto Schwartz

Assistentes de direção: Antonio Pedro e Betty Chachamovitz

Direção Musical: Júlio Medaglia

Música: Hans Eisler

Cenário e figurinos: Joel de Carvalho

Elenco: Claudio Correa e Castro, Renato Borghi, Fernando Rabello, Fernando Peixoto (Andréa Sarti-moço, Cardeal Belarmino, e um Matemático), Cecilia Rabello, Renato Machado, Itala Nandi, João Marcos Fuentes, Renato Borghi, Martha

Overbeck, Otávio Augusto, Antonio Pedro, Andre Valle, Pedro Paulo Rangel, Margot Baird, Valquíria Mamberti, Renato Dobal, Samuel Costa Junior, Johnny Howard, etc.

Teatro Oficina de São Paulo, estréia dia 14 de dezembro de 1968

## 1967

### • *O Rei da Vela*

De Oswald de Andrade

Direção: José Celso M. Correa – Assistente de direção: Carlos Alberto Libânio Chisto (Frei Betto)

Cenário e Figurinos: Hélio Eichbauer

Música: Damiano Cozzela e Rogerio Duprat

Coreografia: Maria Estrher Estocker

214 Elenco: Renato Borghi, Fernando Peixoto (Abelardo II), Itala Nandi, Francisco Martins, Liana Duval, Ety Fraser, Edgard Gurgel Aranha, Abrahão Farc, Otávio Augusto, Renato Dobal, etc.

Teatro Oficina de São Paulo, estréia 29 de setembro de 1967

## 1966

### • *Quatro num Quarto*

De Valentin Katáiev

Direção: José Celso Martinez Correa

Elenco: Fernando Peixoto, Itala Nandi, Dirce Migliaccio, Ety Fraser, Francisco Martins, Odavlas Petti, etc.

Teatro Oficina São Paulo



*Quatro Num Quarto, com Ítala Nandi, Renato Borghi e Dirce Migliaccio, Oficina, 1963*

**1964**

• ***Andorra***

De Max Frisch

Direção: José Celso Martinez Correa

Cenário e Figurinos: Flávio Império

Assistente de Direção: Fernando Peixoto

Música: Claudio Petraglia.

Elenco: Miriam Mehler, Renato Borghi, Lineu Dias, Fuad Jorge, Oswaldo de Abreu, Fernando Peixoto (Alguém), Eugenio Kusnet, Fauzi Arap, Renato Dobal, Wolfram Gunther, Henriette Morineau, Célia Helena, Marco Antonio, Berilo Faccio, Claudio Oliani.

Em substituições: Beatriz Segall, Mauro Mendonça, João José Pompeu, Flávio Migliaccio, Ezequiel Neves, Ednei Giovenazzi, Hélio Eichbauer, Marcus de Toledo, Antonio Bivar, etc.

Teatro Oficina de São Paulo, estréia 10 de outubro de 1964

**1963**

• ***Os Pequenos Burgueses***

De Máximo Górkí

Fernando Peixoto e José Celso Martinez Correia

Direção: José Celso Martinez Correia

Assistente de Direção: Fernando Peixoto

Cenário e Figurinos: Anísio Medeiros

Elenco: Eugenio Kusnet, Célia Helena, Rosamaria Murtinho, Renato Borghi, Mirian Mehler, Líbero



*Andorra, 1964*



Pequenos Burgueses, com Rosamaria Murtinho, Oficina,  
1963

Ripolli Filho, Ronaldo Daniel, Itala Nandi, Fernando Peixoto (Chichkin), Moema Brum, Cecília Rabelo  
Em substituições: Wolney de Assis, Claudio Mar-  
zo, Fernando Peixoto (Piotr e Nil), Ety Fraser,  
Liana Duval, Betty Faria, Esther Goés, Abraão  
Farc, Vera Gertel, Beatriz Segall, Joselita Alva-  
renga, Othon Bastos, Francisco Martins, Maulde  
Christian, Ary Koslov, Martha Overbeck, Otávio  
Augusto, Flávio São Tiago, Nilda Maria, Luiz  
Linhares, etc.

Teatro Oficina São Paulo

• ***Quatro num Quarto***

De Valentin Katáiev

Direção: Maurice Vaneau

Título Original: *A Quadratura do Círculo*

Tradução: Eugenio Kusnet

Cenário: M. Vaneau

Figurinos de Marie Claire Vaneau

Elenco: Mirian Mehler, Rosamaria Murtinho,  
Fernando Peixoto (Vassia), Líbero Ripolli Filho,  
Moema Brum

Teatro Oficina de São Paulo

**1962**

• ***Brasil, Versão Brasileira***

De Oduvaldo Vianna Filho

Direção: Armando Costa

Elenco: Oduvaldo Vianna Filho, Cecil Thiré, Vera  
Gertel, etc.

Participação de Fernando Peixoto  
Produção: Centro Popular de Cultura da União  
Nacional de Estudantes  
Espetáculo em Porto Alegre

**1961**

• ***O Despacho***

De Mário de Almeida

Direção: Mário de Almeida

Elenco: Milton Mattos, Itala Nandi, Ivette Brandalise, Paulo César Peréio, Fernando Peixoto, etc.

Teatro de Equipe (Porto Alegre)

**1960**

• ***Leonor de Mendonça***

De Gonçalves Dias

Direção: Flávio Rangel

Cenários: Cyro Del Nero

Figurinos: Clara Heteny e Cyro Del Nero

Elenco: Elisabeth Henreid, Nathalia Timberg, Leonardo Villar, Moacyr Marchesi, Jorge Chaia, Fernando Peixoto, Odavlas Petti, Elisio de Albuquerque, etc.

Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) em Porto Alegre

• ***Panorama Visto da Ponte (A View from the Bridge)***

De Arthur Miller

Direção: Alberto D'Aversa

# TEATRO DE EQUIPE

apresenta

## “O Despacho”

2 atos de Mário de Almeida

Milton Mattos .....	manuel quincas
Lourdes Lameira .....	maria quincas
Ivette Brandalise .....	graúda, donana, convencional e outros.
Fernando Peixoto .....	zeferino
Itala Nandi .....	graúda, tininha, estátua
Argeu Costa .....	joca
Paulo César .....	padre bento e reporter
Fernando Sgrillo .....	pacheco
Hugo Cassel .....	bispo, graúdo, secretário de finanças, convencional e outros.
Olmir Dias .....	continuo, locutor e outros.
Osvaldo de Ávila .....	josé quasimudo, graúdo e convencional.
José Shaeffer .....	locutor e camera de tv
Odilon Lopes .....	reporter e locutor
Jani Maria .....	garôta propaganda, povo.
Herondina Souza .....	solista e povo
Mário Vivacqua .....	povo
Edmar .....	povo

### técnica:

**direção:** mário de almeida

**música:** rui barros (letras de M. de A.)

**eletricista:** orlando carlos

**maquinista:** dorival castro

**produção:** armando ferreira filho

**contra-regra:** olmir dias

**elementos de cena:** milton mattos e mário de almeida

**ritmista:** gilberto carati

Tradução: Raimundo Magalhães Jr.

Cenário: Mauro Francini

Elenco: Fernando Peixoto (Tony), Moacyr Marchesi, Leonardo Villar, Nathalia Timberg, Elisio de Albuquerque, Elisabeth Henreid, Jorge Chaia, Vinicius Salvatori, Sebastião Ribeiro, Armando Ferreira Filho, Ivette Brandalise, Lia Correa, etc.  
Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) em Porto Alegre

• ***Anjo de Pedra (Summer and Smoke)***

De Tennessee Williams

Direção: Benedito Corsi

Elenco: Nathalia Timberg, Leonardo Villar, Fernando Peixoto, etc.

Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) em Porto Alegre

• ***O Demorado Adeus***

De Tennessee Williams

Direção: Mário de Almeida

Elenco: Ivette Brandalise, Fernando Peixoto, Paulo José

Teatro de Equipe (Porto Alegre)

• ***Mãe Coragem (Mutter Courage und Ihre Kinder)***

De Bertolt Brecht

Direção: Alberto D'Aversa

Elenco: Lélia Abramo, Ruth Escobar, Fernando Peixoto, etc.

Teatro Ruth Escobar (Porto Alegre)

**1959**

• ***Electra***

De Sófocles

Direção: Ruggero Jacobbi

Cenário: Francisco Riopardense de Macedo

Figurinos: Maria Leda Martins

Músicas originais de Bruno Kieffer

Elenco: Armando Ferreira Filho, Wolney de Assis, Fernando Peixoto (Pílades), Dilma Fábregas, Ivette Brandalise, Yara Victória, Elisabeth Hartmann, Mariam Kassov, Claudio Heeman

Curso de Arte Dramática da URGs

223

• ***O Corvo***

De Carlo Gozzi

Tradução e adaptação livre: Ruggero Jacobbi

Cenário e figurinos: Nelson Boeira Faedrich

Elenco: Fernando Peixoto (Jennaro), Alberto de Loa Santos, Enio Gonçalves, Mariam Kassov, Dilma Fábregas, Nair Miorim Paiva, Ivette Brandalise, Elisabeth Hartmann, Themis Reverbel da Silveira, Reginaldo Cipolatti, Armando Ferreira Filho, Wolney de Assis, Claudio Heeman, Luthero da Silva, etc.

Curso de Arte Dramática da URGs

• ***As Casadas Solteiras***

De Martins Penna

Direção: Ruggero Jacobbi

Curso de Arte Dramática da URGs

**1958**

• ***Egmont***

De Goethe

Direção: Ruggero Jacobbi

Elenco: Wolney de Assis, Fernando Peixoto, Luthero Luiz, etc.

Curso de Arte Dramática da Universidade do Rio Grande do Sul

224 Ainda no elenco: Elisabeth Hartmann, Dilma Fábregas, Marcos Klein, Ivette Brandalise, Cláudio Heeman, Enio Gonçalves, Fausto Wolffebuttel, etc.

**1957**

• ***Os Cegos***

De Michel de Ghelderode

Direção: Luis Carlos Maciel

Elenco: Fernando Peixoto, Antonio Abujamra, Vinicius Salvatori, Armando Piazza Filho

Tradução: Aníbal Machado

Músicas de Madeleine Ruffier

Produção do Teatro Universitário da UEE Porto Alegre

• ***O Provocador***

De Paulo Hecker Filho

Cenário: Armando Piazza Filho e Nilton Carlos Scotti

Assistente de Direção: Luiz Carlos Maciel

Direção: Mário de Almeida

Elenco: Antonio Abujamra, Fernando Peixoto (Renato), Sergio Almeida, Vinicius Salvatori, Marcelo Bittencourt, Amélia Bittencourt, Julio Cesar, Fernando Alves, Ruy Almeida, Eneilda Rivoir, Vanda Pitta, Claudio Cavalli, Luiz Carlos Maciel, Vanda Coronel, Nilton Carlos, Yetta Moreira, Lineu Dias, Yolanda de Bem, Gilberto Tubino, Armando Piazza Filho, Vanda Maria

Teatro Universitário da UEE, Porto Alegre

225

• ***O Macaco da Vizinha***

De Joaquim Manoel de Macedo

Direção: Mário de Almeida

Assistente de Direção: Fernando Peixoto

Cenário e Figurinos: Armando Piazza Filho e Nilton Carlos Scotti

Elenco: Fernando Peixoto, Yetta Moreira, Claudio Heeman, Nilton Carlos Scotti, Amélia Bittencourt, Marcelo Bittencourt

Teatro Universitário da UEE, Porto Alegre

• ***O Canto da Cotovia (L'Alouette)***

De Jean Anouilh

Direção e cenários: Gianni Ratto

O CASO DAS PETÚNIAS ESMAGADAS

TENNESSEE WILLIAMS

OS CEGOS

MICHEL DE GHELDERODE

E

O PROVOCADOR

PAULO HECKER FILHO

TEATRO UNIVERSITARIO

maio 1957

Elenco: Maria Della Costa, Serafim Gonzales, Benjamin Cattan, Luiz Tito, Rosamaria Murtinho, Fernando Peixoto, etc.

Teatro Popular de Arte de Maria Della Costa  
Primeiro espetáculo de teatro profissional de Fernando Peixoto

Espectáculos em Porto Alegre e Montevideo (Teatro Solís)

Também no elenco: Joaquim Guimarães, Joselita Alvarenga, Alba Faedrich, José Pupe, Osmar Lara, Ileana de Castro, Julio Prates, Glenio Peres, Rubens Teixeira, Edmundo Lopes

## 1956

### • *Hamlet*

De William Shakespeare

Tradução: Tristão da Cunha

Direção: Silva Ferreira

Cenário e figurinos: Nelson Boeira Faedrich

Coreografia da pantomima: Tony Seitz, Petzhold

Canções de Ofélia: Nathon Henn

Elenco: Athayde de Carvalho, Wilson Fragoso, Amilton Fernandes, Antonio Abujamra, Fábio Silveira, Ruy Paixão, Vinicius Salvatori, Fernando Peixoto (1º Ator e 1º Coveiro), Davi Camargo, Renato Ramos, Beatriz Regina e Themis Reverbel da Silveira

Produção: Comédia da Província, Porto Alegre

## O CASO DAS PETÚNIAS ESMAGADAS

Um ato de TENNESSEE WILLIAMS

DOROTHY SIMPLE ..... IVETTE BRANDALISE  
O GUARDA ..... LINEU DIAS  
UM JOVEM ..... GILBERTO TUBINO  
MRS. DULL ..... YETTA M. MOREIRA

Tradução: ..... MÁRIO DE OLIVEIRA  
Cenário e supervisão de figurinos ..... A. PIAZZA FILHO e N. C. SCOTTI  
Luz: ..... JOÃO ALBERTO  
Sonoplastia: ..... L. L.

Direção de ANTÔNIO ABUJAMRA

## OS CEGOS

Um ato de MICHEL DE GHELDERODE

Três cegos de nascença, peregrinos a caminho de Roma:

DE WITTE ..... VINICIUS SALVADORI  
DE STROP ..... ARMANDO PIAZZA FILHO  
DEN OS ..... FERNANDO PEIXOTO

O caôlho, rei do país dos fossos:

LAMPRIDO ..... ANTÔNIO ABUJAMRA

LOCAL: Uma estrada de Brabante, perto de uma grande cidade.

Tradução: ..... ANNIBAL MACHADO  
Músicas de: ..... MADELEINE RUFFIER  
Figurinos: ..... A. PIAZZA FILHO  
Luz: ..... JOÃO ALBERTO  
Confecção dos figurinos: ..... YOLANDA VICTÓRIA

Direção de LUIZ CARLOS MACIEL

## O PROVOCADOR

Um ato de PAULO HECKER FILHO

PRÓLOGO: .....	ANTÔNIO ABUJAMRA
VENDEDOR DE FRUTAS: .....	SÉRGIO ALMEIDA
SEU AMIGO: .....	VINICIUS SALVADORI
DORIVAL: .....	MARCELO BITTENCOURT
ENEIDA: .....	AMÉLIA BITTENCOURT
BEZERRA: .....	JULIO CESAR
POSSIDÔNIO: .....	FERNANDO DUARTE ALVES
INDALÉCIO: .....	RUY ALMEIDA
MÃE: .....	ENEIDA RIVOIR
REGINA: .....	VANDA MARIA
RENATO: .....	FERNANDO PEIXOTO
TORCEDOR DE FUTEBOL: .....	LUIZ CARLOS MACIEL
UMA MOÇA: .....	VANDA CORONEL
VANDA: .....	ISABEL PITTA
UM RAPAZ: .....	CLAUDIO CAVALLI
FREGUÊS: .....	NILTON CARLOS
UM PASSANTE: .....	ARMANDO PIAZZA FILHO
VICENTE: .....	GILBERTO TUBINO
IRENE: .....	YETTA M. MOREIRA
MILLS: .....	LINEU DIAS
JOHN: .....	CELSO OLIVEIRA
VALTER: .....	N. N.
ERNA: .....	YOLANDA DE BEM

---

Cenário e supervisão de figurinos: ..... ARMANDO PIAZZA FILHO e N. C. SCOTTI  
 Assistente de direção: ..... LUIZ CARLOS MACIEL

Direção de MÁRIO DE ALMEIDA

**SANDRO**  
Presenta  
**TEATRO POPULAR DE ARTE  
DE BRASIL**



CON  
**MARIA DELLA COSTA**  
**TEATRO SOLIS**  
TEMPORADA 1957

La Alondra (O Canto da Cotovia)

## 1955

- ***Feliz Viagem a Trenton***

De Thornton Wilder

Direção de Carlos Murтинho

Elenco: Maria de Lourdes Aganostopoulos, Lúcia Mello, Fernando Peixoto, Nilton Carlos Scotti, Sérgio Ângelo, etc

Teatro Universitário da União Estadual de Estudantes de Porto Alegre

- ***O Muro (Le Mur)***

De Jean-Paul Sartre

Direção: Carlos Murтинho

Elenco: Antonio Abujamra, Fernando Peixoto, etc.

Teatro Universitário da UEE, Porto Alegre

231

- ***Uma Mulher e Três Palhaços (Voulez Vous Jouer Avec Moê?)***

De Marcel Achard

Direção: Silva Ferreira

Tradução: Álvaro Moreyra

Elenco: Fernando Peixoto, Lygia Beatriz Carotenutto, Antonio Abujamra, Nilton Carlos Scotti, Armando Piazza Filho, Killer

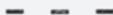
Teatro Universitário da UEE, Porto Alegre

## 1954

- ***A Corda (The Rope)***

De Patrick Hamilton

**MARIA DELLA COSTA** Consagrada por el público y la crítica de Brasil, como una de las mayores figuras del teatro brasileño, *Maria Della Costa* comienza ahora a proyectarse en el escenario internacional. El último número de "PARIS THEATRE", el prestigioso órgano teatral francés, se refiere así a la notable intérprete brasileña en crónica dedicada a *Maria Della Costa*: "El "SACI" (premio instituido por el Estado de San Pablo a la mejor interpretación femenina) que *Maria Della Costa* recibió por su Juana de Arco en "La Alondra" de Anouilh, tiene una resonancia muy considerable. El no se limita a coronar solamente una creación, sino también un esfuerzo que ya dura ocho años. No es solamente la recompensa a una actriz, sino a la mujer de teatro, que aprendió su oficio sin sucumbir jamás a la tentación del éxito fácil. Una mujer que es a su modo, una alondra al mismo tiempo modesta y desbordante de una enorme confianza y fe".



S A N D R O . El incansable batallador en pro de un mejor teatro en el Brasil, consiguió proyectar a través del "Teatro Popular de Arte", el buen nombre del arte teatral brasileño en tierras de Europa. Después de haber recorrido con *Maria Della Costa* por casi todo el Brasil, en un trabajo de "pionero" SANDRO concretó un sueño que para muchos parecía constituir una temeridad: Llevar a Europa el teatro del Brasil. Llegó y triunfó. Es una demostración más del espíritu de empresa y de amor al ideal, que abrazó conjuntamente con *Maria Della Costa*.

**PROGRAMACIONES DEL "TEATRO POPULAR DE ARTE DE BRASIL"**

Reposic.	JUEVES 7	- Hora 18.30	"LA ALONDRA"
Reposic.	JUEVES 7	- Hora 21.45	"LA ALONDRA"
Estreno	VIERNES 8	- Hora 22.00	"MORAL EM CONCORDATA" de Abilio P. de Almeida
Reposic.	SABADO 9	- Hora 18.30	"MORAL EM CONCORDATA"
Estreno	SABADO 9	- Hora 22.00	"LA P... RESPETUOSA" de Jean Paul Sartre
Reposic.	DOMINGO 10	- Hora 18.30	"LA P... RESPETUOSA"
Despedida Estreno	DOMINGO 10	- Hora 22.00	"MIRANDOLINA" de Carlo Goldoni

SANDRO en nombre del Teatro Popular de Arte de Brasil, agradece a quienes hicieron posible esta temporada en Montevideo y particularmente a la Embajada del Brasil, a la Comisión de Teatros Municipales y al Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño.

# TEATRO SOLIS

Bajo la dirección de la Comisión de Teatros Municipales

Temporada del

## Teatro Popular de Arte de Brasil

Miércoles 6 de Noviembre, a las 21 y 45 hs.

# LA ALONDRA

(O Canto da Cotovia)

de JEAN ANOUILH

Versión en portugués de M. Silva y R. Alvim

### REPARTO

Delfin .....	Joaquín Guimarães	Padre de Juana .	Glênio Pères
Paje .....	João Carlos Caldasso	Hermano de Juana	Fernando Peixoto
Reina Madre ....	Alba Fae Drich	Soldado 1.º ....	Sidnei Fonseca
Reina Joven ....	Rosa Maria Murтинho	Soldado 2.º ....	Julio Prates
Agnes .....	Joselita Alvarenha	El Inquisidor ...	Rubens Teixeira
Arzobispo .....	José Pupe	Beaudricourt ...	Ricardo Hoepfer
La Tremouille ...	Osmar Lara	Conde de Warwick	Luiz Tito
Promotor .....	Benjamin Cattan	Cauchon .....	Edmundo López
Ladvenu .....	Serafin González	Boudesse .....	Ruy Silva
Juana .....	María Della Costa	Carrasco .....	G. Pères
Madre de Juana .	Ilema de Castro		

Producción y Supervisión Escénica: SANDRO POLLONI

Dirección y Puesta en Escena: GIANNI RATTO

Escenografía de **Gianni Ratto**

Bocetos de Vestuario de **Luciana Petruccelli**

realizados por Helena Santin

Regisseur Asistente: **Jean Jacques**

Sombrerería: Simone

Jefe Maquinista: José Barros

Peluquería Teatral: S. Kravinhenko

Jefe Electricista: Enor Fonseca

H  
A  
M  
L  
E  
T



S  
H  
A  
K  
E  
S  
P  
E  
A  
R  
E

Direção: Silva Ferreira  
Cenário: Armando Piazza Filho  
Elenco: Fernando Peixoto, Silva Ferreira, Loris Melecchi, Fernando de Castro, Heloisa Martin, Vinicius Salvatori, Yetta Moreira  
Produção do Teatro do Estudante do Rio Grande do Sul (Porto Alegre e Interior do Estado)

• ***O Noviço***

De Martins Penna

Direção de Silva Ferreira

Elenco: Loris Melecchi, Yetta Moreira, Fernando Peixoto, Heloisa Martin, Silva Ferreira, Vinicius Salvatori, Carlos Heitor, Angelica Panuncian, Boris Heinrich, Fernando de Castro

Teatro do Estudante do Rio Grande do Sul (Capital e Interior do Estado)

235

**1953**

• ***Os Holandeses no Brasil***

De Padre José Solari

No Colégio Anchieta, Porto Alegre

Alunos: Fernando Peixoto, Pio Fiori de Azevedo, Ronaldo da Costa, Oscar F. Fontoura, José G. Dias, Raul Englert, Helmut Rudiger, etc.

Estréia 30 de agosto de 1953

# HAM

## CINCO ATOS DE WIL PELA COMEDIA

CLAUDIO, rei da Dinamarca.....	Athayde de Carvalho
HAMLET, filho do falecido rei, e so- brinho do presente.....	Wilson Fragoso
POLÔNIO, camareiro mór .....	Gerson Luiz
HORACIO, amigo de Hamlet.....	Amilton Fernandes
LAERTES, filho de Polônio.....	Antonio Abujamra
ROSENCRANTE, cortezão .....	Fábio Silveira
SACERDOTE . . . . .	Ruy Paixão
BERNARDO, oficial .....	Pedro Aurélio
MARCELO, oficial .....	Vinicius Salvadori
1º ATOR .....	{ Fernando Peixoto
1º COVEIRO .....	
ATORES DA PANTOMIMA .....	Corpo de baile de Tony Seitz Petzhold
2º COVEIRO .....	Davi Camargo
FORTINBRAZ, príncipe da Noruega ..	Ricardo Hoepfer
GERTRUDES, rainha da Dinamarca e mãe de Hamlet .....	Beatriz Regina
OFELIA, filha de Polônio .....	Themis Reverbel da Silveira
FANTASMA DO PAI DE HAMLET ..	Renato Ramos
DAMAS, FIDALGOS e SOLDADOS.	

DIREÇÃO — SILV

# LET

---

---

---

---

---

---

---

---

## LIAM SHAKESPEARE DA PROVINCIA

TRADUÇÃO . . . . .	Tristão da Cunha
CENÁRIO E VESTUÁRIO . . . . .	Nelson Boeira Faedrich
TRAJES DA PANTOMIMA . . . . .	Cladys Aranha
ARMADURAS (desenho e execução) .	Killer
1º Vestido de Ofélia . . . . .	Mary Steigleder
2º Vestido de Ofélia . . . . .	Odite
Roupa de Hamlet (execução) . . . . .	Julia Eiffler
Cenário (execução) . . . . .	Natalício Gomes
Pantomima — A Ratoeira — . . . . .	Tony Seitz Petzhold
Treinador de esgrima . . . . .	Prof. Mario A. Queiroz
LUZES . . . . .	Paulo Souza e Adão
CANÇÕES DE OFELIA . . . . .	Natho Henn
SONOPLASTIA . . . . .	Pedro Amaro
MAQUINISTAS . . . . .	Equipe do Teatro S. Pedro

---

*A Comédia da Província agradece:*

*A Tony Seitz Petzhold, às rádios Farroupilha, Gaúcha e Difusora pela boa vontade em ceder os seus elementos e pela porpaganda efetuada em suas transmissões, à imprensa local pelo apoio irrestrito, ao Ginásio Sparta, ao "35" Centro de Tradições Gaúchas e às firmas Brenner, Klaser e Cia. Ltda. de Novo Hamburgo e F. G. Schmidt e Cia. de São Leopoldo*



*Prêmio Molière 1973, Osmar Rodrigues Cruz, Fernando e Gianfrancesco Guarnieri*



**O**  
**Teatro do Estudante**  
**do**  
**Rio Grande do Sul**



**Apresenta**

# O Noviço

DE  
MARTINS PENA

## Personagens :

Ambrósio .....	<i>Loris Melecchi</i>
Florência .....	<i>Yetta Moreira</i>
Juca .....	<i>Fernando Peixoto</i>
Emília .....	<i>Heloisa Martin</i>
Carlos .....	<i>Silva Ferreira</i>
Padre Mestre dos Noviços .....	<i>Vinicius Salvadori</i>
Meirinho .....	<i>Carlos Heitor</i>
Rosa Escolástica .....	<i>Angélica Panucian</i>
José .....	<i>Boris Heinrich</i>
Jorge .....	<i>Fernando de Castro</i>

— o O o —

DIREÇÃO DE .....	<i>Silva Ferreira</i>
GUARDA ROUPA .....	<i>Maria Martin</i>
Contra regra de .....	<i>Boris Heinrich</i>
Maquinista .....	<i>José Beras</i>
Acompanhantes .....	<i>Srna. Dr. Luis Martin e</i> <i>Srna. Nair Moreira</i>

— o O o —

Moveis .....	
Objetos de cena .....	

## Antes de levantar o pano

Escolhemos "**O NOVIÇO**", pela sua arquitetura excelente, pelo tom brasileiro que retrata tão bem a época da ação e pelo seu humorismo frio e saudável.

**Martins Pena** provou mais uma vez, com essa comédia, as qualidades que o colocaram como um dos altos marcos do nosso teatro. Representada tantas vezes (os últimos sucessos dessa peça foram colhidos pelo Teatro do Estudante do Brasil na nona viagem pelos estados do norte e por **Bibi Ferreira** e sua companhia, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro) "**O NOVIÇO**" é sempre oportuno e engraçado, despertando em qualquer platéia o riso franco e sadio que é a maior consagração para obras desse gênero.

**Silva Ferreira**

Pôrto Alegre — janeiro de 54.



### Opiniões sôbre SILVA FERREIRA

**Silva Ferreira** é atualmente, entre nós, o mais autorizado representante das diretrizes de Jean Louis Barrault. (Joaquim Ribeiro Fo.)

Vê-lo e conversar com êle foi um dos maiores prazeres que tive na minha ida a Paris. A gente depois de vê-lo trabalhar, começa a crer em teatro brasileiro. P. Lima ou B. B. C. de Londres

Cumprí com a minha missão e hoje del ao Brasil mais um grande diretor. Um diretor que começa por onde os outros acabam.

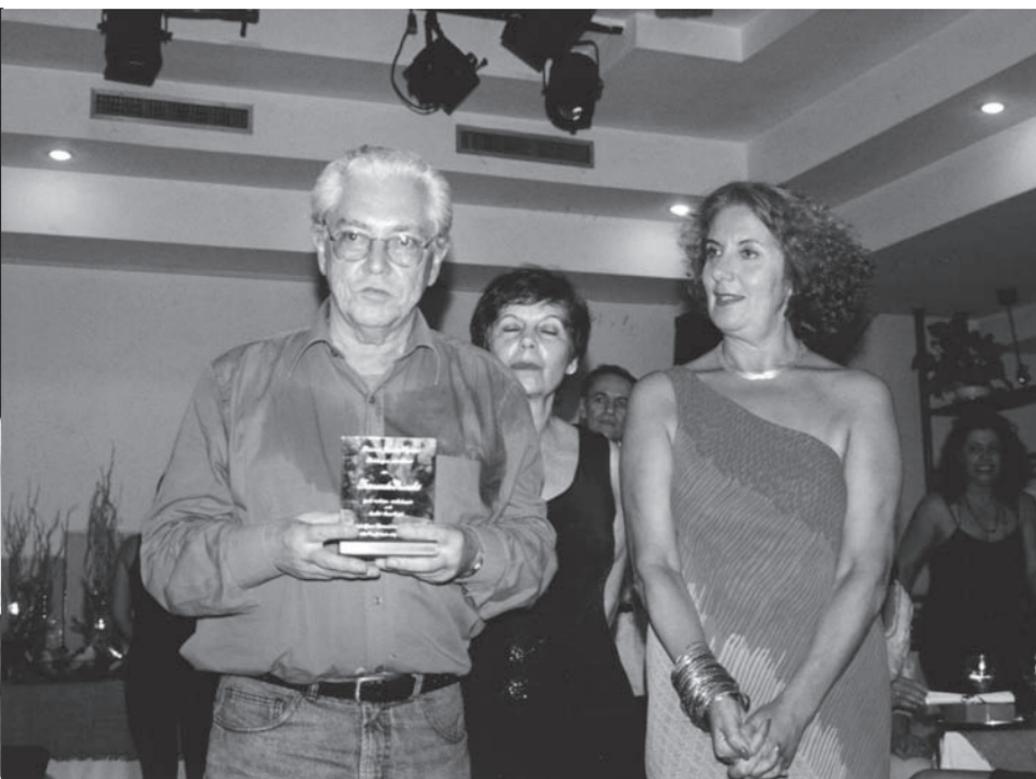
P. C. M. — Estréia de Romeu e Julieta de Shakespeare.

(Paschoal Carlos Magno — Vereador no D. F. — Secretário da Câmara — Diretor do T. do Estudante do Brasil e Critico de teatro do Correio da Manhã.





*Festival de Curitiba de 1998, com Tônia Carrero*



*Prêmio Gastão Tojeiro, com Neusa Velasco e Analy Alvarez, 2002*

**Televisão** (ator, autor, diretor, etc.)

**1999**

• ***Terra Nostra***

De Benedito Ruy Barbosa

Direção: Jayme Momjardim

Participação como ator (Funcionário I) no segundo capítulo

Elenco: Raul Cortez, Ana Paula Arósio, Thiago Lacerda, Antonio Caloni, Paulo Figueiredo, Angela Vieira, Carlos Landucci, etc.

TV Globo (Rio de Janeiro)

Gravado no Porto de Santos em 19 de junho de 1999

Ainda no elenco: Bete Mendes, Lu Grimaldi, etc.

244

**1996**

• ***Antonio Alves, Taxista***

De Alberto Migré

Direção: Jorge Montero

Produção: Omar Romay (Argentina) para SBT (São Paulo)

Tradução: Ronaldo Ciambromi

Elenco: Fábio Jr., Guilhermina Guinle, Branca de Camargo, Rubens Caribé, Fernando Peixoto (Advogado Rogério Vargas Fandinho), Edney Giovenazzi, Antonio Abujamra, Eliete Cigarini, Serafim Gonzales, Bibi Vogel, Daniela Camargo, Rosali Papadopol, Vanessa Alves, Homero Kosak, etc.

Gravado em Buenos Aires (Ronda Studios) em 1996 (co-produção Argentina / Brasil)

1985

• ***Senhora dos Afogados***

Peça de Nelson Rodrigues

Adaptação para televisão: Carlos Queiroz Telles

Direção: Antonio Abujamra

Elenco: João José Pompeu, Françoise Fourton, Ciça Camargo, Fernando Peixoto, Hugo Rhodas, Paulo Gorgulho, etc.

Produção: RTC

Gravado em 1º de julho de 1985

1983

• ***Memórias de um Menino de Negócios***

Caso-verdade de José Antônio de Souza, adaptado do livro de Wilson Martins da Silva

Direção: Attílio Riccò

Cenografia e Figurinos: Luiz Fernando

Elenco: Ulisses Bezerra, Georgia Gomide, Eduardo Abbas, Fernando Peixoto, Ivana Bonifácio, Cristina Medeiros, Flora Fernandes, Lilian Vizzacchero, Henrique Lisboa, Antonio Leite, Wanderley Martins, Leonora Prado, Ricardo Ostrowere e outros (Personagem: Domingos)

Produção da Rede Globo de Televisão, São Paulo (gravado em Águas de Lindóia, maio de 1983).

Em 5 capítulos

**1982**

• ***O Tronco do Ipê***

Telerromance de Edmara Barbosa, adaptação livre de romance de José de Alencar

Direção: Ítalo Morelli

Produção: Marina Sú

Câmera: Moacyr Suto Jr. (Patinhas)

Cenografia e Figurinos: Tony Fernandes

Elenco: Fúlvio Stefanini, Maria Isabel de Lisandra, Silvana Teixeira, Zaíra Bueno, Fernando Peixoto, Ivete Bonfá, Sebastião Campos, Felipe Donovan, Zenaide Acaiabe, Ivana Bonifácio, Orlando Barros, Maria Fernanda, Tereza Convá, Luiz Zafaion, Maria Luiza Castelli, etc. (personagem:

246 Conselheiro Lopes)

Produção da Rádio Televisão Cultura

São Paulo (gravado na Fazenda 3 Pedras, próximo a Campinas). Em 20 capítulos

**1981**

• ***Floradas na Serra***

Telerromance de Geraldo Vietri, baseado no romance de Dinah Silveira de Queiroz.

Direção: Attílio Riccó

Assistente de Direção: Emilio di Biasi

Produção: Pedro Vieira

Assistente de produção: Rosani Madeira

Elenco: Bete Mendes, Carmem Menegal, Fernando Peixoto, Amauri Alvares, Walter Breda, Clau-

dia de Castro, Cássia Lima, Sérgio Buck, Marcus Caruso, Elisabeth Hartmann, Ivette Bonfá, Cleyde Yáconis, Wilma Guerreiro, Déborah Seabra, Edson França, Edzel Britto, Silvana Teixeira, Emílio di Biasi, etc.

Produção: RTC - Rádio Televisão Cultura, São Paulo (Gravado em Campos do Jordão)

Em 20 Capítulos

Papel: Bruno

• ***Caiu na Vida***

Teleconto de Lucy Villares, baseado no conto de Miroel Silveira

Direção de Attilio Riccò

Assistente de direção: Fernando Peixoto

Participação especial como ator: Fernando Peixoto (como Fagundes)

Elenco: Marcus Caruso, Jussara Freira, Antonio Pitanga, Fernando Peixoto, Elza Maria, Sérgio Buck, Edson França, Marcos Frota, Andréa Leão, Zé Carlos Andrade, Lucila Rudge Telles, Sonia Samayo, Edzel Britto, etc.

Produção RTC- Rádio Televisão Cultura, São Paulo. Em 5 capítulos

• ***Puçanga***

Teleconto de Consuelo de Castro, baseado no conto *Puçanga* de Peregrino Júnior

Direção: Attílio Riccò

Assistente de direção: Fernando Peixoto

Produção: Célia Regina

Elenco: Fernando Peixoto, Amaury Alvares, Maria Isabel de Lisandra, Silvana Teixeira, Andréa Leão, Flávio Porto, Yara Lins, Jacques Militello, etc.

Produção: RTC - Rádio Televisão Cultura, São Paulo. Em 5 capítulos

Personagem: Meneses

• ***O Resto é Silêncio***

Telerromance de Mário Prata inspirado no romance de Érico Veríssimo

Direção: Arlindo Pereira

Produção: Pedro Paulo Zuppo (coordenação geral), Eliane, Misaky e Rosane Madeira.

248 Elenco: Fernando Peixoto, Carmem Monegal, Kate Hansen, Flávio Galvão, Edson França, Silvana Helena, Beth Caruso, Wilma de Aguilar, Maria Luiza Castelli, Oswaldo Campozana, Enio Gonçalves, Rodrigo Santiago, José Fernandes, Sérgio Buck, Walter Santos, Nair Cristina, etc.

Personagem: Antonio Santiago.

Produção: Rádio Televisão Cultura

Em 20 Capítulos (participação nos 10 primeiros)

• ***Maria Stuart***

Telerromance de Carlos Lombardi, adaptação livre da peça de Friedrich Schiller

Direção: Edison Braga e Fernando Peixoto

Produção: Pedro Paulo Zuppo e Pedro Vieira

Elenco: Kate Hansen, Nathália Timberg, Diogo Vilela, Fernando Peixoto, Rita Cléos, Denise del Vecchi, Amaury Alvares, Nancy Galvão, Raimundo de Souza, Liana Duval, Walter Forster, Malú Pessin, Lélia Abramo

Personagem: Jorge.

Produção: Rádio Televisão Cultura  
São Paulo. Participação em 20 Capítulos

### **1979**

- ***Um Grito Parado no Ar***

De Gianfrancesco Guarnieri

Com direção de Paulo José, baseada na direção original de Fernando Peixoto

Montagem na TV Globo

Rio de Janeiro

249

### **1976**

- ***Em Cima da Hora***

Texto de Paulo Pontes e Armando Costa

Com direção de Fernando Peixoto

Caso-verdade para a TV Globo

Rio de Janeiro

- ***O Sonho***

De Gianfrancesco Guarnieri

Com direção de Fernando Peixoto

Caso-verdade para a TV Globo

Rio de Janeiro

**1975**

• ***Édipo Rei***

De Sófocles

Texto de Fernando Peixoto com G. Guarnieri,  
adaptação para Caso Especial

São Paulo

• ***O Último dia de Lampião***

Texto de Fernando Peixoto com Maurice Capovila

Com direção de M. Capovila

Filmado pela Blimp Filmes,

TV Globo, Rio de Janeiro

**1968**

250

BBC de Londres

Fernando Peixoto é entrevistado na rádio

**1964**

• ***Toda Donzela tem um Pai que é uma Fera***

De Gláucio Gil

Com direção de José Celso M. Correa

Como ator (Fernando Peixoto)

Canal 9, São Paulo

• ***O Cimento***

De Gianfrancesco Guarnieri

Com direção de Fernando Peixoto

Gravado em videoteipe no canal 4 de Montevídeu, Uruguai

## **Índice**

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução	11
Primeiro o Cinema, depois o Fascínio pelo Teatro	15
Memórias do Teatro – Um Intruso Determinado	21
Revelando o Teatro	131
Bibliografia de Fernando Peixoto	137
História de uma Carreira	139



## **Crédito das Fotografias**

Todas as fotografias pertencem ao acervo pessoal de Fernando Peixoto, salvo indicação em contrário

Adriana Fritzen 206

Carlos 61, 74, 215

Folha da Tarde 46, 107

Jean Pierre Appy 157

João Caldas 156

Lenise Pinheiro 78

Luiz Sérgio 65

Patrícia Leeson 122, 123

Preto e Branco/Emerson 242

Richard Sasso 104

Simone de Almeida 203

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.



## **Coleção Aplauso**

### **Série Cinema Brasil**

#### ***Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma***

Alain Fresnot

#### ***Agostinho Martins Pereira – Um Idealista***

Máximo Barro

#### ***O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias***

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

#### ***Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro***

Luiz Carlos Merten

#### ***Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma***

Rodrigo Murat

#### ***Ary Fernandes – Sua Fascinante História***

Antônio Leão da Silva Neto

#### ***O Bandido da Luz Vermelha***

Roteiro de Rogério Sganzerla

#### ***Batismo de Sangue***

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

#### ***Bens Confiscados***

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

#### ***Braz Chediak – Fragmentos de uma vida***

Sérgio Rodrigo Reis

#### ***Cabra-Cega***

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

#### ***O Caçador de Diamantes***

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

***Carlos Coimbra – Um Homem Raro***

Luiz Carlos Merten

***Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver***

Marcelo Lyra

***A Cartomante***

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

***Casa de Meninas***

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

***O Caso dos Irmãos Naves***

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

***O Céu de Suely***

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

***Chega de Saudade***

Roteiro de Luiz Bolognesi

***Cidade dos Homens***

Roteiro de Elena Soárez

***Como Fazer um Filme de Amor***

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

***O Contador de Histórias***

Roteiro de Maurício Arruda, José Roberto Torero, Mariana Verfssimo e Luiz Villaça

***Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade***

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

***Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade***

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:***

***Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

***Críticas de Rubem Biáfara – A Coragem de Ser***

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

***De Passagem***

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

***Desmundo***

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

***Djalma Limongi Batista – Livre Pensador***

Marcel Nadale

***Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro***

Jeferson De

***Dois Córregos***

Roteiro de Carlos Reichenbach

***A Dona da História***

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

***Os 12 Trabalhos***

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

***Estômago***

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

***Fernando Meirelles – Biografia Prematura***

Maria do Rosário Caetano

***Fim da Linha***

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

***Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil***

Luiz Zanin Oricchio

***Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior***

Klecius Henrique

***Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo***

Luiz Zanin Oricchio

***Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas***

Pablo Villaça

***O Homem que Virou Suco***

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

***Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir***

Remier

***João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias***

Maria do Rosário Caetano

***Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera***

Carlos Alberto Mattos

***José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina***

Marcel Nadale

***José Carlos Burle – Drama na Chanchada***

Máximo Barro

***Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção***

Renata Fortes e João Batista de Andrade

***Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema***

Alfredo Sternheim

***Maurice Capovilla – A Imagem Crítica***

Carlos Alberto Mattos

***Mauro Alice – Um Operário do Filme***

Sheila Schvarzman

***Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra***

Antônio Leão da Silva Neto

***Não por Acaso***

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

***Narradores de Javé***

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

***Onde Andará Dulce Veiga***

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

***Orlando Senna – O Homem da Montanha***

Hermes Leal

***Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela***

Rogério Menezes

***Quanto Vale ou É por Quilo***

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

***Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar***

Rodrigo Capella

***Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente***

Neusa Barbosa

***Salve Geral***

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

***O Signo da Cidade***

Roteiro de Bruna Lombardi

***Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto***

Rosane Pavam

***Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto***

Carlos Alberto Mattos

***Viva-Voz***

Roteiro de Márcio Alemão

***Zuzu Angel***

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

**Série Cinema**

***Bastidores – Um Outro Lado do Cinema***

Elaine Guerini

## **Série Ciência & Tecnologia**

***Cinema Digital – Um Novo Começo?***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

***A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

## **Série Crônicas**

***Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças***

Maria Lúcia Dahl

## **Série Dança**

***Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal***

Sérgio Rodrigo Reis

## **Série Teatro Brasil**

***Alcides Nogueira – Alma de Cetim***

Tuna Dwek

***Antenor Pimenta – Circo e Poesia***

Danielle Pimenta

***Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral***

Alberto Guzik

***Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício***

Org. Carmelinda Guimarães

***Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão***

Org. José Simões de Almeida Júnior

***Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito***

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

***João Bethencourt – O Locatário da Comédia***

Rodrigo Murat

***Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher***

Eliana Pace

***Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab***

Adélia Nicolete

***Maurice Vaneau – Artista Múltiplo***

Leila Corrêa

***Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem***

Rita Ribeiro Guimarães

***Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC***

Nydia Licia

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera  
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –  
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-  
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos  
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona  
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

***Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar***

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –  
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas  
em Cena***

Ariane Porto

## Série Perfil

***Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo***

Tania Carvalho

***Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção***

Alfredo Sternheim

***Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros***

Rogério Menezes

***Bete Mendes – O Cão e a Rosa***

Rogério Menezes

***Betty Faria – Rebelde por Natureza***

Tania Carvalho

***Carla Camurati – Luz Natural***

Carlos Alberto Mattos

***Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício***

Tania Carvalho

***Celso Nunes – Sem Amarras***

Eliana Rocha

***Cleyde Yaconis – Dama Discreta***

Vilmar Ledesma

***David Cardoso – Persistência e Paixão***

Alfredo Sternheim

***Denise Del Vecchio – Memórias da Lua***

Tuna Dwek

***Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas***

Reinaldo Braga

***Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida***

Maria Leticia

***Etty Fraser – Virada Pra Lua***

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética***

Reni Cardoso

***Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério***

Neusa Barbosa

***Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira***

Eliana Pace

***Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar***

Sérgio Roveri

***Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema***

Maria Angela de Jesus

***Ilka Soares – A Bela da Tela***

Wagner de Assis

***Irene Ravache – Caçadora de Emoções***

Tania Carvalho

***Irene Stefania – Arte e Psicoterapia***

Germano Pereira

***Isabel Ribeiro – Iluminada***

Luis Sergio Lima e Silva

***Joana Fomm – Momento de Decisão***

Vilmar Ledesma

***John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida***

Neusa Barbosa

***Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão***

Nilu Lebert

***José Dumont – Do Cordel às Telas***

Klecius Henrique

***Leonardo Villar – Garra e Paixão***

Nydia Licia

***Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral***

Analu Ribeiro

***Lolita Rodrigues – De Carne e Osso***

Eliana Castro

***Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa***

Vilmar Ledesma

***Marcos Caruso – Um Obstinado***

Eliana Rocha

***Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária***

Tuna Dwek

***Marisa Prado – A Estrela, O Mistério***

Luiz Carlos Lisboa

***Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição***

Renato Sérgio

***Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão***

Vilmar Ledesma

***Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família***

Elaine Guerrini

***Nívea Maria – Uma Atriz Real***

Mauro Alencar e Eliana Pace

***Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras***

Sara Lopes

***Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador***

Teté Ribeiro

***Paulo José – Memórias Substantivas***

Tania Carvalho

***Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado***

Tania Carvalho

***Regina Braga – Talento é um Aprendizado***

Marta Góes

***Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto***

Wagner de Assis

***Renata Fronzi – Chorar de Rir***

Wagner de Assis

***Renato Borghi – Borghi em Revista***

Élcio Nogueira Seixas

***Renato Consorte – Contestador por Índole***

Eliana Pace

***Rolando Boldrin – Palco Brasil***

Ieda de Abreu

***Rosamaria Murtinho – Simples Magia***

Tania Carvalho

***Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro***

Nydia Licia

***Ruth de Souza – Estrela Negra***

Maria Ângela de Jesus

***Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema***

Máximo Barro

***Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes***

Nilu Lebert

***Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte***

Vilmar Ledesma

***Sônia Guedes – Chá das Cinco***

Adélia Nicolete

***Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro***

Sonia Maria Dorce Armonia

***Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?***

Maria Thereza Vargas

***Suely Franco – A Alegria de Representar***

Alfredo Sternheim

***Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra***

Sérgio Roveri

***Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza***

Tania Carvalho

***Umberto Magnani – Um Rio de Memórias***

Adélia Nicolete

***Vera Holtz – O Gosto da Vera***

Analu Ribeiro

***Vera Nunes – Raro Talento***

Eliana Pace

***Walderez de Barros – Voz e Silêncios***

Rogério Menezes

***Zezé Motta – Muito Prazer***

Rodrigo Murat

## **Especial**

***Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso***

Wagner de Assis

***Beatriz Segall – Além das Aparências***

Nilu Lebert

***Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos***

Tania Carvalho

***Cinema da Boca – Dicionário de Diretores***

Alfredo Sternheim

***Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira***

Antonio Gilberto

***Eva Todor – O Teatro de Minha Vida***

Maria Angela de Jesus

***Eva Wilma – Arte e Vida***

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do  
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

***Lembranças de Hollywood***

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

***Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida***

Warde Marx

***Ney Latorraca – Uma Celebração***

Tania Carvalho

***Raul Cortez – Sem Medo de se Expor***

Nydia Licia

***Rede Manchete – Aconteceu, Virou História***

Elmo Francfort

***Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte***

Nydia Licia

***Tônia Carrero – Movida pela Paixão***

Tania Carvalho

***TV Tupi – Uma Linda História de Amor***

Vida Alves

***Victor Berbara – O Homem das Mil Faces***

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado***

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m<sup>2</sup>

Papel capa: Triplex 250 g/m<sup>2</sup>

Número de páginas: 272

Editoração, CTP, impressão e acabamento:  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

## **Coleção Aplauso Série Perfil**

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Ana Lúcia Charnyai Fátima Consales
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

---

Balbi, Marília

Fernando Peixoto: em cena aberta / Marília Balbi – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

272p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-784-3

1. Teatro – Brasil – História e crítica. 2. Teatro – Produtores e Diretores – Biografia 3. Teatro - Literatura 4. Peixoto, Fernando, 1937. I. Ewald Filho, Rubens II. Título. III. Série.

CDD 792.098 1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro brasileiro : História e crítica 792.098 1
2. Teatro : Literatura : História e crítica 809.2

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização  
prévia do autor ou dos editores  
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal  
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Rua da Mooca, 1921 Mooca  
03103-902 São Paulo SP  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)  
[livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)  
SAC 0800 01234 01  
[sac@imprensaoficial.com.br](mailto:sac@imprensaoficial.com.br)

Coleção *Applauso* | em todas as livrarias e no site  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)



Ator, diretor, ensaísta, tradutor, **Fernando Peixoto** foi ator e jornalista em sua terra natal, Porto Alegre, mudando-se para São Paulo em 1963, ligando-se ao momento mais importante do Grupo de Teatro Oficina, onde teve participação marcante em espetáculos como *Pequenos Burgueses*, *Andorra*, *O Rei da Vela*, *Galileu Galilei* e *Na Selva das Cidades*, todas direções de José Celso Martinez Correa. Mais tarde, no Teatro de Arena, participou de *Arena conta Zumbi*, de Gianfrancesco Guarnieri e Boal.



Também diretor de espetáculos importantes como *Um Grito Parado no Ar*, de Guarnieri, *Calabar*, de Chico Buarque e Ruy Guerra, *Tambores da Noite* e *Terror e Miséria do Terceiro Reich*, ambos de Brecht, de quem é um dos maiores especialistas no Brasil.



Tradutor de muitas peças, ator em muitos filmes, autor de vários livros e editor, dirigiu coleções nas editoras Paz e Terra, Hucitec, foi premiado com o APCA e Molière por *Um Grito Parado no Ar* e *Frank V*. Sua trajetória é contada pela primeira vez neste livro-depoimento da jornalista **Marília Balbi**.



Mais um livro da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, no seu trabalho de resgate e registro da história cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-784-3



9 788570 607843